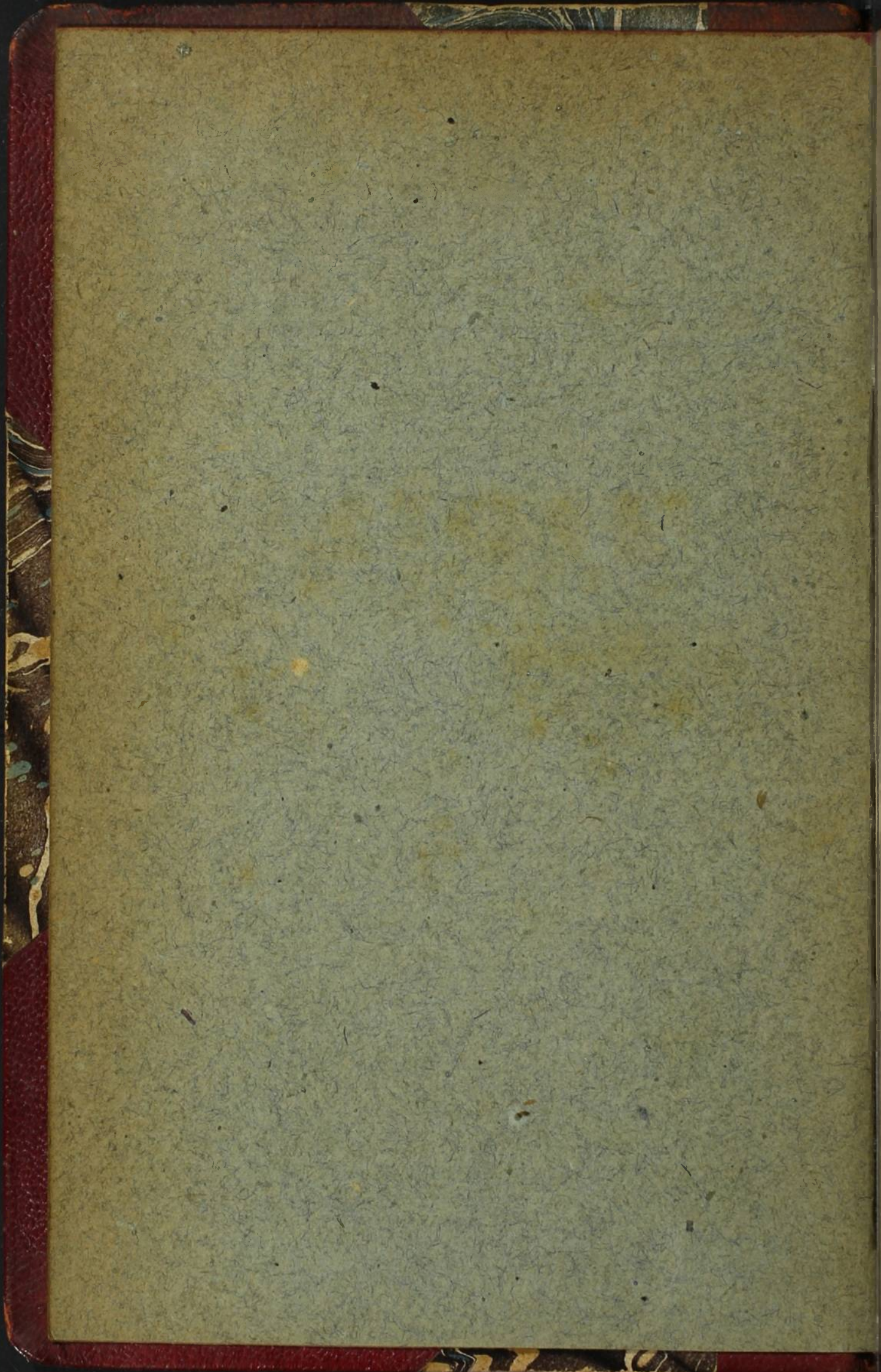


TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO

WERNER, LIMA & Cia.

R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO



BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Romances, Viagens, Politica, Poesias, etc.

Collecção em 8° a 2\$000

ARSENIO HOUSSAYE

MADemoisELLE

MARIANI

HISTORIA PARIZIENSE

TRADUCÇÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-Editor do Instituto Historico

65 — RUA DO OUVIDOR — 65

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

OBRAS DIVERSAS

J. de Alencar

- O GUARANY, rom. brasileiro, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. 8\$000
 O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª ed. 1 v. br. 1\$500
 MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$000
 VERSO E REVERSO, com. em 2 actos, 2ª ed. 1 v. br.. 1\$000
 AS AZAS DE UM ANJO, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 eplioço, 2ª edição, 1 v. br... 2\$000

G. M.

- SENHORA, *perfil de mulher*,
 DIVA, *perfil de mulher*, 3ª ed.
 1 v., (no prelo).
 LUCIOLA, *perfil de mulher*, 3ª ed.
 1 v. enc..... 3\$000

J. M. de Macedo

- OS QUATRO PONTOS CARDEAES.—
 A MYSTERIOSA. Romances, 1 gr. vol. 8º, enc. 3\$. br. 2\$500
 AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. broch. 5\$, enc. 7\$000
 VICENTINA, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc..... 7\$000
 O FORASTEIRO, romance brasileiro, 2ª ed. 3 v. in-8º, enc. 7\$, br..... 5\$000
 A NEBULOSA. 1 v. enc.. 3\$500
 THEATRO COMPLETO, 3 v. enc. 9\$ encadernação dourada 12\$000

- CINCINATO QUEBRA LOUÇA, com. 1 v. in-8º br..... 2\$000
 LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º br. 2\$000
 LUSBELLA; comedia 1 v. in-8º, br..... 1\$500
 FANTASMA BRANCO, comedia 1 v. in-8º br.. 1\$500
 NOVO OTHELLO, comedia, 1 vol. in-8º br..... 8\$000
 O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br..... 1\$000

Bernardo Guimarães

- O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria de Muquem, na provincia de Goyaz, rom. de costumes nacionaes, 1 v. enc..... 3\$000

J. Norberto de S. e S.

- BRAZILEIRAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc. 2\$000
 FLORES ENTRE ESPINHOS, contos poeticos, 1 v. in-8º enc. 2\$000

Eugenio Sue

- A INVEJA, 1 v. in-fº enc. 5\$, brochado..... 4\$000
 A IBA, 1 v. in-fº enc. 3\$, b. 2\$000
 A SOBERBA, 1 v. in-4º enc. 8\$000 br..... 6\$000

Morceira de Azevedo

- MOAICO BRAZILEIRO, 1 v. in-8º enc..... 3\$000

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

- Maeç** (João).—Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina ácerca da vida do homem e dos animaes, 1 v. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
Hugo (Victor).—Noventa e tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Verne (Julio).—Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
 — O Capitão Hatteras, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Kardeç (Allan).—O Livro dos Espiritos, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Debay (A).—Phisiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000

fin
m

MADemoiselle MARIANI

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

OBRAS DIVERSAS

J. de Alencar

- O GUARANY, rom. brasileiro, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. 8\$000
 O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª ed. 1 v. br. 1\$500
 MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$000
 VERSO E REVERSO, com. em 2 actos, 2ª ed. 1 v. br.. 1\$000
 AS AZAS DE UM ANJO, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 eplioço, 2ª edição, 1 v. br... 2\$000

G. M.

- SENHORA, perfil de mulher,
 DIVA, perfil de mulher, 3ª ed.
 1 v., (no prelo).
 LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª ed.
 1 v. enc..... 3\$000

J. M. de Macedo

- OS QUATRO PONTOS CARDEAES.—
 A MYSTERIOSA. Romances, 1 gr. vol. 8º, enc. 3\$. br. 2\$500
 AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. broch. 5\$, enc. 7\$000
 VICENTINA, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc..... 7\$000
 O FORASTEIRO, romance brasileiro, 2ª ed. 3 v. in-8º, enc. 7\$, br..... 5\$000
 A NEBULOSA, 1 v. enc.. 3\$500
 THEATRO COMPLETO, 3 v. enc. 9\$ encadernação dourada. 12\$000

- CINCINATO QUEBRA LOUÇA, com.
 1 v. in-8º br..... 2\$000
 LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º br. 2\$000
 LUSBELLA; comedia 1 v. in-8º, br..... 1\$500
 FANTASMA BRANCO, comedia 1 v. in-8º br.. 1\$500
 NOVO OTHELLO, comedia, 1 vol. in-8º br..... \$500
 O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br..... 1\$000

Bernardo Guimarães

- O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria de Muquem, na provincia de Goyaz, rom. de costumes nacionaes, 1 v. enc..... 3\$000

J. Norberto de S. e S.

- BRAZILEIRAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc. 2\$000
 FLORES ENTRE ESPINHOS, contos poeticos, 1 v. in-8º enc. 2\$000

Eugenio Sue

- A INVEJA, 1 v. in-fº enc. 5\$, brochado..... 4\$000
 A IRA, 1 v. in-fº enc. 3\$, b. 2\$000
 A SOBERBA, 1 v. in-4º enc. 8\$000
 br..... 6\$000

Moreira de Azevedo

- MOZAICO BRAZILEIRO, 1 v. in-8º enc..... 3\$000

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

- Macé** (João).—Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina ácerca da vida do homem e dos animaes, 1 v. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
Hugo (Victor).—Noventa e tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Verne (Julio).—Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br 3\$000
 — O Capitão Hatteras, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Kardec (Allan).—O Livro dos Espiritos, 1 v. in-8º enc. 4\$ br 3\$000
Debay (A).—Physiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000

MADemoiselle
MARIANI

HISTORIA PARIZIENSE

POR

ARSENIO HOUSSAYE

TRADUCCÃO

DE

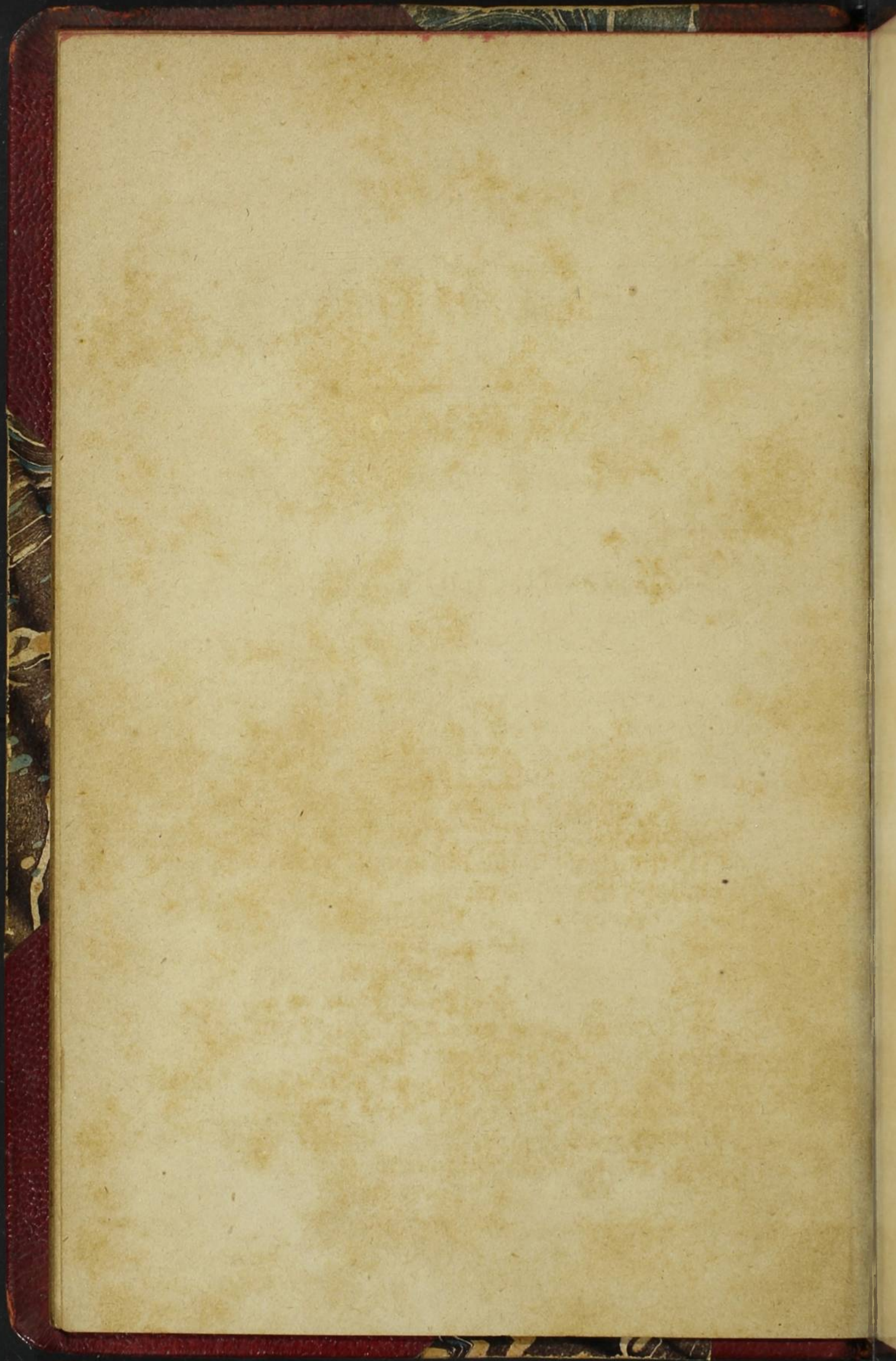
SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65 — Rua do Ouvidor — 65



PROLOGO

Conversava-se hontem em um salão ácerca das mais bonitas vinganças femininas, desde o começo do mundo.

Os homens achavam que as mulheres se vingam em demasia.

— Vingar-se ! disse um homem, é ser a gente o segundo a proceder mal.

— Vingar-se ! disse uma senhora, é o prazer dos deuses. O que é o inferno sinão uma vingança ?

— E ser justo, disse uma moça que não esquecêra o seu catechismo.

— Si eu não tivesse medo de parecer estar escrevendo um folhetim, disse um moço secretario de legação, contar-lhe-hia a mais bonita vingança de mulher que conheço.

— Pois então conte, disse a dona da casa.

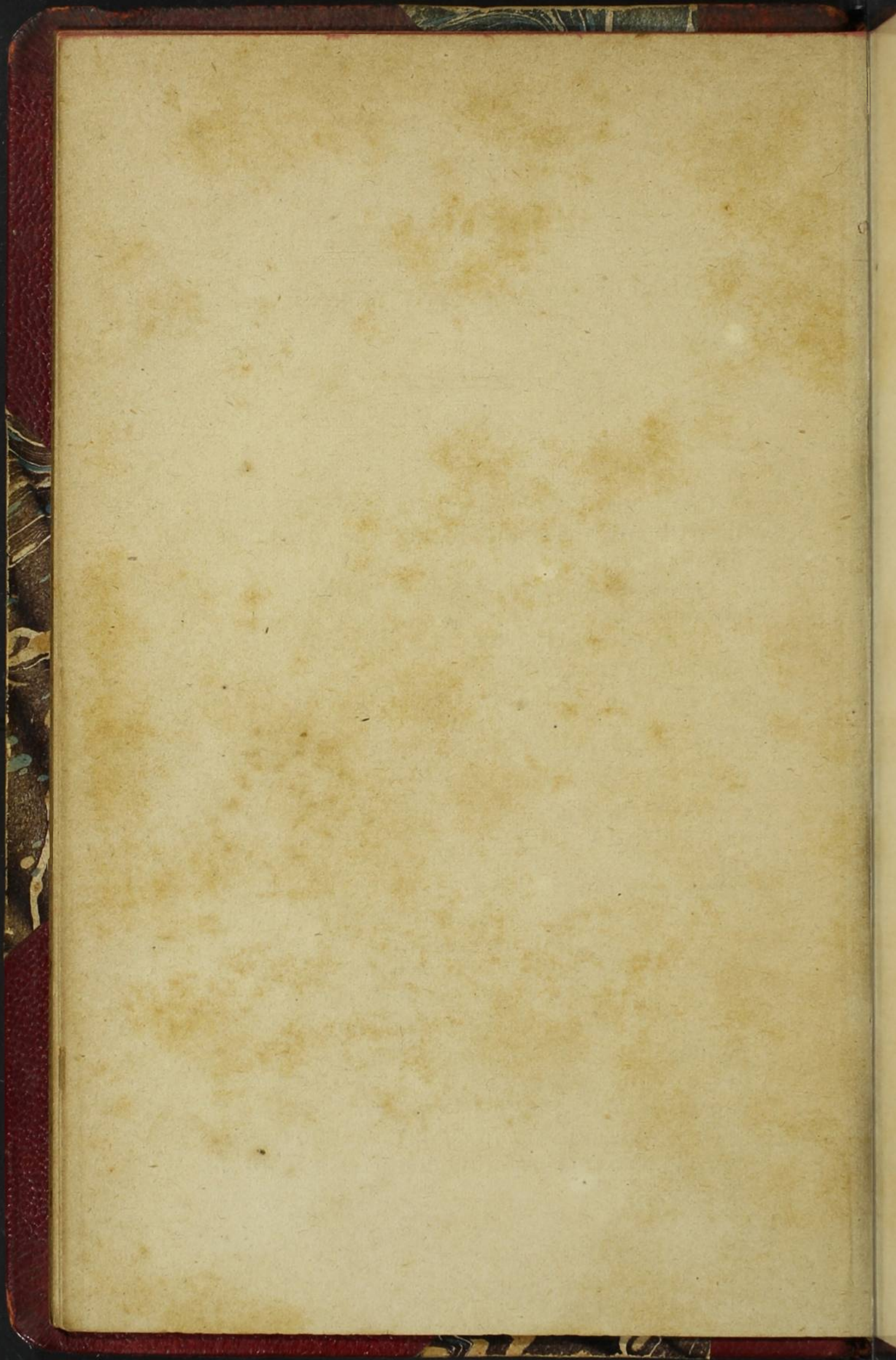
— Nada, a minha historia é muito romantica. Só a verdade atreve a se ser assim inverosimil.

— Deixemo-nos de prefacio ; conte, conte.

— Pois bem, com uma condição : é que não hão de dormir nem pedir os cavallos.

— Fique socegado ; só se faz isso com bonitos romances como *Paulo e Virginia*.

O moço secretario de legação inclinou-se com este gracejo e contou resolutamente esta historia.



MADemoISELLE MARIANI

I

O CONDE HORACIO DE ***

E' um drama totalmente pariziense. As primeiras scenas passam-se em Bade; mas vem a ser a mesma diocese desde que Bade supprimiu o Rheno.

O anno passado, — no dia 1º de Setembro de 1856, — parece me que foi hontem, — por um desses formosos dias que são tanto mais formosos em Bade quanto não se repetem todas as manhãs, tractava-se com muito interesse defronte do palacio da Conversação, de um passeio ao castello da princeza Sibylla.

— Não vás á *Favorita*.

— Não, recebi ainda agora mil francos pelo correio.

— Isso não te inibirá de ir comnosco.

— Prefiro jogar. Bem sabes que sómente gósto dos castellos de cartas.

— Repito-te que isso não te inibirá de ir á *Favorita*. Como só sahimos daqui a meia hora, irás comnosco, pois não terás nem mais um florim.

— Daqui a meia hora terei ganho com que comprar a *Favorita*, com a princeza Sibylla de quebra.

Assim fallavam deante de mim, accendendo os charutos, Horacio de***, amigo á prova d'agua e de fogo, e um principe russo, cujo nome nunca soube bem, amigo a perder de vista. Quero dizer *amigo de Bade*; pois em Pariz ou algures mal nos comprimentamos de longe em longe.

Horacio jogava o trinta e quarenta; mas jogava tambem como bom jogador o jogo da vida. Bastava vê-lo para sympathisar com a sua altivez, com o seu espirito, com as suas seducções. Era eloquente sem sabê-lo. Odiava invariavelmente as vulgaridades em voga. Havia desejado viver livre, segundo a phantasia de cada dia, mas uma paixão fatal o encerrára pouco e pouco na atmospherá dos filhos prodigos e das cortezãs.

Mal chegára a Bade ha alguns dias e já tinha perdido todo o dinheiro que trouxera. Quanto! Não o sabia, pois não o contava nunca. Estão com curiosidade de saber si meu amigo Horacio me restituiu o dinheiro que lhe emprestei-lhe: não sei. Na sua ul-

tima estada em Bade começava a comer o dinheiro do proximo. Muitos rapazes comem o dinheiro que não têm, mas conservando para os máus dias o dinheiro que têm. A gente suppõe-nos ha muito tempo arruinados ; mas, assim como ha pretendidos ricos, ha tambem pretendidos pobres. Pois tenho-os visto em publico, deante dos amigos e das amantes, psalmodiarem os nomes dos credores como uma ladainha, e, apenas chegados á casa, contarem os soldos e os dinheiros zombando dos que não os contam ! Tal não fizera Horacio. Duas tias que acertaram de morrer ao mesmo tempo, deixaram-lhe cem mil escudos, quando o pae já estava cansado de pagar-lhe os menores prazeres.

Nessa occasião, como se fallava muito de individuos arruinados na Bolsa, Horacio não commetteu a loucura de arriscar o seu dinheiro no que chamava papeis de outro systema. Depositou, como bom pae de familia, esses trezentos mil francos no Thesouro, resolvido a comê-los em tres annos, sem se lhe dar dos juros. Não está máu doudo ! dirão. Não o defendo, mas dou testemunho de que não os perdeu na Bolsa e teve a arte de viver rico durante tres annos. Chamava a isto gastar a mocidade.

No dia em que começa esta historia, já não tinha conta aberta no Thesouro, mas nem porisso estava menos moço. A sua mocidade, que limitára a tre-

sentos mil francos, não se queria ainda recolher ao tumulto, e tornava a abrir-lhe o jardim das Hesperides pela porta do trinta e quarenta. Acabava de receber mil francos de um amigo; podia tornar a ser rico antes do pôr do sol.

Bem preciso era tornar-se rico: recebêra pelo mesmo correio uma carta neste bonito estylo:

« 30 de Agosto de 1858.

« Meu bem,

« Saio e estou a chegar. Toma-me na hospedaria da Russia quatro aposentos para os meus vestidos e um para os meus chapéus. Quanto a mim, não ha de haver duvida, pois si o teu aposento estiver occupado, sei de mais de um que *se abrirão* para mim.

« OLIMPIA. »

Fôra por amor do plural que M^{lle} Olympia commettêra este erro orthographico.

II

EM QUE A FORTUNA APPRESENTA-SE
COMO DAMA DE COPAS

— Comprehendes, disse-me Horacio mostrando-me a carta, a rasão por que não posso acompanhá-los á *Favorita*.

Tinha accendido um charuto, atirou-o por cima da cabeça.

— E' o melhor charuto que tenho fumado, continuou raspando a fumaça com delicia, como si respirára os perfumes da floresta virgem de uns cabellos de vinte annos.

— Porque o deitas fóra ?

— E' um sacrificio aos deuses infernaes. Sabes que sou supersticioso. Não são os espiritos fracos que acreditam em tudo, são os espiritos fortes.

Dizendo-me estas palavras, apertou-me a mão e dirigiu-se com passo firme para o trinta e quarenta.

Mas voltou-se de subito e tornou a traz.

— Vou jogar na preta, disse-nos com tom resolutivo.

E mostrou-nos uma moça que tinha cabellos e olhos negros, mas tão negros como nunca foram as asas do corvo.

— Não a acham formosa? perguntou Horacio com subito entusiasmo. Terá ella descido ao inferno, como Psychis, para pedir um dia de belleza a Proserpina?

— Não, respondeu o principe, é uma ave do Paraiso: chamam-na Luciana Mariani. E' a rapariga mais formosa que ha em Bade; mas tem duas sentinellas que velam por ella: a mãe que quer casá-la, e Deus que a chama para o convento.

— Então conheces-la?

— Conheço-a, o anno passado representou em casa de minha irmã uma comedia com Méry e Vivier.

— Quem seria que lhe incutiou gosto pela solidão, Méry ou Vivier?

— Não, gosta da egreja como as outras gostam dos bailes. Vae todo o dia á missa.

— E' a mãe que vae com ella? Ainda é bonita.

— Oh! essa, não posso dizer-lhe o que é; é o chaos. Alexandre Dumas não lhe narraria a vida em cem volumes. Creio que vae menos á missa que a filha.

— Mas realmente a mãe é quasi tão formosa como a filha.

Nesse momento o principe deixou-nos para ir cumprimentar as duas damas.

— E eu que me esquecia de ir jogar, disse-me Horacio que ficára meditativo.

Deixou-me só defronte do mercador de tabaco. O principe veio ter commigo :

— Quasi resolvi estas damas a irem hoje á *Favorita*. Temos uma hora, exactamente o tempo de mandar tirar uma caricatura. O meu caricaturista é rapaz muito espirituoso. Quer vir ver-me tirar o retrato?

— Não, prefiro ver a cara que faz Horacio deante da sua nota de mil francos.

— O senhor sabe que elle não gosta de ver os amigos *quando está trabalhando*.

— Sei. Só apparecerei si estiver perdendo. Si estiver ganhando, occultar-me-hei por traz da sylphide que desfolha *vergiss-mein nicht* e que come couves fermentadas.

O caricaturista, que estava na escada da *Conver-*

sação, mostrou ao príncipe que estava armado de lapis.

Um conhecido bateu-me no hombro.

— Olha, teu amigo Horacio está quasi a fazer saltar a banca.

Em menos de dez segundos estava eu defronte da mesa verde. Horacio, que começára por quinhentos francos e que na segunda parada tinha ousadamente amontado tudo defronte da sua segunda nota de quinhentos francos, jogava o máximo. A preta acabava de passar tres vezes.

Elle ahi estava, heroico como deante do inimigo, apenas pestanejando a cada carta que o destino voltava. Não via pessoa alguma quer aos lados quer defronte de si, nem mesmo Méry, que com egual intrepidez, parava na vermelha toda a fortuna das *Virgens de Lesbos*.

A preta passou pela quarta vez.

O banqueiro fez voar na aza da roda seis notas de mil francos para Horacio. O jogador apanhou-os e apertou-os com furia como um combatente que segura o inimigo; depois do que tornou a atirá-los no jogo.

— O senhor não póde jogar mais de seis mil francos, disse o banqueiro.

— Bem sei, murmurou.

E deixou os doze mil francos.

A preta passou ainda quatro vezes. A cada parada Horacio recebia as notas que lhe davam, e atirava-as amarrotadas para juncto das outras, sem querer contar e nem querer dividir a sua fortuna.

A' oitava parada Méry desamparou a batalha, não por falta de heroismo, mas por falta de soldados.

Achei que era tempo de arrancar Horacio á sua victoria.

— Meu charo Horacio, disse-lhe acercando-me d'elle, vamos para a *Favorita*.

— Depois que a banca saltar, disse-me, olha: restam-lhe apenas alguns rolos e algumas notas. Si a preta passar mais uma vez, a banca salta.

— Sim, mas é a vermelha que vae passar, pois Méry acaba de deixá-la.

Horacio, que até então mostrára antes uma mascara que um rosto, empallideceu.

— Pois bem, disse-me elle passando-me mil francos, empresta isto a Méry, porque, si elle não joga contra mim estou perdido.

Mas já Méry viera de novo tomar o seu logar defronte de nós pondo cinco luizes na vermelha.

O destino, — de casaca preta e gravata branca, — começou por voltar seis cartas, e disse com a sua voz metalica:

— Trinta e nove!

— Está acabado, murmurou Horacio dando uma vira-volta. Está escripto que a banca não ha de saltar.

Emquanto elle fallava, já o banqueiro voltára tres cartas — tres figuras.

— Vão ver, disse Méry, quarta figura que vae apparecer expressamente contra mim.

Comeffeito a primeira carta voltada foi a dama de copas.

— Quarenta! disse a mesma voz metallica.

Um grito de alegria correu em torno da mesa; o proprio Méry, que gosta de todas as victorias, ainda das que lhe arruinam o dia, exclamou com enthusiasmo:

— Nove pretas! é bonito. O destino deve-me mais nove vermelhas.

O destino devia a Méry nesse dia tres mil setecentos e quarenta e tres vermelhas, — capazes de comprar todas as bancas das margens do Rheno — e até a de Monaco.

Os banqueiros não achavam com que pagar a entrada. Embalde reuniram as notas miudas e as moedas estrangeiras, foi-lhes necessario pedir emprestado aos companheiros da roleta.

E depois que pagaram, veio o commissario com todo o ceremonial assistir ao enterro da defunta

banca. Atiraram ás gemonias as cartas fataes; distribuiram-se novos jogos, e reintegraram-se sob os marmores e nas caixas oitenta mil francos em notas, em ouro e em prata.

Mas nós já havíamos sahido. Horacio ganhára quarenta e um mil francos; achava que era bastante para esse dia; ia comnosco á *Favorita*.

Quando sahimos, a caricatura do principe estava acabada. Ficára encantado com os brazões flamejantes com que o desenhista lhe sobrecondeorára o chapéu:—muitos goles espartelando pouco ouro,—com um valete de copas e uma dama de ouros a lhe segurarem o escudo.

A viagem foi muito alegre. Horacio, que suppunha haver conquistado o mundo, lamentava não ter encontrado um carro com quatro cavallos. Eramos transportados por dous sendeiros em uma dessas miseras caleças que estão ao alcance de todos, tanto dos que perderam como dos que ganharam.

O mais alegre dos tres não era Horacio; tinha o bolso cheio de cuidados. O que faria do dinheiro?

Lembrava-se já de que tinha dividas! Ganhar ao jogo para comprar um cavallo, para ceiar com uma princeza, para ir tomar um banho de mar no Lido, para comprar uma odalisca de Ingres, está

bem; mas ganhar ao jogo para pagar dividas, isso nunca se viu.

Eramos precedidos e seguidos por sete ou oito caleças, umas silenciosas, outras ruidosas.

— Bem me parecia, disse o principe, que as damas Mariani entrariam na festa. Reconheço-as a fugirem deante de nós como si tivessem verdadeiros cavallos.

Prometti quatro molhaduras ao cocheiro, si alcançasse a primeira caleça. Respondeu-nos com a sua admiravel pachorra que ainda não tinha conseguido ensinar aos seus cavallos que mais quatro florins para si deviam dar-lhes pernas.

Foi só ao chegar á *Favorita* que a nossa caleça approximou-se da das damas Mariani. O principe atirou-se-lhes ao estribo para offerecer-lhes a mão. Appresentou-nos, a Horacio como fidalgo em busca de aventuras, e a mim como embaixador que tomava com as senhoras lições de diplomacia, — graço velho que o principe achava sempre novo.

III

MLLE LUCIANA MARIANI

Luciana ia fazer vinte um annos; chegava a esse momento indeciso e encantador em que o pecego já vae ficando corado na latada, mas conserva ainda o perfume do fructo verde. As mulheres têm todas um perfume: Luciana tinha o do pecego.

Nenhum labio curioso segara-lhe nas faces a pennugem virginea que desponta nos pecegos e nas mulheres.

Como era formosa com os seus modos singulares e os seus olhos velados, a bocca entreaberta, as attitudes de estatua e as indolencias de sultana! Era a Venus do Corregio, um tanto queimada e

dourada ao sol do Ticiano. Nascêra de mais a mais no caes dos Esclavonios, de pae veneziano, morto durante a ultima republica de Veneza, e de mãe franceza que havia viajado muito. — Compreendem, uma dessas mães aventurezas que não têm casa nem patria, porque só têm habitado a paixão: creaturas extravagantes, sempre ardentes no jogo do amor e do azar, sempre curiosas dos sublimes enganos do coração e conservando-se pela mão das filhas nas plagas da juventude; — mulheres romanticas que multiplicam o coração para a fome do amor previsto e imprevisito, que se vingam dos homens nos homens, que dão as suas primeiras lagrymas e que vendem as outras pelo preço de perolas finas. — Essas mulheres são mais e são menos que mulheres; pois, si não possuem as castas virtudes da familia, possuem as aspirações da musa. Não sanctificam o lar desamparado da maternidade, mas poetisam os desvarios do amor.

Luciana não parecia haver nascido para continuar essa viagem de aventuras atravez das paixões. Era uma alma concentrada que estava de sentinella á sua propria belleza, como si receiára que profanassem a obra de Deus. Passára os seus primeiros annos de moça no Sagrado Coração com mysterioso amor por Jesus, desfolhando nos degráus do altar as flôres que brotam nos dedos das

virgens. Luciana era contida pelo amor de Deus. As mulheres começam ou acabam por Deus.

Percorremos junctos esse castello singular, cuja lenda não é sabida.

A *Favorita* é um castello edificado no meio dos bosques, no estylo Luiz XV por mão allemã. E pesadamente ligeiro como um margrave a dansar a *Monaco*. As muralhas são revestidas de seixos de todas as côres, como si a princeza tivesse querido pôr carmin e pintas na fachada do castello como no proprio rosto.

Nesse castello ao meio dos bosques tudo é singular, desde a cosinha ainda toda guarneçada com a sua baixella antiga, até ao salão de tapeçaria tecida por Sibylla; desde a ermida em que a princeza fazia penitencia, tendo á mesa S. José, a Magdalena e Jesus Christo, tres convivas de cêra que se conservam ahi, até ao camarim indiscreto em que o amante, reproduzido por cem espelhos, se multiplicava até o infinito que lançava-se-lhe aos pés; desde o salão das festas, dos carnavaes e dos espectaculos, até ao salão dos retratos, em que cem vezes a princeza se acha representada em todas as metamorphoses da vida e do amor.

Eu conhecia a *Favorita* havia muito. Estudava muito mais M^{lle} Mariani que os retratos da margrave. Estava impressionado com o effeito inesperado

desta belleza severa, completamente concentrada dentro em si propria, a ouvir as rrossas divagações historicas, a fallar pouco, a sorrir apenas quando Horacio dizia alguma cousa espirituosa ou uma parvoice, pois este era o character de Horacio, não recuar nunca, nem deante de uma parvoice.

Ao entrar, cumprimentára respeitosamente o boneco de louça da China, com amplo abdomen, destinado a guardar especiarias desde os pés até á cabeça.

Demoramo-nos tanto tempo na cosinha como no camarim. E' sabido que esta cosinha é um museu ; as singularidades da China e do Japão, as phantasias dos artistas de Saxe e de Sèvres, os vidros mais finos de Murano, o crystal mais puro da Bohemia, tudo lá está com ordem admiravel, como si uma dona de casa hollandeza lhe puzesse a mão diariamente. A fayança dá vontade de se pôr a gente á mesa, tamanha é a arte com que representa todas as maravilhas de um jantar de conto de fadas, desde a cabeça de javali até o faysão dourado, desde o molho de espargos até ás batatas da Normandia, desde as cerejas de Lucullo até as uvas de Malaga. Dir-se-hia que o fogo vae atear-se nas amplas fomalhas, que o cosinheiro vae apparecer como no theatro Debureau, e que a myriade de serventes já assassina os hospedes do gallinheiro.

— Não acham, disse M^{lle} Mariani, que respira-se aqui não sei que excellente odor de cosinha de príncipe?

— Isso não admira, murmurei com o tom de maior convicção deste mundo. A princeza Sibylla veio ceiar esta noite em seu castello. Então não conhece a legenda?

Ao dizer eu estas palavras, uma trovoadá que não previramos cahiu sobre o castello; quasi que ficou escuro em roda de nós, o que contribuiu para tornar o quadro um tanto phantastico. M^{lle} Mariani, que acreditava em almas do outro mundo, obrigou-me a dizer-lhe o que eu sabia.

— Oh! conte-nos essa historia! exclamou Luciana animando-se.

— Não ha de acreditar nella.

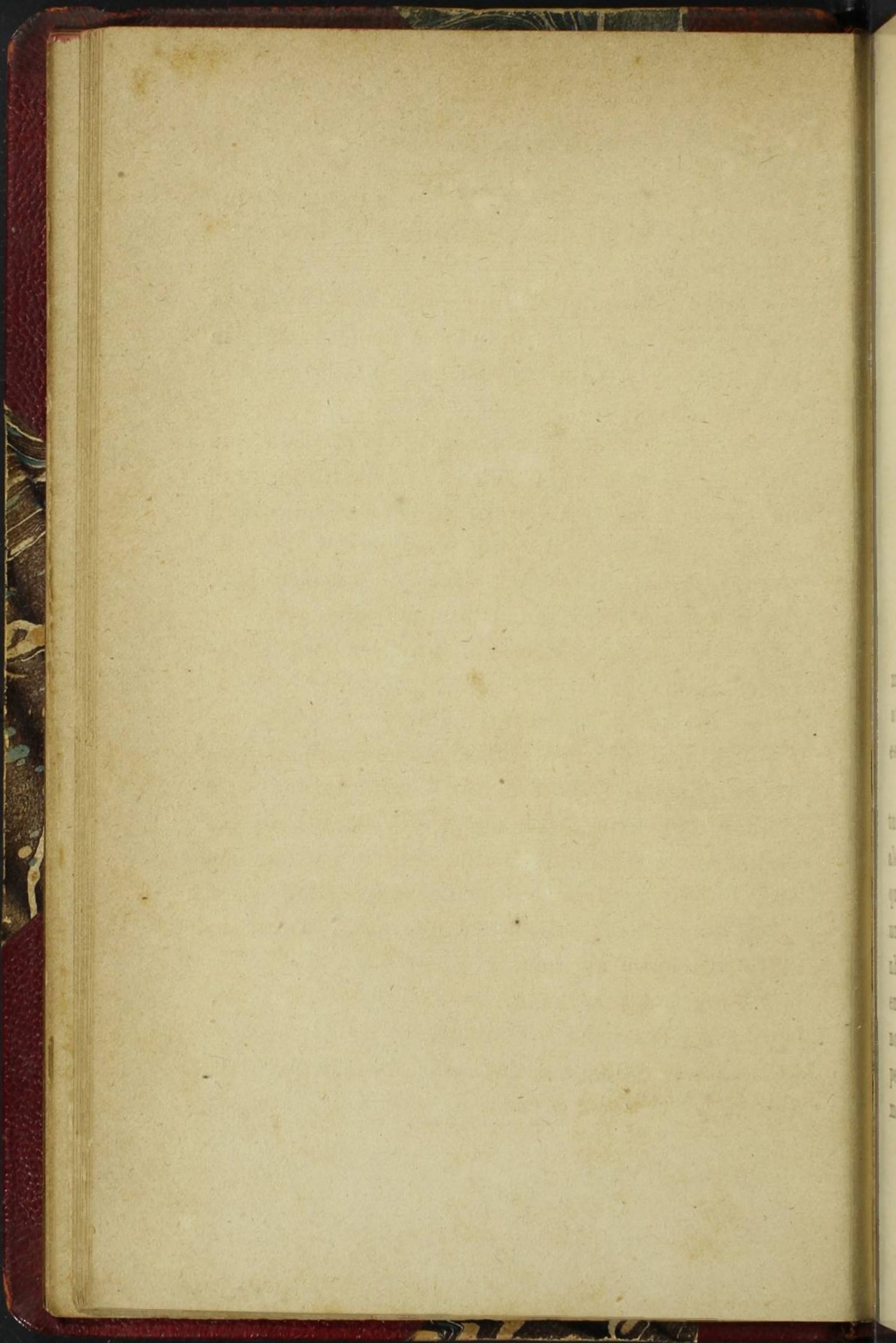
— Ella acredita em almas do outro mundo, disse a Sra. Mariani: sempre teve medo da noite. O senhor não seria capaz de fazê-la ficar aqui só-sinha até amanhã demanhã, ainda que por sua vez tivesse de vir a ser a princeza Sibylla.

— Acredito; tambem eu não seria capaz de ficar por cousa alguma.

— Conte a sua lenda.

— Vou fazer-lhe a vontade.

E narrei a historia das ceias da margrave Sibylla.



IV

A LENDA DA FAVORITA

« A princeza Sibylla teve muitos apaixonados, mas só a um amou : era um moço capitão, official aventureiro, muito esforçado e muito bello, a quem escondeu no castello durante um anno inteiro.

« Veio a quaresma. Sibylla, segundo o seu costume, refugiou-se no eremiteriosinho que está além, para fazer penitencia. Foi o proprio capitão que lhe atou o cilicio. Deixaram-se á meia noite um minuto antes da quarta-feira de cinza ; tinham ainda uma vez ceiado junctos com todas as encantadoras loucuras da paixão que não pensa no dia seguinte. — « Adeus, disse a princeza, espero-o no domingo de Paschoa á meia noite; vou morrer até lá ; mas no domingo de Paschoa Deus

restituir-me-ha o coração para amá-lo. — A Deus, disse o capitão, vou á guerra; pelejarei como um leão pensando na senhora; si eu não voltar no domingo de Paschoa á meia noite, é que Deus ter-me-ha chamado a si. »

« Entretanto no domingo de Paschoa a princeza vestiu os seus melhores vestidos, o seu vestido com flôres de ouro e prata aberto no seio, aberto em cima dos braços, com uma grinalda de rosas por cinto. Postoque o amante só devesse chegar á meia noite, subiu vinte vezes á mais alta janella do castello para vê-lo ao longe nas nuvens do horizonte. Cahi a noite, ella chorou. « Porque chora então a princeza Sibylla? » perguntavam uns aos outros em torno della.

« Quando todos se haviam deitado, pois não communicára seu segredo nem aos seus homens d'armas nem ás suas damas, puzeram na mesa uma esplendida ceia como nunca resplandeceu na mesa de um rei. « Jejei durante quarenta dias, tinha dito á sua côrte, quero uma boa ceia para mim só. » A cada passo escutava ás janellas como si tivesse de ouvir galope distante de um cavallo; e a cada passo olhava para o pendulo para ver si a hora tão esperada quão temida iria soar. A meia noite menos um minuto sentou-se á mesa. »

— O senhor mette-me medo, disse-me M^{lle} Mariani interrompendo-me.

Horacio quiz rir-se.

— Silencio! disse a moça; ouça, ou vá-se embora.

O principe pouco parecia ouvir. Havia alguns dias encetára uma campanha contra a Sra. Mariani; continuava a batalha com a eloquencia dos olhos. A Sra. Mariani meneava o leque.

— Não sei porque estou a contar-lhes esta lenda, accrescentei, pois, voltando a Bade, tê-la-hão por dous soldos.

— Ha tres annos que a procuro, disse o principe. O grão-duque não quer conceder o privilegio de imprimi-la.

Continuei a lenda da Favorita.

V

OS FESTINS NOCTURNOS

« Meia-noite sôu em todos os relogios e em todos os pendulos do castello ; meia-noite, esse *De profundis* das doze horas que morrem. A princeza, que enchia com mão tremula a taça do amante, deixou cahir a garrafa e soltou um grito. — « Meia-noite ! » murmurou ; e poz-se á escuta.

« Ouviu apenas o sibillar do equinoxio nas chaminés e nos corredores : « — Estarei douda ? disse ella querendo de novo apoderar-se da sua rasão ; si elle não tivesse de vir, mandar-me-hia um mensageiro.

« Puchou um faisão e quiz cortá-lo por suas proprias mãos. Poz uma asa no prato do amante ; poz a outra asa no seu prato.

« De repente a porta abriu-se com estridor. Era o capitão. Ella correu-lhe ao encontro e quiz lançar-se-lhe nos braços, mas não era mais que um phantasma.

« Affastou-se com terror, viu-o com a sua palidez mortal, com o seu gibão coberto de sangue. Foi cahir quasi desfallecida na sua poltrona. O phantasma veio pausadamente sentar-se defronte della. « Wilfrid! » murmurou ella com voz moribunda.

« O phantasma moveu os labios, mas não pôde dizer uma unica palavra.

« Quasi no mesmo instante inclinou-se e desapareceu.

« A princeza no meio do seu terror despertou toda a sua côrte e contou que no momento em que se sentava á mesa um phantasma desconhecido viera sentar-se-lhe defronte.

« No dia seguinte á meia-noite, estando deitada, abriu os olhos ao ouvir soar a hora fatal: — viu apparecer o capitão. Então disse-lhe que vinha ceiar com ella.

« No outro dia, cada vez mais atterrada com essa apparição, quiz que á meia-noite toda a côrte lhe fizesse companhia para não vêr entrar o capitão.

« Mas á meia-noite a porta abriu-se, e elle veio saudá-la. « — Estaes vendo? » disse ella empalidecendo.

« Mas só ella vira o phantasma.

« Alguns mezes passaram-se assim. Embalde orava a Deus, embalde lia os tractados de philosophia para não acreditar em almas do outro mundo; quando soava meia-noite, quer estivesse no seu leito, quer estivesse no baile, o capitão dirigia-se para ella, sempre pallido, sempre ensanguentado.

« Tomou novo amante, mas teve o cuidado de não ceiar tarde com elle. Uma noite, entretanto, esqueceu-se da hora. Soou meia-noite; o capitão veio sentar-se-lhe ao lado, « -- O que te fiz eu? disse-lhe ella, ousando fallar-lhe pela primeira vez. — Disseste-me que viesse ceiar contigo, e eu venho ceiar contigo. »

« E' a ultima palavra da lenda.

« Agora, por que rasão estará este castello abandonado? Por que rasão esta cosinha estará tão bem preparada para os festins nocturnos? Não sei. A princeza Sibylla teria sido condemnada pelos seus peccados a vir esperar todas as noites o capitão Wilfrid? Depois que a morte os reuniu, virão, na hora em que o mundo pertence aos espiritos, viver do seu amor

de outrora no salão das tapeçarias? O que é fóra de duvida é que nem os senhores nem eu ousariamos esperá-los á mesa á hora em que dá meia-noite e a porta se abre. Os camponeses do logar affirmam ter muita vez ouvido o rumor das cassarolas, o ruido dos garfos, o tinir dos cópos, por meio das noites silenciosas. Não ha fuma da floresta Negra que não lhes pareça mais segura. Costumam dizer: « Eis ahi ainda a princeza Sibylla com os seus festins nocturnos. »

« Um soldado velho, que nunca tivera medo, quiz passar a noite no castello, exactamente defronte da princeza, isto é, na sala dos retratos. Adormeceu com a espada em punho, mas despertou atterrado; pois ouviu grande estrepito na cosinha e viu passarem gravemente por deante de si, sob um raio da lua, a princeza Sibylla e o capitão Wilfrid que iam ceiar. »

VI

PRIMEIRO RAIOS DE SOL

— Acabou? disse-me Horacio.

— Disse tudo quanto sabia. -- Ia-me esquecendo: — ao morrer, a princeza Sibylla quiz que não tocassem no seu trem de cosinha, dizendo que viria sempre á meia-noite ceiar no castello.

— Está vendo, disse-me a Sra. Mariani, com a sua lenda impressionou Luciana? estou bem certa de que não ceiará esta noite.

— Minha senhora, disse Horacio, si quizer esperar-me lá emcima, virei á meia-noite pedir-lhe o que ceiar, e prometto-lhe ser um alegre conviva.

— Não zombe, disse M^lo Mariani contem-

plando-o; não sei porque se me affigura que lhe ha de succeder um dia alguma cousa que ha de fazê-lo acreditar em phantasmas.

— Eu? só tenho medo de salteadores.

Horacio levou a mão ás suas notas do banco e proseguiu.

— Ha uma cousa de que tenho ainda mais medo que de salteadores: é o amor.

M^{lle} Mariani deixou cahir sobre Horacio um olhar profundo.

— Eis aqui uma singular creatura, disse-me elle com emoção. Já não me admiro de que, na minha jogada decisiva, tenham virado a dama de copas.

Voltámos todos a ceiar á *Conservação*, no salão reservado.

Méry, Albéric Second, Vivier e alguns parizien-
ses de todas as nações esperavam-nos com as
mãos cheias de ouro e o espirito cheio de joviali-
dade, tão certo é que um moralista — de Bade —
teve rasão em dizer: *O sol é um luiz de ouro.*

Vivier contava mil e uma loucuras a M^{lle} Ma-
riani para melhor ver-lhe os dentes, pois ella ria-se
com um riso adoravel com trinta e dous dentes.

— Que pena! disse elle de repente. A senhora é
tão formosa que só ha de amar a sua belleza. Póde
a gente bater tres vezes, que a senhora não abrirá.

Luciana empallideceu, como si o presentimento de uma paixão immensa se lhe apoderasse do coração.

— Não hei de abrir duas vezes, disse ella; mas quando eu houver tornado a fechar a porta, ha de ser terrivel.

M^{lle} Mariani ria-se, mas tinha uma expressão singular.

— As mulheres que já amaram, disse eu, amam o amor.

— Não, respondeu-me ella, não hei de ser dessas que se consolam de uma paixão com outra paixão, e que assim de quêda em quêda se consolam continuamente e nunca estão consoladas.

A ceia foi jovialissima. Nunca eu comi tão bons caranguejos. Tinhamos os labios queimados e bebiamos vinho de Champagne tansbordar para apagar o incendio. A Sra. Mariani estava abrasada. Luciana, que só bebia agua, estava tambem como inebriada... Deu meia noite.

— Eis a hora em que a margrave Sibylla senta-se á mesa para esperar o seu capitão, disse Horacio erguendo o copo. Senhores, bebamos á sua saude.

— Nunca riam-se de quem já se não ri, disse gravemente M^{lle} Mariani.

VII

MLLE OLYMPIA

No dia seguinte Horacio, de novo entregue á paixão do jogo, não se preocupou muito com M^{lle} Mariani. Encontrou-a varias vezes defronte da Conversação, mas limitou-se a cumprimentá-la, sem sacrificar-lhe sequer o seu charuto.

Em viagem abrasa-se a gente por uma hora; a hora seguinte abre novos horizontes e mata ás mais das vezes a hora passada.

Horacio achava muito formosa essa formosa moça, um tanto deslocada no meio de todas essas mulheres que vão a Bade tentar fortuna; calculava de relance que havia nella virtudes sérias,— verdadeiro character,— verdadeira mulher.— Mas não viera a Bade em busca d'isso;

o que precisava nos entreactos do jogo era de uma dessas raparigas que vêm soltar mais ou menos alegremente a sua gargalhada no meio das loucuras desse viver inconsiderado.

E depois a verdadeira razão,— si é que o é,— é que estava apaixonado por M^{lle} Olympia.

Quem era essa rapariga? Uma formosa creatura que se mascarava com pós de arroz, que se vestia como as gravuras de modas, que representava o papel de apaixonada, mas que apenas amava os seus vestidos e chapéus. Gabavam-lhe o estylo nas ceias da Casa de Ouro e a linguagem no Château des Fleurs. Cada seculo tem os seus palacios Rambouillets e as suas Sévignés.

Porque amaria Horacio a esta rapariga? Amava-a como Des Grieux amava Manon Lescaut. Ha mulheres a quem se ama por sua virtude; outras ha a quem se ama por sua perversidade. São as verdadeiras molestias de coração. Ha uns versos sobre esse velho thema:

Seu coração pervertido
E' um tonel de Danaides;
Despeja-lhe amor, meu peito,
Dá-lhe a vida, a mocidade,
Que é tudo por ella acceito
No coração pervertido.

A Sra. Mariani e a filha estavam na hospedaria Victoria, onde jantavam ás mais das vezes; mas nesse dia foram jantar em casa do Sr. Weber, onde Horacio jantava sempre. Luciana queria continuar o romance começado na vespera? A Sra. Mariani já saberia que Horacio era rapaz que tinha um nome e talvez ainda uma fortuna, isto é, o que ella procurava para a filha?

A sua chegada cerca das sete horas foi um acontecimento, pois é a hora do jantar da gente da moda — em Bade. Os mais gulosos perderam com isso um bocado. A mãe e a filha atravessaram rapidamente a primeira sala, sem se importarem com o rumor que faziam em torno dellas, sem parecer que reconheciam pessoa alguma entre os convivas; mas M^{lle} Mariani nem porisso deixára de vêr Horacio sentado á mesa com duas cortezãs.

— Porque viemos jantar aqui? disse á mãe com um movimento de impaciencia.

Queria ir-se embora; a mãe deteve-a; mas a moça não jantou.

— Ah! murmurou occultando na mão a palidez, é o ciume que me ensina o que é amor!

Alguns dias depois Horacio procurava muito com o olhar, aqui e acolá, defronte da *Con-*

versação, nos saltões, no theatro, na avenida de Lichteinthal.

— Onde estará então M^{lle} Luciana Mariani? perguntou ao principe.

— Essas senhoras seguiram para Pariz dous dias depois do nosso passeio á *Favorita*.

— Seguiram! murmurou Horacio com pezar. Despovoaram Bade.

— Sim, mas perdiam o seu tempo aqui.

— Perdiam o tempo?

— Perdiam, M^{lle} Mariani será dentro em breve maior: é preciso casá-la.

— E' pena! disse Haracio.

VIII

OS SALÕES DOURADOS PELO
PROCESSO RUOLZ

A Sra. Mariani não havia talvez perdido tempo : o principe russo, que gostava dos fructos maduros, tinha mysteriosamente deixado Bade por Pariz.

Quem de nós não conheceu a Sra. Mariani? Morou durante dous hiversos na Sèze. Ahi recebia uma vez por semana a sociedade pictoresca que se encontra um tanto em toda a parte : diplomatas, homens de letras, ociosos exploradores de aventuras. O salão della era o salão de uma viajante; punha-se ahi a gente em viagem, e não parava.

Diziam-na alternativamente rica e pobre. A verdade é que possuia apenas seis mil francos de renda; mas tinha, como todos os governos, suas rendas

directas e indirectas, sem fallar no credito publico.

Ostentava um luxo fortuito que só illudia aos imbecis. Jantava-se em casa della por amor da filha e não por amor do seu vinho, pois bebia-se á sua mesa esse vinho muito conhecido em Pariz *que não cheira nem a vinho nem á adega*; mas em compensação, Luciana tinha o perfume de virgem. Dizia-se demais a mais que, si a mãe era um tanto douda, a filha era exemplar de virtudes; que, si a mãe retalhava demais a sua seara, a filha possuia todas as primicias da idade.

Todavia esse luxo fortuito fazia dar um tanto com a lingua nos dentes. Conhecia-se mais ou menos a fortuna, quero dizer a miseria, da Sra. Mariani. Ora ella ia a todas as festas; frequentava a melhor sociedade; viam-na continuamente na Opera e nos Italianos: fallavam até nos seus cavallos. A verdade é que os seus vestidos lhe duravam muito tempo, é que lhe davam camarotes, é que ella tinha cavallos á rasão de seiscentos francos por mez durante tres mezes apenas; é que em Spa, Bade ou Dieppe, vivia sem fausto, só recebendo visitas então na casa da Conversação.

Retinha a fortuna a duas mãos; supponho além disso que comia o capital antes da renda, contando que os formosos olhos da filha magnetisariam as cartas do destino.

Mas andava assustada por ver Luciana crear raizes na pia floresta dos extases. Arrancou-a violentamente a elles e atirou-a sorprendida nas festas da sociedade pariziense, em que as mulheres vão, semi-nuas, fallar de obras de charidade, valsar a valsa em dous tempos e gabar os sermões do padre Lacordaire.

Quando M^{lle} Mariani entrava em um salão era uma fascinação; embalde velava por assim dizer a formosura sob o pudor, como o sol sob as nuvens de Abril, reconheciam-lhe a belleza com entusiasmo; as proprias mulheres não assignalavam manchas nesse sol radiante, acreditando que lhes restava apenas o recurso de esmagá-la sob mil elogios. Só o que havia era que muita vez dirigiram-se á mãe e esqueciam a filha; mas a mãe apresentava-se adornada com a filha, rejuvenescida com essa corôa de vinte primaveras, sabendo demais a mais que todas as adorações que se accendiam por amor de Luciana abrasá-lahiam um tanto na passagem; feliz ainda, quando não se satisfazia com o orgulho de mãe, em ser a antesala dos namorados da filha.

O inverno atrazado passara-o a correr as festas mundanas.

Luciana, a principio recolhida dentro em si mesma, deixou-se levar pouco e pouco pelo orgu-

lho da soberania, pois a sua belleza formára-lhe rapidamente uma côrte. Conheceu o amor antes de amar, mas conservou piedosamente o coração. A' noite, fatigada embora pela dansa, tornava a abrir emcima do travesseiro antes de adormecer, como para expellir visões amorosas, a *Imitação de Jesus Christo*, patria que é já o céu. Mas no dia seguinte sahia de sua livre vontade e esbanjava como o filho prodigo o viço da juventude, esses olhares peccadores, esses sorrisos culpados que são obra de Deus, mas que aproveitam á obra de Satan.

Os namoraes ociosos que andam de uma para outra parte sem quererem deter-se, que fabricam para si uma paixão como Zeuxis fazia um quadro, tomando o perfil desta, os olhos daquella, os cabellos abundantes de Danaë e o seio de marmore de Aspasia, encontravam-se todos para logo ante essa maravilha que devia desaparecer tão depressa.

Uns, solteirões ricos, pensavam em desposá-la postoque sem dote e postoque dotada de uma mãe que representava o papel de moça. Outros, famosos conquistadores, de cousa alguma duvidando, pensavam nas inesperadas venturas que atiram com uma mulher nos braços da gente — e dahi a pouco emcima dos braços — sem mais formali-

dade de sacramentos. Para uns e outros era um steeple-chase digno de ser registrado nos annaes do amor pariziense.

Luciana ria-se um tanto dessa perseguição á belleza.

Embalde na Opera, nos bailes, no bosque, esgrimiam á sua vista, qual com o seu espirito, qual com a sua parvoice, qual com os seus milhões, qual com os seus cavallos; a moça dizia que a comedia estava mal representada, e estava tudo dito.

O mais seric de todos os seus adoradores era um barão dos Pyrenéus que fazia soarem bem alto os seus dous milhões. Tinha cincoenta annos e não tivera tempo de ser moço.

Calculava que, si desposasse Luciana, viveria talvez nos vinte annos da rapariga, como em um paraizo reconquistado.

Mas Luciana não queria viver nos cincoenta annos do barão.

— Entretanto, dizia a mãe, dous milhões! Olha que não pagamos os nossos vestidos novos.

— Esse é o meu maior pezar, dizia Luciana; mas eu preferiria um vestido velho e um marido moço.

IX

EM QUE M^{LLE} MARIANI ESQUECE BOSSUET

Luciana tinha um irmão, um dos vencedores de Sebastopol, um desses moços dos quaes nada se póde fazer, sinão heróes. Heitor apenas sabia bater-se; mas nos dias de batalha era um genio.

Voltára a Pariz depois da tomada de Sebastopol para ver a mãe e a irmã, mas principalmente para mostrar a sua cruz da Legião de Honra a quantos duvidavam delle.

Apenas achou-se em Pariz passou vida folgada, querendo gastar seis annos de vida nos seis mezes de licença. Nunca acompanhava a mãe ou a irmã á sociedade, porque frequentava outra sociedade muito mais alegre ou pelo menos muito mais ruidosa.

· Uma noite nos Italianos, — dous mezes depois do encontro no castello da Favorita, — apresentou á irmã um de seus amigos, o conde Horacio de * * *.

M^{lle} Mariani estendeu graciosamente a mão a Horacio.

— Pedi que me apresentassem, disse Horacio, porque já me suppunha um desconhecido para a senhora.

— Eu nunca esqueço, disse Luciana empalidecendo.

Conversaram ácerca de Bade, de Pariz, de Tamberlick, dos divertimentos do inverno, e despediram-se sem saberem si tornar-se-hiam mais a ver.

Quando Luciana ficou só com o irmão, perguntou-lhe donde conhecia seu amigo Horacio.

Heitor corou como uma moça a esta simples pergunta.

— Não sei, minha querida Luciana. Fumei com Horacio, tivemos a mesma opinião ácerca da Cerrito, — poz meu nome no seu cavallo, — não será quanto é bastante para a gente tornar-se o melhor amigo um do outro?

— Effectivamente Castor e Pollux não tinham tão boas razões para se estimarem cordialmente.

— Horacio é encantador.

— Acho-o absurdo, ventoinha que gyra com todos os ventos.

— Não tem cabeça, mas coração...

— Para que ?

— Para amar.

— Não terá ainda amado alguma coisa ?

— Loucamente.

— A quem ?

— A uma mulher — não, a uma perdida, — M^{lle} Olympia, que o torceu em torno de si como uma cepa de vinha em uma estatua de mármore.

— Tens tua leitura, meu irmão.

— Não, minha irmã, foi a violencia da paixão de Horacio que me inspirou essa phrase violenta.

— E o que resultou desse amor indemoniado ?

— Uma mulher que ri, um homem que chora.

— Mas para que esses modos don-juanescos ?

— Poz uma mascara no coração.

— Quem o impede então de vir cá ?

Luciana, que acabava de sentar-se ao piano, cobriu a pergunta com variações do *Carnaval de Veneza*.

Horacio estava quasi no fim da sua paixão por essa rapariga de vida airada, que tivera

continuamente a arte de prendê-lo — evitando-o. — Pouco e pouco a formosa e poetica figura de Luciana viera offuscar a de M^{lle} Olympia. A não ser o habito do jogo, das ceias, das horas perdidas, houvera reconhecido mais depressa que suppunha amar ainda, mas que já não amava.

No dia seguinte Heitor levou Horacio á casa de sua mãe, — visita glacial apesar da jovialidade de Heitor, pois a S.^a Mariani mostrou, contra o seu costume, modos graves e sentenciosos, — e Luciana, para encobrir a sua emoção, fallou de Bossuet.

Alguns dias depois M^{lle} Mariani perguntou ao irmão porque Horacio não tinha tornado a apparecer.

— Não vem mais cá, porque ficou aborrecido. Minha mãe deu-lhe lições de moral, e tu fallaste-lhe de Bossuet, como si houvesse lido Bossuet!

— Sei-o de cór.

— Que extravagancia! Muita rasão tinha Horacio em dizer que o teu coração e o teu espirito eram dous volumes truncados de uma excellente obra.

— Disse-te isto? Não é tão doudo como eu

suppunha. Torna então a trazê-lo um dia destes, não lhe fallarei mais de Bossuet.

Horacio voltou no dia seguinte. Estava então pallido e triste como a propria paixão. Mostrou toda a eloquencia, a do coração e a do espirito. Patenteou-se profundo motejador, avisado, paradoxal, imprevisto e romantico.

Sentou-se ao piano e fez cantar o teclado com uma emoção tocante.

Luciana ouvia-o e contemplava-o com uma alegria ineffavel que procurava occultar um aspecto distrahido. Pela primeira vez presentia as alegrias da vida.

Não queria confessar a si mesma que amava Horacio, mas entregava-se de olhos fechados a esse baixel seductor que troca a plaga tranquilla pela tormenta.

Nessa noite, quando Horacio sahiu, ella abraçou o irmão com transporte e tomou das mãos da mãe um romance novo para continuar o sonho começado.

X

PRIMEIRAS LAGRYMAS DE AMOR

Foi uma noite terrível para esta moça que até então zombára com o amor, e com quem o amor zombava por sua vez.

— Horacio! Horacio! Horacio! murmurava escondendo o rosto no travesseiro; eu é que te amo apaixonadamente.

Tinha um pé no paraiso e um pé no inferno. Sacudia com uma das mãos as niveas flôres do espinheiro e com a outra as chammas invasoras. A todo momento abraçava visões nocturnas e sonhos amorosos.

Ao amanhecer accendeu a lampada e tornou a tomar a *Imitação de Jesus Christo* para procurar nella refugio. Mas fechou o divino li-

vro com terror e tornou a tomar o romance já folheado.

— O romance está aqui! disse batendo no coração e atirando o volume para longe de si.

Em algumas horas experimentára todas as vertigens da paixão. Horacio era bello, e não lhe dissera que a amava. Ainda mais, estava ainda pallido por amor da traição que soffrêra: a moça vira-se a um tempo tomada de curiosidade e de ciume. Ella que tinha visto ha um anno Pariz inteiro a seus pés, via emfim um homem que ousava soffrer a seus olhos com as traições de uma mulher vendida. Queria que elle se dobrasse tambem ao encanto tão apregoado de sua belleza, ou antes, nada queria: amava! Sorprehendida pela tormenta, acolhia-se como louca sob as ramagens sibilantes, com todas as ebriedades do primeiro transviar-se.

Demanhã foi ajoelhar-se no altar da Virgem, na Magdalena. Suppunha lá deixar a febre que a abrasava, quando foi distrahida do seu meditar pela chegada de uma noiva que lhe representou a imagem melancholica da felicidade.

Duas lagrymas vieram-lhe aos olhos e rolaram-lhe pelas faces.

— E' no entanto elle quem me faz derramar estas lagrymas. Sabê-lo-ha algum dia?

Voltou para casa de sua mãe.

Ao passar pela rua da Ferme-de-Mathurins, viu de repente Horacio sahir de uma dessas casas singulares — casas do mundo equivoco — que ostentam, ou antes, que occultam o seu viver.

— E' admiravel, disse ella; elle não mora aqui. O que viria fazer aqui a esta hora?

Horacio confundiu-se no meio dos transeuntes, como si tivera um segredo a occultar.

Cerca das quatro horas o moço encontrou Luciana no Bosque. Estava a cavallo, — em um cavallo indisciplinado, que não lhe consentiu fallar á moça. — Mas estava nesse dia com uns olhos azues que fallaram demaasiado. Ella perdeu nelles os seus, como si devêra nelles achar o setimo céu.

A' noite, a moça esperou que Horacio apparecesse, mas elle não appareceu.

Olhava a cada momento para o pendulo com impaciencia. Toda vez que um carro parava na rua ou que tocavam a campainha, empallidecia e deixava o livro, pois continuava a lêr romances.

O irmão tomou o chapéu para sahir.

— Aonde vás?

— Vou sem destino. Sabe lá a gente porventura aonde vae, a não ser nos dias de batalha.

— Fallas com teu amigo Horacio esta noite?

— Fallo.

— Onde? na rua da Ferme-des-Mathurins?

— Quem te fallou na rua da Ferme-des-Mathurins?

— Não foste tu? O que vão lá fazer então?

— Encontrarmo-nos com amigos, charutos e cartas.

— Só? perguntou Luciana com voz commo-vida.

— Só, respondeu Heitor.

— Convida então teu amigo Horacio para vir amanhã jantar contigo.

— Mas amanhã tu vás ao baile da embaixada.

— Não, não vou.

XI

VERDADES MENTIROsas

Horacio foi jantar com o amigo. Esteve, como de costume, encantador; mostrou-se espirituoso, motejando do seu proprio espirito; narrou historias da sociedade, nas quaes teve a arte de pôr em scena com vivo relevo todas as mulheres que Luciana conhecia.

Depois do jantar, ao passarem para o salão, a mãe quiz resolver a filha a vestir-se para irem ao baile. Luciana disse com impaciencia que não iria. A Sra. Mariani não queria perder tão boa occasião de mostrar as suas espaldas, que tinham sido de marmore, mas que eram então apenas marmoreas.

Recolheu-se á sua camara para vestir-se. Luciana contára com isso.

— Não vens fumar? perguntou Heitor a Horacio.

— Não, disse Horacio.

Heitor sahiu para fumar. Horacio contára com isso.

Horacio estava encostado á chaminé. Luciana estava de pé defronte do piano, olhando, sem vêr, para um livro de musica. Horacio inclinou-se para ella sem lhe tocar. A moça estremeceu e voltou rapidamente a cabeça. Seus olhos encontraram-se. Luciana empallideceu, Horacio abriu os braços, ella cahiu-lhe aturdida sobre o peito. Não trocaram uma só palavra, porque nada mais tinham a dizer um ao outro.

Alguns segundos, porém, depois deste formoso silencio :

— Amo-a ! disse Horacio como que despertando de um formoso sonho. Luciana, faça-me renascer !

— Horacio ! Horacio ! Horacio ! não me faça morrer, pois ha de ser o amor que me ha de matar !

Foi para ambos uma surpresa, uma ebriedade, um deslumbramento.

Para Horacio foi jubilo de um espirito que torna a abrir um bonito livro já lido ; foi para Luciana o jubilo do coração que sobe aos labios e diz : — Amo — antes de saber amar.

Horacio sabia tudo, Luciana tudo ignorava. Ella subia a escada de ouro, e elle descia-a para tornar a subi-la com a amada.

Ora, enquanto elles tinham assim a revelação de todos os mysterios e de todas as philosophias, Heitor, que na vespera perdêra no jogo e que queria dispôr a mãe a seu favor, entrára nos aposentos della.

— Dize-me uma cousa, Heitor; conheces bem Horacio?

— De principio a fim.

— Tem fortuna?

— Como todos quantos a não têm. A senhora bem sabe que não ha gente tão rica como essa.

— Prefiro os outros.

— E a que vem isto?

— E' que elle ama tua irmã.

— Horacio! Que loucura! Conheço-lhe tres ou quatro paixões. Sabe Deus quanto me custou trazê-lo hoje cá.

— Felizmente! Antes isso. Receiava que não viesse embarçar os meus designios.

— A senhora então tem designios como a Providencia?

— Tenho, vou casar tua irmã com o barão d'Humerolles, que dar-lhe-ha um milhão de dote.

— Nem porisso ficará mais rica. Si Horacio a amasse e si ella amasse Horacio, seria muito mais millionaria com elle. Quer a Sra. saber, minha mãe? o ouro dos velhos é ouro pelo systema Ruolz: a idade destroe tudo isso.

— Creança! então não sabes em que estado estamos? Tenho seis mil francos de renda, e gasto tres ou quatro vezes mais. E' forçoso que um dia enchamos o abysmo da divida publica e nelle nos precipitemos.

Heitor abanou tristemente a cabeça.

— Vejo que estamos arruinados e que minha irmã é como a parietaria que floresce nos velhos castellos. Colhê-la-ha algum dos da quadrilha negra.

A Sra. Mariani voltou ao salão um momento depois, com o desassocego da féra que deixou folgarem muito longe de si os filhos. Achou a filha ao piano e Horacio lendo um jornal. Já se amavam bastante para não representarem uma comedia.

— Então é só isto que estão dizendo? perguntou a mãe.

— Mamãe, o Sr. Horacio lê-me o jornal da tarde. E' a conversação do dia inteiro.

— Com acompanhamento de piano, si bem ouvi.

— Tal e qual, minha senhora, respondeu Horacio.

— Sr. Horacio, não vae amanhã ao baile da Municipalidade?

— Não, minha senhora. Nos sábados vou sempre ao baile da Opera.

M^{lle} -Mariani bateu vivamente no teclado. A mãe não viu a filha corar.

Ora, no dia seguinte eis o que succedeu:

XII

TEMERIDADE DA BORRALHEIRA

A mãe e a filha foram ao baile da Municipalidade.

— Mãe, aviso-a de que quero dansar até tres horas da madrugada.

— Mas assim não nos tornaremos a vêr...

— A gente sempre se vê. A senhora vae conversar com a duqueza no salão das tapeçarias; eu não deixo Helena, que quer, como eu, dansar emquanto puder!

Helena era uma amiga, uma amiga de collegio, uma belleza ingleza do arrabalde Saint-Germain.

O que se ha de dizer a uma moça de vinte annos que quer dansar?

Luciana dansou.

Quando a mãe affastou-se, depois de ter colhido todas as exclamações lançadas como lyrios ou pontos de admiração aos pés da formosa moça, tão bella com a sua mocidade e tão moça com a sua belleza, Horacio surdiu do chão e segurou na mão de Luciana.

Não dansaram.

Metteram-se em um canto por traz dos que dansavam. O que disseram um ao outro, bem o sabeis,—e si o não sabeis, tractae de aprender.

— Ah! meu Deus! exclamou de repente Luciana, alli está Helena dansando; vae ver-nos.

— Pois então, Luciana, ande, vamos ao baile da Opera.

— Que loucura!

— Tudo está preparado para essa longa viagem. O meu coupé espera-me lá embaixo. Achará lá um dominó e uma mascara. Ha de ficar linda, ainda atravez da mascara e com que magestade não trará o dominó!

— Vá fallando. E' divertido imaginar romances.

— E' muito mais divertido fazê-los. Mas veja que dentro de uma hora estaremos de volta. Quem ha de nunca saber de semelhante aventura, além de nós — e de sua mãe,— quando estivermos casados?

Luciana ficou mais séria. Estas ultimas palavras de Horacio foram-lhe ao coração. Via que ser-lhe-hia forçoso mais dia desposar o barão ou outro milhão qualquer de cabellos brancos, si não cahisse nos braços de alguma formosa paixão coroada de rosas e de pampanos. Viver com Horacio fosse como fosse e fosse onde fosse! Viver com amor em pessoa, não seria sentar-se á melhor mesa do banquete da vida?

— Mas si fosemos ao baile da Opera, disse Luciana familiarisando-se um tanto com a idéa desta aventura que quasi a indignára; si fosemos ao baile da Opera, meu irmão nos veria.

— Mas não a reconheceria. Como deve divertir-la ficar invisivel e ver a todos! Tenho um camarote excellente.

E á custa de eloquencia, quero dizer, á custa de amor, Horacio arraston M^{lle} Mariani curiosa e assustada.

Elle prevenira tudo. Mediante um luiz, um empregado da vestiaria esperava-o na escada com uma capa e uma pellica.

Luciana, que occultava o rosto, escondeu-se toda na pellica. O coração batia-lhe assustado, mas o perigo tem tambem os seus deslumbra-mentos.

Horacio não encontrou o coupé, mas não

perdeu o tempo a procurá-lo; tomou o primeiro carro de aluguel que lhe appareceu e comprou outro dominó. Horacio tinha todos os dotes do conquistador; nunca era apanhado desprevenido e não dava ás mulheres tempo de reflectirem.

Si fosse procurar o coupé durante um só minuto, Luciana reflectiria na loucura que ia commetter e voltaria ao baile.

Quantas vezes não se tem deixado de acabar um romance só por se ter dado tempo á virtude de reconsiderar!

XIII

O BAILE DA OPERA E O BAILE DA
MUNICIPALIDADE

M^{lle} Mariani, no entanto não queria entrar no baile da Opera, Horacio desceu do carro e estendeu-lhe a mão.

— Nunca! disse a moça atirando-se para o fundo do carro. Todos estes mascaras metteu-me medo.

— Pois não está occulta sob o seu dominó e sob a sua mascara?

A moça tornou a deixar-se arrastar.

— Ah! eis-te afinal. Horacio! disse Heitor no alto da escada da Opera. Diabo, arrumas-te logo com uma duqueza! Que altiva magestade! Não reconheceu a irmã.

— Caluda! disse Horacio para enganar Heitor,

é uma dama com todos os sacramentos. Ceia-remos junctos, mas deixa-me ir meu caminho.

Horacio percebia a commoção de Luciana.

— Vamos esconder-nos no seu camarote, disse ella transida de susto. Quiz ver, mas tenho muito medo de que me vejam.

— Minha senhora, disse um amigo de Horacio, tem o seu passaporte para entrar aqui? Vamos a ver si a conheço.

Horacio quiz seguir adeante, mas outro dominó,— M^{lle} Olympia,— tomou-lhe o outro braço; o que deu tempo ao amigo, excellente linguarudo armado de luneta, de dizer sentenciosamente a M^{lle} Mariani, como si estivesse lendo os signaes de um passaporte:

— *Rapariga de maior edads. — Raiz do sol de Junho sob nuvens de pó de arroz. — Cintura de segurar e conservar na mão. — Cabellos negros com ondas, para lembrar que a Sra. Venus pertence á familia. — Sobrancelhas de asas de corvo. — olhos enfdrnaes. Bocca armadu com trinta e dous dentes de lobo (Quer: morder, minha senhora?) Signaes particu'ares. Virtude...*

— Cala-te! disse um ocioso, não fallemos mal dos ausentes.

— Vamo-nos embora, murmurou Luciana; sinto-me encommodada.

Horacio, que conseguira desenvencilhar-se de M^{lle} Olympia de dominó, não pudera abrir caminho no meio da multidão, tão apertado era o circulo dos curiosos que mais e mais se reuniam. Luciana conhecia a mór parte dos moços que via na sociedade, todos moeda corrente do espirito francez — no baile da Opera.

Afinal entrou no camarote de Horacio como para pôr-se a coberto de quantos a cercavam; mas por se-hia acoberto do seu proprio amor!

Horacio escostou-a ao coração e aos labios, murmurando:

— Só a ti tenho amado.

Supplicou-lhe que lhe perdoasse essa viagem extravagante.

— Ah! Horacio, disse-lhe chorando, dei-lhe o meu coração e a minha alma, a minha vida e a minha morte, pois sempre foi idéa minha que o amor terá de matar-me.

— Tranquillise-se, Luciana. O amor encerra a morte; mas a gente habitua-se a elle como Mithridates habituou-se ao veneno.

— O senhor graceja, Horacio, e eu choro. Sinto-me ao mesmo tempo feliz e afflicta.

— Sinta-se só feliz: amo-a, juro-lhe pelos seus formosos dentes em que meus labios to-

caram, pelos seus formosos olhos que parecem avelludados e que devoram...

— O amor não tem esta linguagem. Si o senhor me ama, não me deixe mais um instante sequer neste inferno, a que eu vim sem querer.

Quantas moças transviadas não ha em Pariz que não são preservadas, pelo lumiar da casa, porque para ellas a casa é o theatro, — o theatro: a *Eschola dos costumes*; — é Bade, é Dieppe, é Florença, — sempre a *Eschola dos costumes*. A gente as vê por toda a parte, porque jamais calçaram a divina chinella da Borrallheira. O casamento salva-as; mas si não aportam á plaga desejada, naufragam nos recifes.

Esta viagem do palacio da Municipalidade ao baile da Opera parecerá demasiado romantica. E' historica. Conheço mais de uma peregrinação semelhante mais ou menos amorosa. Mero conselho ás mães de familia.

Ao tornar a entrar no palacio da Municipalidade Luciana cobria o rosto com o leque, como si todos os olhos pudessem ler-lhe no rosto a historia das duas horas de ausencia.

Atirou-se como louca á primeira valsa. Quizera desapparecer com Horacio no meio do turbilhão. Quem a houvera estudado como philosopho, reconhecêra na sua indolencia, nos seus olhares

inquieta, nos seus labios pallidos, as emoções de uma mulher que acaba de arriscar a vida no jogo do amor.

Entretanto, ao ultimo compasso, forçoso foi tornar a cahir na face da terra, impôr silencio ao coração, e voltar para perto da mãe, tornando a tomar o aspecto divino da castidade despido em caminho.

— Misera Luciana, disse a moça comsigo, eis-te condemnada a trazer continuamente uma mascara.

A Sra. Mariani estava furiosa. Tinha procurado Luciana; achára apenas Helena.

— Onde vens.

— Acabo de dansar uma valsa em dous tempos.

— Como estás pallida ! Estas valsas em dous tempos é uma invenção do demonio. Barão quer acompanhar-nos e chamar os nossos creados ?

Um homem que trazia ao pescoço a commenda de Isabel a Catholica tomou o braço direito da Sra. Mariani, emquanto Luciana tomava o braço esquerdo de sua mãe.

Dous moços, vendo-as passar assim, trocaram estas palavras :

— Parece que este é o futuro marido de M^{lle} Luciana Mariani.

— Qual, é um apaixonado da mãe.

— Assevero-te que o barão vae desposar a filha. Misero Sr. d' Humerolles ! Ha gente que nasce para apanhar os restos da mesa dos mais...

— Eu faria outro tanto, si tivesse certeza de ser o marido de minha mulher.

— Creio que qualquer seria muito feliz com esta creatura. Fôra para isto bastante possuir um milhão para depôr-lhe aos pés.

— Fôra tambem necessario outra cousa que vale bem um milhão — para um homem rico, — o amor della.

— Eu preferira o milhão, murmurou um philosopho desilludido.

XIV

DA INFLUENCIA DA ATMOSPHERA SOBRE
O CORAÇÃO HUMANO.

No dia seguinte Horacio fumava á porta do Tortoni.

— Foste esta noite ao baile da Opera?

— Fui, encontrei no baile da Municipalidade uma moça que estava soberanamente aborrecida. Levei-a ao baile da Opera, onde eu tinha um camarote. Adorei-a; depois do que tornei a levá-la ao baile da Municipalidade, onde disputaram-lhe a mão. Ha de ser uma mulher completa.

— Então não a amavas?

— Eu sei lá; mas sabes que o casamento não está nos meus habitos. Cumpre deixar isso a quem não tem o que fazer.

— Tornarás a vê-la?

— Sim, esta mesma noite, si não for ceiar com Olympia.

Horacio fallava neste bonito estylo porque estava na escada do Tortoni. Está ainda por fazer um livro com este titulo: *Da influencia da atmosphera sobre o coração humano.*

Entretanto Luciana não tinha dormido, sonhava acordada. Esperava Horacio. Esperava um ramalhete de lilazes brancos que elle promettêra mandar a sua mãe, dizendo que no inverno a felicidade tem o perfume dos lilazes brancos.

Foi ao bosque suppondo encontrá-lo, só encontrou o barão.

A' noite esperou ainda.

— Porque não virá o Sr. Horacio? perguntou ao irmão.

— E porque queres tu que elle venha aborrecer-se juncto da tua lareira? Não é nenhum namorador. Bem sabe que perderia o tempo contigo.

Tocaram a campainha. Era Horacio. Luciana respirou pela primeira vez depois do meio-dia.

Horacio esteve admiravel, — demasiado espi-rituoso para um apaixonado, — mas o que se não perdôa a um apaixonado adorado!

Horacio e Luciana ficaram a sós um momento.

— Horacio, eu morria com a sua ausencia. Ia contar tudo á minha mãe; foi para não trahir-se, diga, que não vinha?

— Luciana. amo-a, mas não diga cousa alguma á sua mãe. Escondamos a nossa felicidade. Não é bom viver em duas almas, tendo apenas Deus por confidente?

— Horacio, o senhor está compondo phrases. Ame-me simplesmente, mas esteja sempre perto de mim.

Heitor, que acabava de tomar o chapéu no seu quarto, appareceu á porta do salão.

— Vens, Horacio?

— Já! exclamou Luciana. Onde vão?
Horacio não sabia o que dizer.

— Vamos jogar lansquenet.

E apenas sahiram do salão:

— Heitor, não vou comtigo esta noite, Olympia espera-me para ceiar.

— Fazes mal. Hoje é a festa da Rocha Tarpéa. Faremos esta noite o maior sabbat conhecido.

— Está bom! talvez vá depois da ceia.

XV

UMA ACADEMIA GREGA EM PARIZ

Havia em Pariz o anno passado, — digo o anno passado, pois essas academias nunca duram muito tempo, — uma academia de jogos e de bellas, conforme a expressão da dona da casa. Quer isto dizer que, no segundo andar do n. *** da rua da Ferme-des-Mathurius, a Sra. de la Roche, mulher de certa idade, isto é, de idade incerta, instituiu uma mesa de baccarat e de lansquenet, a pretexto de dar chá aos seus amigos de ambos os sexos.

Quem era Sra. de la Roche? Uma mulher que soffrêra infortunios, que fallava em retirar-se da sociedade, que confessava-se quatro vezes por anno. A dar-lhe credito, era viuva

de um consul com quem fizera a viagem em torno do mundo. Não queria tornar a casar, dizendo que já estava satisfeita de naufragios.

Para encher as horas vagas tinha mesa sempre posta, mas sob condição de, pelas nove horas da noite, metamorphosear-se a sala de jantar em sala de jogo. Coitada! desilludida de tudo, já não tinha sinão essa paixão.

— Jogar por jogar, dizia ella, a arte pela arte. — A dar-lhe credito, perdia sempre, o que a não impedia, depois que sahiam todos, de contar os lucros com o seu ultimo companheiro de aventuras, certo cavalheiro dos Quatro Imperadores, sancto homem brasonado pelo processo Ruolz, que como ella se confessava quatro vezes por anno. Era cousa soberanamente inutil, pois ambos bem puderam commungar sem confissão.

Quando ficavam sós, pelas tres horas da manhã, depunham as mascaras, e, com as mãos cheias de ouro, riam-se a bom rir das suas ligeirezas. Ella chamava-o o Valete de Copas; elle chamava-a a Rocha Tarpeia.

Ambos conheciam a fundo o seu Pariz; sabiam que onde ha mulheres — e cartas — os amigos de aventuras, os ociosos, os filhos pro-

digos vem sempre pagar a contribuição do amor ou do jogo.

E' inutil dizer que as mulheres e as cartas eram marcadas; — que no amor como no jogo havia muita moeda falsa.

Demais a galeria mudava todas as noites. A dona da casa tinha a arte de renovar o seu povo. Quando as mulheres não tinham dinheiro, dava-lhes a sua bolsa; mas deviam mostrar-se bellas e joviaes.

A casa da rua da Ferme-des-Mathurins adquiriu em algumas semanas uma nomeada estrondosa, a tal ponto que o prefeito de policia deu uma manhã ordem de vigiá-la de perto. Mas exactamente uma manhã o prefeito de policia recebeu a visita de uma dama envolta em um véu que declarou pertencer á melhor sociedade, e que lhe pediu para sentar praça no seu regimento secreto.

— Seu nome? perguntou o prefeito de policia.

— Jacintha de la Roche, respondeu a dama do véu.

— A Rocha Tarpeia, disse o prefeito de policia que conhecia ainda melhor o seu Pariz do que ella. Fez bem em vir esta manhã,

pois eu tinha dado ordem de trazerem-na aqui esta noite.

E desse dia em diante um homem da policia, gravata branca e luvas côr de palha, assistiu a todos os festins e a todas as reuniões da rua da Ferme-des-Mathurins.

Ora, foi nesta bonita academia « de jogos e de bellas » que Heitor, ao voltar de Sebastopol, encontrou Horacio.

No seu ocio, furioso com as casquilhices de Olympia, Horacio que gostava do jogo, apparecia ás vezes para esquecer que andava apaixonado apesar seu. Demais, si ahi encontrava má companhia, encontrava tambem gente bem educada. A mocidade pôde sem demasiado perigo sentar-se a todas as mesas, quando é a mocidade e está certa de erguer-se para logo de todas as suas fraquezas. E' muita vez a quèda que traz a virtude, assim como é a batalha que engendra o heroismo. Quando a gente se embarca no navio perigoso que se chama a vida, não deve, como Ulysses, mandar-se amarrar ao mastro do navio; deve saber escutar o canto das sereias e affrontar-lhes os abraços.

XVI

O CIUME VENEZIANO

Horacio passou um dia inteiro sem ir vêr Luciana, a misera que já não vivia sinão para vê-lo.

— Si ao menos eu possuísse o retrato delle! disse.

E como desenhava como verdadeira fada, illudiu a propria inquietação tentando achar sob o lapis esse semblante motejador em que a paixão puzera o seu estygma, um desses semblantes predestinados para o amor, a ponto de não lhe poder já assentar nenhuma outra expressão.

A' noite Luciana deixou a mãe sahir só.

— Olhe, mamãe, estou com febre. Vou deitar-me.

Deitou-se e não conseguiu adormecer.

Horacio estava demasiado longe e demasiado perto. Apoiava os braços no seio sem poder acalmar as suas aspirações para elle.

Chamou pela creada grave e abriu-lhe o seu coração.

— Eleonora, amo a esse moço que costuma vir com meu irmão. E' preciso que amanhã a senhora diga-me o que elle faz do seu tempo. Olhe, aqui estão cinco moedas de dez francos; será bastante? E' tudo quanto tenho na minha bolsa.

— E' mais do que é necessario, mademoiselle.

— A quem vae pôr campo?

— Dir-lhe-hei amanhã; vou pensar nisso.

Eleonora achou para logo o seu homem.

Apezar de ter o nariz arrebitado e as unhas pretas, era bonita, — e Heitor dissera-lho uma noite em que lhe pediu chá depois de haver bebido muito vinho de Champagne em casa da Rocha Parpeia.

Tudo serve para trincar-se, quando a gente chega esfomeado de Sebastopol; mas Luciana de avental branco disse que era mais facil to-

mar de assalto Sebastopol que a virtude de uma rapariga bem educada. Heitor não quiz deitar a perder tão bonita educação.

M^{lle} Eleonora, que não mettia em conta o vinho de Champagne, suppunha que Heitor estava sempre disposto a recommençar o assedio.

— Elle ha de dizer-me esta noite, palavra por palavra, em que gastou o dia .o Sr. Horacio.

Quando Heitor entrou, Eleonora offereceu-lhe chá.

— Para quê?

— Lembre-se que o senhor pediu-me chá uma noite ha seis semanas.

Quando Eleonora levou demanhã, segundo o costume, o chocolatê da ama em uma bella taça de platina cinzelada e realçada de ouro, que Heitor trouxera de Sebastopol, disse-lhe como quem de tudo sabia:

— Fique a senhora sabendo que eu não perdi meu tempo: sei palavra por palavra como o Sr. Horacio passou o seu dia de hontem.— A's nove horas da manhã subia aos quatro os degraus da escada de M^{lle} Olympia para fazê-la repetir o seu papel; pois, com licença da senhora o digo, vae estreiar nas Variedades.— Ao meio dia almoçava no café Inglez.— A's

tres hora um coupé, com uma dama envolvida em um véu, ia buscá-lo á praça da Bolsa, pois a Bolsa é o seu lansquenet da manhã.— A's seis horas voltava do Bosque sempre com a dama do véu; deixava-a emfim no boulevard de Capucines para ir jantar ao club.— A's nove horas tomava uma cadeira para ver M^{lle} Duvuger desempenhar um papel de ingenua, e á meia noite ia — deverei dizê-lo á senhora? — a essa casa que a senhora sabe.

— Que casa? perguntou Luciana que já não sentia pulsar-lhe o coração.

— A senhora não se recorda de que outro dia vimos sahir o Sr. Horacio do n.*** da rua da Ferme-des-Mathurins?

— Que casa é essa?

— Mercê de Deus, nunca lá puz os pés.

— Mas o que é essa casa?

— E' uma casa em que se joga o lansquenet na bonita sociedade das damas das camellias, das damas de copas, das damas que não seriam dignas de desatar os cordões dos meus sapatos; em summa, comparsas e gente de toda a casta. Oh! os homens guardam muito mal as conveniencias!

— E' horrivel! murmurou Luciana. Não quero tornar a ver Horacio.

E escreveu este bilhete :

« *Horacio, espero-o. Tome cuidado! si o senhor não vier, tenho á mão o meu desespero.* »

— Eleonora, leve esta carta ao Sr. Horacio. Espere a resposta; si elle fallar-lhe, não lhe responda.

XVII

CONFISSÃO DE UM FILHO DO SECULO.

Horacio accudiu immediatamente.

Ficou atterrado com a physiognomia e com a pallidez de Luciana.

— Luciana! murmurou apoderando-se-lhe da mão.

Estavam no salão. A mãe, que passára a noite em um baile, ainda estava dormindo.

— Horacio, disse Luciana retirando a mão indignada, o senhor é um cobarde! O senhor fugiu deante da sua propria palavra; arrastou-me fallando-me de seu coração, e o senhor não tem coração. Mas tambem fique tranquillo, tambem eu o não tenho mais, tudo acabou em mim.

E narrou-lhe palavra por palavra, impondo-lhe silencio, tudo quanto elle fizera na vespera.

Horacio poz-se de joelhos, tornou a tomar a mão de Luciana, chorou verdadeiras lagrymas e fez assim a sua confissão.

— Luciana! Luciana! escute-me! Luciana. amo-a. Lamente-me, o ocio invadiu-me e perdeu-me. Já não tenho a força do bem. Sim, sou um cobarde; pois, a senhora o disse, fujo deante do dever, fujo deante da minha consciencia, fujo deante do meu coração. Desperdicei minha vida, e já me não conheço. Não sou eu só, Luciana; somos assim alguns milhares de filhos prodigos que vivemos de um para outro dia, sem acreditarmos no dia seguinte, porque já não temos deante de nós a luz de Deus. Estamos no delalo, é só procuramos Ariadne. Quando desperto do seio dessas trevas, tenho vergonha de mim, e penso em regenerar-me pelo trabalho; mas, já lho disse, não tenho mais a força do bem. Foi uma mulher quem me perdeu; arruinou-me o coração, depois de haver-me arruinado a fortuna, e hoje...

— E hoje o senhor vingá-se em mim do mal que lhe fez essa mulher.

— Não, Luciana, amo-a, e de hontem para cá é que eu vejo o odioso quadro da minha

juventude. Tenho horror de mim depois que a senhora mostrou-me o seu coração. Daria toda minha vida para tornar-me um só dia digno da senhora. Mas, no fim de contas, os meus crimes podem ser expiados. O seu amor — esse amor que a perdeu — salvar-me-ha, si a senhora quiser. Continuei a viver no dia seguinte como na vespera, porque seu irmão tem os olhos sobre mim, e porque de outra fôrma mal pudera occultar-lhe a nossa paixão.

— Cumpria dizer-lhe tudo.

— Luciana, então não sabe que perdi toda a minha fortuna? Sua mocidade e sua belleza são um dote de que me considero indigno.

— Minha mocidade e minha belleza? O senhor esquece-se da minha virtude, disse Luciana com desespero.

E depois de uma pausa:

— Minha belleza e minha mocidade! e o que quer o senhor que eu faça hoje dellas?

Horacio não respondeu; mas deteve nos labios estas bonitas palavras de consolação:

— Os gladiadores iam completamente nús para o combate. A virtude é uma má armadura para a batalha da vida.

Horacio não tinha a fé da paixão, mas tinha a sciencia della. Mostrou-se tão eloquente,

tão profundo, tão paradoxal; desenvolveu tanto a arte de apagar os seus olhares e de acendê-los alternativamente, que Luciana, transviada, aturdida, fascinada, tornou a cair-lhe nos braços dizendo-lhe: *Amo-te!*

— Adeus, disse-lhe elle retirando-se; rasguei a seus pés o máu livro do passado, não quero mais recordar-me; não quero mais viver sinão para a senhora. Vou daqui procurar um ministro que me prometteu uma missão. Casar-nos-hemo; na semana da Paschoa, e iremos passar a nossa lua de mel á custa do governo.

— Elle deitou-me a perder, mas eu hei de salvá-lo, disse Luciana, quando não ouviu mais o ruido dos passos de Horacio na antecamara.

XVIII

A PAGINA DA FELICIDADE

A felicidade não se descreve. E' a pagina mais curta do romance da vida. « Sinto-me tão feliz que desejára morrer! » dizia M^{lle} de la Vallière uma noite no parque de Versalhes. Ella amava ao rei, e parecia-lhe que tinha o coração preso na terra. Esta exclamação de M^{lle} de la Vallière quantos não a têm soltado como uma injuria á felicidade!

Luciana foi feliz uma semana inteira.

Horacio apenas a deixava para tornar a ella. Passavam junctos todos os dias duas horas, á tarde, tocando piano a quatro mãos e a dous batidos de coração. Tornavam a encontrar-se uma hora depois no Bosque; jantavam junctos

à mesa da Sra. Mariani sem trahirem o seu segredo, e á noite o mesmo theatro ou o mesmo salão encadeiava-os ainda; — não ha outra expressão.

Luciana tinha varias aspirações. Embora toda consagrada ao seu amor, não podia deixar ás vezes de pensar que a vida em Pariz é impossivel sem muito dinheiro para quem quer que entreviu as insolencias do luxo; esse reino de Golconda, que começa na Opera e acaba no Arco do Triumpho, que escarva o chão com as patas de seus quatro cavallos nos Campos Elyseos, que valsa em dous tempos na embaixada de Inglaterra: montanhas de rendas, rios de diamantes, salões pintados e dourados, festas e phantasias, paraísos perdidos e encontrados.

E Luciana dizia comsigo mesma, que o luxo era a sua verdadeira patria.

Mas via passarem com os braços entrelaçados namorados sem trens, alegres, descuidosos, esquecidos, e dizia comsigo que o verdadeiro reino de Golconda era o amor.

— Horacio está arruinado, dizia ella, mas é formoso, e terei mais orgulho em passar pelo braço d'elle que no meio-Daumont do barão d'Humerolles.

E tomava resolutamente uma agulha para concertar as suas rendas.

— Estás bem certo, perguntou ella um dia ao filho, de que Horacio não ama Luciana?

— Está a senhora bem certa, perguntou o filho á mãe, de que Luciana não ama Horacio?

— Qual! Luciana está ás voltas com o barão. Não viste hontem com elle estava inquieto. Deve vir esta noite pedir-me a sua mão.

— *Parte official.* Ora felizmente, pois ha oito dias já não estou contente com Horacio: já não joga, já não falla, já não ceia. Hontem comeu uma asa de codorniz e uma folha de alface em uma ceia que durou duas horas.

XIX

EM QUE SE PROVA QUE AS MOÇAS
É MUITO DIFFICIL PAGAR AS SUAS FITAS

M^{lle} Mariani, postoque enlevada por todos os formosos sonhos da mocidade que nunca se dá das contas da cosinheira, pensára mais de uma vez que o dinheiro faltava ou viria a faltar em casa. Aprendêra a pintar a pastel na tradição da Rosalba; tornára a achar a arte, tão familiar em sua compatriota, de espalhar nevoas sobre rosas. Occorreu-lhe um dia o bello intento de pintar pasteis e vendê-los. Trabalhou um dia inteiro, trabalhou uma semana inteira.

Quando Horacio chegava, a moça lavava as lindas mãos e corria á toda pressa ao salão.

— Então o que estava a senhora fazendo?

perguntou-lhe um dia em que ella tinha ainda as mãos manchadas de côr de rosa e de azul.

— Esteja tranquillo, disse-lhe ella, não estou colorindo o rosto. Comecei um pastel.

— Então faça-me o seu retrato.

— Não, farei o seu si quizer, ou melhor, não farei nem um nem outro.

— Então porque?

— Porque fá-los-hia mal. Ha duas pessoas no mundo a quem a gente nunca vê como são: é a si proprio e a outro si proprio.

Ao cabo de oito dias Luciana terminára com grande delicadeza de tom duas figuras de phantasia, dous contrastes bem destacados: a Scisma e a Curiosidade. Postoque desenhadas sem firmeza, as duas figuras eram encantadoras.

Heitor viu a irmã pintar com intimo prazer.

— Has de dar-me estas duas figuras, disse-lhe um dia.

— Não, respondeu-lhe ella.

— Porque?

— Porque quero vendê-las.

— Vendê-las?

— Sim, já não tenho paciencia para vêr quanta eloquencia é precisa para responder todos os dias a credores. Tenho vergonha dos

meus vestidos recamados de ouro e prata. Estás vendo que posso fazer duas figuras por semana ; a cincoenta francos a figura, são cem francos. Ha quatro semanas em cada mez ! Has de fazer-me o favor de ir á casa de Susse ou Giroux para me venderes estes pasteis.

— Nunca ! disse Heitor. Estás louca ? Nunca serei capaz de consentir em ver o dinheiro cahir-te das formosas mãos ; cecaria do teu trabalho que denunciaria a minha indolencia. Tranquillisa-te, espero um destes dias dinheiro de Veneza.

Heitor não esperava dinheiro de Veneza, mas contava ganhar no jogo.

— Digo-te, meu irmão, que estou farta desta vida de exhibição. Já demasiado mostrei-me nos Campos Elyseos, mostrei-me nos theatros, mostrei-me na sociedade. Si soubesses como acho bom viver a gente em sua casa, feliz com o seu trabalho, esquecida de todos !

— Sim, sim, disse Heitor. Aspirações de violeta que se esconde, mas que sabe que vilão colher. Ainda uma vez não te encomodes ; a fortuna de meu pae ha de ser o teu dote.

— Tu é que estás louco ! e mamãe ?

— E não estou eu aqui ? Pois supões que

vou continuar soldado durante a paz? Tenho amigos no Banco; si lá me recusarem um lugar, tomo o Banco de assalto: sempre será melhor que fazer pasteis.

— Não queres ir vender os meus?

— Não; compro-los, si queres.

— Não fallemos mais nisso, inurmurou M^{lle} Mariani com impaciencia.

Quando ficou só, chamou pela creada grave e ordenou-lhe que fosse vender os seus pasteis, por todo e qualquer preço.

A creada grave voltou uma hora depois com as duas figuras.

— Minha senhora fui muito mal recebida com estes pasteis. Na primeira casa disseram-me que vendiam-me dous mil semelhantes a estes. Parece que agora todas as moças fazem destas cousas e tocam piano. Na segunda casa disseram-me: « Bonitos pasteis, não ha duvida! mas para vendê-los a cincoenta francos seria preciso pôr-lhes uma moldura de cincoenta francos. »

— Está bom, disse Luciana sem desanimar; farei retratos.

XX

OS RETRATOS A PASTEL.

A Sra. Mariani, pavoneando-se no meio do seu setim, das suas pelles, das suas plumas, dos seus brincos e das suas pulseiras, voltava então do seu passeio aos Campos Elyseos.

A Sra. Mariani nunca faltava a esta exhibição.

Bem podia tudo desmoronar-se em redor della sem attingi-la, si lhe ficassem as suas duas horas de passeio, em que ella dizia com olhar triumphante á janella do seu carro brasonado a seiscentos francos por mez : « Sou eu ! sempre bella e sempre forte ! »

Era a mulher mais feliz do mundo quando ouvia dizerem os ociosos :

— Ahi passa a Sra. Mariani.

Não ouvia aos que diziam :

— Passada está ella e mais que passada.

As mulheres de quarenta annos suppõem todas que possuem o segredo da fonte de Juvencio e que se conservam moças no meio das ruinas de seu tempo. As derradeiras illusões são as mais ousadas. A Sra. Mariani não tinha ainda inscripto no seu espelho este pensamento de um poeta : « Até aos quarenta annos a mulher não tem no coração sinão quarenta primaveras, mas depois dos quarenta annos tem quarenta hibernos. »

— Como estás melancholica ! disse á filha deitando um olhar ao espelho.

Luciana contou á mãe o infortunio dos seus dous pasteis.

— Mas eu já lhe disse, mamãe, queria ganhar ao menos os meus vestidos ; já que não querem figuras de phantasia, farei retratos.

— Pois pensas nisso, minha chara Luciana ? Por quem nos tomariam ? por aventureiras !

— Suppõe, mamãe, que os credores que nos fazem tantas visitas formam de nós alguma opinião muito elevada ?

— Que tenho eu com isso ! A opinião com que me encommódo, é a opinião da sociedade.

— A sociedade, mamãe, são todos.

— Seja como for, permitto que borres as mãos pintando para te distrahires, mas não quero que faças retratos para ganhares dinheiro.

M^{lle} Mariani lembrou a historia da Rosalba, veneziana como ella, e que foi no tempo da Regencia a leôa de Pariz por via de seus pasteis.

— Frenquentava a melhor sociedade: jantava no paço, o que não a inhibia de pedir caro pelos seus retratos. Deixe-me tentar fortuna, minha mão não fica á por isso menos alva.

— Talvez ella tenha rasão, pensou a Sra. Mariani, que não tinha coherencia nas idéas e que se deixava convencer por todos, excepto por si propria.

Luciana conhecêra no collegio do Sagrado Coração uma moça do arrabalde Saint-Germain, M^{lle} Helena de Vermoncey. Agradaram uma á outra a principio pelos semblantes: dentro em breve eram amigas pelo espirito; dir-se-hiam duas irmãs que tornavam a encontrar-se. Prenderam-se uma á outra rapidamente; haviam lido uma na outra como em um livro aberto; emfim, tinham feito muito mal aos seus confessores; porisso, depois que sahiram do collegio não podiam viver dous dias sem verem-se ou escreverem-se.

— Começarei pelo retrato de Helena, pensou M^{lle} Mariani; isso trar-me-ha felicidade.

Escreveu á amiga que veio immediatamente prestar-se ao desejo da amiga.

O retrato sahiu encantador. Luciana não teve difficuldade em confiar a Helena que estava resolvida a pintar retratos para ganhar com que comprar os seus alfinetes. Helena prometeu levar-lhe as duquezas da sua roda. Veio uma, depois duas, depois tres, depois quatro. Quatro figuras foram esboçadas; mas para essas damas fazerem-se retratar era um negocio de Estado. Queriam experimentar a sua belleza com o seu vestido de setim branco ou com o seu vestido de velludo preto, com o penteado á Sévigné ou com o cabello riçado; preferiam estar de frente quando estavam de perfil; uma queixava-se de ter esquecido o caosinho; outra queria estar a abanar-se com o leque; esta achava-se muito pallida, aquella achava-se muito vermelha.

Horacio, que vira a colera de Luciana quando os seus modelos acabavam de estar em attitude, Horacio, que não comprehendia porque a paciencia da moça sobrevivia-lhe á colera, pois ella não lhe dissera que pintava por dinheiro,

aconselhou-lhe que mandasse essas damas ao Bosque, ou ao concerto, ou ao sermão.

Luciana tinha um defeito grave: pintava essas senhoras como ellas eram e não como queriam parecer; porisso a coitada perdeu muito tempo e nada conseguiu.

Depois de dous mezes de trabalho a mar-queza de * * * deu-lhe como paga um bracelete de coral, dizendo que a não queria offender dando-lhe dinheiro, e a princeza de * * * mandou-lhe um ramalhete, — um dos vinte ramalhetes que recebêra no dia de seus annos, — com um bilhetinho em que promettia fallar de seu talento no paço. As outras duas damas não gostaram dos seus retratos, uma sob o pretexto de que o Sr. X. achava-a mais bonita no original que no pastel, e outra sob o pretexto de que a sua costureira, a quem o mostrára, achava-a muito mal vestida.

Luciana chorou de raiva e cruzou os braços.

XXI

M^{LLE} DE MONTDUCATON

M^{lle} Mariani jurára não tornar a fazer mais retratos.

— Nem o meu quero fazer, disse ao irmão que lho pedia.

— Porque?

— Porque ainda sou mais mulher que artista e receio pintar-me mais bella do que sou, o que faria dizer a todos que era mais bello que a natureza.

Uma manhã que Luciana estava só na sua camara, — nessa camara que durante tres mezes ella transformára em officina, — Eleonora annunciou-lhe a visita de uma moça que desejava retratar-se.

— Diga a essa dama que atirei os meus lapis ao fogo.

— Mas essa dama diz que fará tudo para ter o seu retrato pintado pela senhora.

— Peça-lhe que entre.

Eleonora annunciou M^{lle} de Montducaton, que entrou estrepitosamente.

— Quasi deixei os meus babados na porta, disse ella com uma gargalhada.

M^{lle} Mariani conheceu que tinha deante de si uma dessas damas que continuam a lenda do Filho Prodigio. Conservou-se de pé para não dar-lhe desejos a ella de sentar-se.

— Senhora, disse M^{lle} de Montducaton, disseram-me que só Vidal, Giraud e a senhora sois capazes de fazer-me o retrato a pastel.

E sem mais cerimonia eis que a sujeita senta-se em uma poltrona, deixando-lhe sobre os braços tres quartas partes do vestido.

— Senhora, disse Luciana com uma dignidade glacial, não quero mais fazer um só retrato.

— Oh! a senhora ainda ha de fazer o meu. Só gosto do pastel! E' alegre, é macio, derrete-se como um pecego maduro. Si eu tivesse o seu talento, pintaria todos os dias o rosto para corrigir a verdade. Supplico-lhe, faça o

meu retrato! A questão de dinheiro para mim não é questão; não entesouro, mercê de Deus. Quer mil francos? Quer um luiz toda vez que a pendula bater, como o Sr. Diaz de la Peña?

— Senhora, disse Luciana corando, não lhe dei o direito de fallar-me assim.

— O que quer a senhora dizer? Uma duqueza sua amiga, já não sei qual, aconselhou-me que me dirigisse á senhora, si queria um bom retrato. Digo-lhe que pago-lho como aos melhores artistas; não ha de que zangar-se.

— Ella tem razão, pensou M^{lle} Mariani, devo pôr meu orgulho aos pés.

Tomou resolutamente a sua boceta de lapis e armou o seu cavallette.

Com os seus ares estouvados M^{lle} de Montducaton occultava a sua curiosidade. Si Luciana estivesse menos commovida, houvera percebido para logo que essa moça só viera para vê-la de bem perto. Até então não era o pintor que estudava o seu modelo, era o modelo que media de alto a baixo o seu pintor.

M^{lle} Mariani não sabia ainda o que ia fazer, quando a crenda grave annunciou-lhe a meia voz que o Sr. Horacio a acompanhava e pedia para entrar.

— Não, disse Luciana a Eleonora; diga-lhe que vou ter com elle ao salão.

M^{lle} de Montducaton ouvira.

— Peço-lhe, disse ella á creada, que diga ao Sr. Horacio que venha vêr retratar-me, pois elle é muito meu amigo. Demais a mais será para elle uma desforra: houve tempo em que eu via-o em attitudes ridiculas todos os dias.

M^{lle} Mariani ultrajada já não sabia o que pensar. Passou a mão pela fronte como que para pedir a si mesma a decifração desse enigma.

Entretanto Horacio, que esperava no aposento proximo, abriu a porta e pediu permissão para entrar.

Mas apenas havia cumprimentado Luciana, recuou até o limiar reconhecendo Olympia, indolentemente deitada na poltrona da moça.

Dirigiu-se a ella resolutamente.

— A senhora aqui! disse com mal refreada indignação.

— Aqui, sim, respondeu ella com a frialdade da cobra; eu esperava-o.

— Pois bem! será o nosso ultimo encontro, continuou Horacio.

Ao dizer elle estas palavras, M^{lle} Mariani mais pallida que a morte, desapareceu como

uma sombra. A porta tornou a fechar-se sobre Horacio e Olympia.

— A senhora comprehende, disse Horacio, que eu não vou perder meu tempo a discutir com a senhora.

— Quem lhe falla em discussão? M^{lle} Mariani faz retratos; vim pedir-lhe o meu; acabaria por pedir-lhe o seu: o que haverá mais simples do que isto?

Horacio confessou tacitamente que era elle quem não tinha razão. Deixou M^{lle} Olympia e correu para juncto de Luciana. Achou-a apoiada á chaminé do salão, bella e sombria como a estatua do Crime.

— Luciana, disse-lhe querendo tomar-lhe uma das mãos que a moça retirou com um movimento convulsivo, Luciana, eu nunca pronunciei o seu nome deante de Olympia.

— Que importa! disse Luciana desafogando-se do sentimento que a opprimia; o senhor já habituou-me a todas as humilhações; só lhe faltava inflingir-me o estygma da amisade de sua amante.

Nesse momento M^{lle} Olympia appareceu á porta do salão e com o maior desembaraço do mundo fez uma galante mesura.

— Para quando fica a segunda sessão? perguntou com sorriso motejador.

Não lhe responderam; deu meia volta e desapareceu.

— Si ella veio aqui, disse Horacio com olhar supplice, é porque eu não ia mais á casa della.

E affirmou que não tinha respondido ás suas ultimas cartas.

— Eu bem sei porque, disse M^{lle} Mariani, que já não podia conter a sua colera: foi porque o senhor perdeu no jogo e já não tem dinheiro...

— A senhora tem talvez rasão, disse Horacio. E' verdade que já não tenho dinheiro, mas é verdade tambem que já não tenho amor a ella. Que digo! nunca a amei. Si a amei, foi pelo odio que lhe tinha.

Horacio, que conversava admiravelmente, disse alguns paradoxos apaixonados. Luciana acabou sorrindo e perdendo-lhe.

— Não é a sua eloquencia que me convence, é o amor que lhe tenho. O senhor tem em meu coração um advogado que ganhará sempre as suas más causas.

Embalde Horacio só amava a rir, por assim dizer entre parentheses, Luciana entregava-se cada vez mais a essa fatal paixão como aquelles

que, uma vez perdidos na floresta, mais se transviam, acreditando achar mais depressa a luz. Caminham, evitando as urzes que tudo invadem, mas a cada passo que dão, os ramos mais frondosos os encadeiam e mais nocturna sombra delles se apodera.

Por mais de uma vez M^{lle} Mariani havia affoutamente imposto silencio ao seu proprio coração e jurado esquecer Horacio, tomando Deus como refugio. Mas apenas tornava a ver esse semblante motejador e gracioso, confessava-se vencida.

Uma vez no entanto suppoz-se salva, quando em um baile da côrte viu Horacio trazer gentilmente nas guardas da espada uma maçã pequena e corada a uma princeza russa que estava com sede e não queria ir á sala da casa.

— Nunca poderei esquecê-lo, pensou a ciumenta e apaixonada Luciana.

Promettêra valsar. Quando appareceu-lhe o cavalheiro, adiou-o para dahi a um anno.

— Daqui a um anno estarei morta, disse consigo olhando para Horacio.

XXII

A THEORIA DO CASAMENTO POSTA Á
PROVA

A Sra. Mariani descontava demasiado o casamento da filha; embalde encolhia as garras deante dos credores, mostravam-lhe estes os dentes, chamavam-na perante o juiz de paz, ameaçavam fazer barulho. Descêra até esse credor dos máus dias chamado Monte de Soccorro. A creada grave tinha uma manhã levado os brilhantes para poderem dar jantar á noite. Outro dia a costureira não quizera entregar um vestido indispensavel sem que lhe dessem, como garantia de todas as suas costuras do anno, um collar de perolas mortas, mas que ainda valiam bem cinco mil francos. Cada nova hora adeantava a crise.

Emfim o barão appresentou-se uma tarde.

A Sra. Mariani recebeu-o com os seus olhares mais ternos e o seu sorriso mais acariciador. Singular mulher! não queria perder o habito, ella que não dera, ainda de mão ao amor,— pois estava ainda na praia, prompta a embarcar-se mais uma ultima vez,— não queria comprehender que o amor fosse a alma da vida de uma mulher. Suppunha que, quando a filha tivesse dous milhões e lhe emprestasse vinte mil francos por anno, todos seriam felizes, a filha e ella, e ainda por cima o barão.

— Então! Sr. d' Humerolles, disse ella ao barão cumprimentando-o, vem explicar-me os seus modos mysteriosos?

— Não ha mysterio algum, senhora. Amo M^{lle}. Luciana...

— E vem pedir-me a mão della?

— Venho e não venho, minha senhora.

— Vem e não vem!

A Sra. Mariani sentia desfallecer-lhe o coração, parecia-lhe ver rolares no abysmo dous milhões.

— Eu me explico, senhora. Não sou senhor absoluto de minhas acções; tenho uma familia que tem algum direito á minha fortuna; tenho um irmão que está com cinco filhinhos e que

conta commigo, pois pouco tempo póde viver e quasi que se arruinou na Bolsa. Agora sinto-me quasi feliz fóra do casamento, vivendo do que pertence aos outros como os ladrões de caça. Engano-me, depois que amo M^{lle} Luciana, todo o meu coração concentrou-se ahi. Mas joguemos com as cartas na mesa; sou um homem prudente; abrindo miuha casa á senhora sua filha, chamo talvez a tormenta para baixo de meu tecto, pois ella é formosa como o dia, mas é ás vezes sombria como a noite. Não me entreguei a este amor sem muita inquietação. Quem sabe si serei amado!

— Minha filha, senhor, ha de amar a seu marido e só ha de amar a seu marido.

— Para fallar-lhe francamente, creio que ella ha de amar tambem ao Sr. Horacio de ***

— Que idéa! Horacio! um amigo de meu filho que só vem á nossa casa para motejar do amor.

— Sim, mas a gente de fóra diz que elle aqui vem demasiadas vezes. Não accuso a senhora sua filha, pois elle tem vinte cinco annos e eu tenho cincoenta, mas porisso mesmo considero as cousas com dupla attenção.

— Pois que! eis então no que terminam todos esses bonitos sonhos com que o senhor me embalava ha um anno!

— Eu estudava, escutava, esperava. Hoje, ainda ano e continuo a sonhar, mas a palavra casamento mette-me medo.

— O que ousa dizer, senhor?

— Não se offenda. Ruminei um plano que tudo póde conciliar. Sigamos para Londres sem dizer palavra a pessoa alguma: desposarei M^{lle} Luciana pelo casamento religioso...

A Sra. Mariani quiz, na sua indignação, interromper o seu interlocutor; este pediu-lhe que o ouvisse até o fim.

— Depois de um anno e um dia, juro deante de Deus, senhora, voltar a Pariz para desposar M^{lle} Luciana na municipalidade do primeiro districto si ella haver sido minha verdadeira mulher em Londres, e si não tiver tido saudades do Sr. Horacio de**

— Senhor! disse a Sra. Mariani, isto é um negocio e não um casamento.

— Por vida minha! senhora, os bons negocios fazem os bons casamentos. Antes de entregar meu nome e minha fortuna, estou no meu direito estipulando as minhas condições.

— Senhor! si amasse realmente Luciana, não seria assim tão mathematico. O senhor deu-me a sua palavra ha seis mezes, póde tira-la, pois não lhe dou mais importancia.

— Não, minha senhora, disse o barão levantando-se; não retiro a minha palavra. Si M^{lle} Luciana não ama ao Sr. Horacio de ***, comprehender-me-ha; si o ama, comprehender-me-ha ainda melhor. Adeus, estou ás suas ordens no dia em que quizer seguir para Londres.

— Adeus, senhor; não direi á minha filha as condições affrontosas que o senhor lhe quer impor. Não as direi tambem a meu filho, pois elle impor-lhe-hia outras condições, quaes as de nos dar satisfação desta offensa.

A Sra. Mariani foi procurar a filha na sua camara. Occultou-lhe o furor com que estava e disse-lhe com desembaraço:

— Luciana, o barão acaba de vir pedir-me a tua mão, e recusej-lha.

— Oh! obrigada, mamãe.

Luciana não pôde occultar a sua alegria.

— Filha, tu amas Horacio?

— Não, mamãe, a ninguem amo; mas ao barão menos que ninguem.

— Minha chara filha, não dêes attenção ás tuas sympathias por Horacio; pois hoje estamos apenas arruinadas, amanhã estariamos perdidas.

— Perdidas! nunca! disse Luciana levando a mão ao coração. Meu pae vela sobre nós!

XXIII

O ESPIRITO E O CORAÇÃO

No salão da Sra. Mariani notavam todos um retrato de excellente character, postoque em demasia ornado e um tanto ruidoso, pintado pelo derradeiro Schiavoni em 1847. Era o retrato do pae de Luciana; cabeça severa e no entanto meiga, energica e no entanto risonha. Cousa singular! postoque esse retrato fosse pintado um anno antes da revolução veneziana*, lia-se-lhe na physiognomia que o mesmo que pensava na mulher e na filha, pensava principalmente em sua patria. Logo á primeira vista reconhecia-se nelle um desses heroicos revolucionarios que triumpham ou que morrem quando é demasiado tarde para triumphar.

* Este romance — esta historia — publicada na *Presse* em Fevereiro e Março de 1849, foi escripta antes da ultima guerra da Italia.

Como Horacio contemplava muita vez este retrato, Luciana disse-lhe um dia :

— Está vendo este retrato, é a minha consciencia! Succede-me corar deante de meu pae quando algum meu pensamento passa-me pelo espirito. Depois que conheço o senhor, tenho-me já muitas vezes inclinado arrependida deante delle, supplicando-lhe com as minhas lagrymas.

— Bello homem! disse Horacio, desejava tê-lo conhecido.

— Sim; mas si elle fosse vivo, o senhor não me houvera encontrado em Bade. Era um homem de gabinete, sempre ardente para o trabalho, sempre desdenhando as festas. Engano-me: quando tinha uma hora disponivel, fazia-me entrar em uma gondola e levava-me para o Lido, mas sempre entregue á sua idéa: Veneza! Veneza! Veneza! « Estás vendo, dizia-me ao voltarmos, ás mais das vezes sem havermos desembarcado, estás vendo todas estas igrejas e todos estes palacios que se banham no mar? E' Veneza a formosa, a mais formosa cidade do mundo! mais hoje é a patria das sombras, pois em Veneza já não ha venezianos! » E indignava-se, e batia na frente, e devorava as lagrymas, repetindo um verso esquecido aqui, mas muito conhecido em Veneza:

Quem viver será livre, e já o é quem morre!

— E' um bonito verso! exclamou Horacio.

— E', continuou Luciana. Eu não o comprehendia então; mergulhava os dedos no mar, ou desfolhava um ramallete dizendo commigo: Porque chorar? a gente diverte-se tanto na Phe-nix! os pombos da praça de S. Marcos batem tão suavemente as asas! as ramalleteiras são tão alegres e os gondoleiros cantam tão bem! Não, eu não o comprehendia; mas depois meu pae fez-se matar pela sua chara Veneza, e eu comprehendí.

M^{lle} Mariani tinha culto religioso pelo pae. Amava á sua mãe, mas não lhe perdoava a sua vida aventureosa dos ultimos dez annos, pois si a Sra. Mariani fosse um tanto menos romantica, houvera podido, com o que lhe deixára o marido, viver em Veneza ou até em Pariz, em silenciosa viuvez, no meio do amor de seus filhos, no horizonte calmo das virtudes domesticas.

Luciana não comprehendia a felicidade nos quatro pontos cardiaes; nascêra para as alegrias intimas; agradecia a Deus havê-la feito bella, mas não acreditava que Deus a houvesse condemnado a correr o mundo para exhibir essa obra perfeita da natureza. Tinha até, — cousa

admiravel e rara, — o pudor da belleza. Quizera só mostrar-se em todo o seu brilhantismo no dia em que se casasse.

— O senhor não comprehende o coração humano, dizia a Horacio; desperdiça-se, vive fóra de casa, atira-se a todos os ventos, a tal ponto que um dia quando a gente leva a mão ao coração, já não ha ahi pessoa alguma.

E M^{lle} Mariani levava meigamente a mão ao coração de Horacio.

— Não é verdade, perguntava, que é como uma cidade devastada pelo inimigo e devorada pelas chammas?

— Herculanium e Pompeia, disse Horacio sorrindo-se; mas esteja tranquillã, o Vesuvio ruge embaixo e emcima.

— Ah! nósoutras somos mais sérias na Italia, continuava tristemente Luciana; velamos sobre nossos corações como a vestal antiga sobre o fogo sagrado, pois nósoutras temos a alma no coração. Em Pariz, os senhores podem dispensar isso, tão eivados andam de loucuras e de ambições; mas nós, nós só acreditamos em nosso coração, e no dia em que elle é mortalmente ferido, morremos.

Luciana pronunciou estas ultimas palavras com expressão severa e triste.

— Como a senhora parece-se com seu pae ! disse então Horacio.

— E' verdade, continuou ella, é a mesma alma ! Engano-me ; é a mesma chamma. Meu irmão parece-se com minha mãe. Tem todas as aspirações para o desconhecido ; gosta do rumor, das festas, das viagens. Esse é um pariziense como o senhor ; nunca teve tempo de viver uma hora consigo mesmo ; porisso tambem se não conhece.

— A senhora suppõe que se conhece, minha chara Luciana ?

— Sim, eu me conheço, meu charo Horacio, e posso, si quer, aqui, deante de meu pae que nos vê, tirar o meu horoscopo, olhando para os seus olhos. Dentro de um anno, dentro de seis mezes, amanhã talvez, o senhor ter-me-ha esquecido, e eu morrerei do meu amor pelo senhor, como meu pae morreu de seu amor por Veneza.

— E a senhora diz que não é romantica ? continuou Horacio, que não queria que a sua paixão tomasse um caracter tão serio. Tranquillise-se, amá-la-hei amanhã, daqui a seis mezes, daqui a um anno, sempre.

— Sempre !... murmurou Luciana com um sorriso melancolico. Diga-me, Horacio, sempre, quanto tempo quer dizer em Pariz ?

— Minha chara Luciana, preciso, antes de responder-lhe, de consultar o *Diccionario da Academia*.

— Oh! gracioso alinhador de gracejos! é tudo quanto tem a dizer-me! O *Diccionario da Academia*! O senhor não fica satisfeito emquanto não juncta um motejo a cada entusiasmo. Suppõe-se perdido si não escarnece de um bom sentimento com um máu gracejo.

— Tem razão, Luciana; fecho o *Diccionario da Academia*, e abro-lhe meus braços.

E Horacio apoiou Luciana sobre o seu coração.

— Bem sei porque me abraça, Horacio, é porque quer se ir embora; mas não o detenho, porque conheço o proverbio: « Em amor o despotismo quebra mais cadeias que a liberdade. »

— Não queria me ir embora, disse Horacio; mas lembro-me que tenho de pagar uma divida de jogo. Demais creio que ouço a Sra. Mariani.

— Sim, eu esquecêra-me de que sahimos esta manhã para ir ao sermão. Adeus, vou vestir-me; diga a minha mãe que veio vê-la.

E M^{lle} Mariani fugiu a um tempo feliz e inquieta; mas a felicidade sem inquietação é só a que se não conhece.

Ficando a sós um momento no salão, Horacio contemplou sem querer o retrato do pae de Lu-

ciana, cujos olhos perscrutadores interrogaram-lhe a alma. M^{lle} Mariani dissera que seu pae era a sua consciencia; Horacio empallideceu deante desse retrato.

— O que fiz eu de sua filha? disse com emoção.

XXIV

COMO HEITOR DESEMPENHA O PAPEL
DE DESTINO

A Sra. Mariani, apesar dos seus quarenta annos, não havia ainda abdicado. Restolhava com mão febril as ultimas espigas da seara do amor, cujos perfumes penetrantes lhe subiam á cabeça. Si viajava, si ia ao Bosque, si dava reuniões, dizia que era por amor da filha, mas era principalmente por amor de si propria. Eis porque não notava a paixão quasi visivel para todos de M^{lle} Mariani por Horacio.

Como todas quantas atravessaram o paraíso do amor, suppunha haver colhido o fructo amargo da experiencia ; mas o leque de Celimenes impediu-a de ver a pallidez da filha.

Depois, completamente entregue ás suas ultimas loucuras, no meio do rapido turbilhão dos ultimos annos da mulher, succedia-lhe muita vez deixar Luciana só juncto á lareira, sem

prever que ella bem podia pensar em alguma cousa mais do que abrir a *Imitação de Jesus Christo*.

Um dia que a Sra. Mariani sahira sem a filha, Horacio encontrou Luciana chorando ao piano. Tomou-lhe as mãos e beijou-a na fronte.

— Minha amada Luciana, porque chora?

— Choro por uma razão que nunca direi.

Luciana lêra, quasi sem o querer, uma carta de sua mãe que lhe trahia as suas derradeiras aventuras.

— Oh meu Deus! havia ella exclamado cahindo de joelhos, estaremos então ambas amaldiçoadas!

Até então ella bem notára as leviandades de sua mãe, isto é, certas familiaridades nas suas conversações com os homens da sua roda, certas camaradagens um tanto arriscadas com os que montavam com ella a cavallo; mas estava tão longe de acreditar nas faltas de sua mãe que essa carta fatal foi uma verdadeira revelação!

— Horacio! Horacio! o seu amor lançou-me em um abysmo; mas ha uma hora estou mais irremissivelmente perdida do que nunca.

— Luciana, explique-se!

— Não, é um segredo que não me pertence.

E M^{lle} Mariani mostrava os formosos olhos humidos de lagrymas.

Tomou as mãos de Horacio.

— Si o senhor ama-me, não me deixe aqui.

— Então o que houve?

— Nada; mas até hoje eu acreditava encontrar um coração para me absolver deante de Deus. Horacio, supplico-lhe, saiamos!

— Sahir! e onde quer ir?

— Pouco me importa onde! contanto que me esqueçam, contanto que eu esqueça.

— E's romantica, Luciana.

— Não devia o senhor exprobrar-mo, Horacio. Si sou romantica, é por muito amar. Então suppõe que me perdi por mera distração? A paixão nos perde, mas a paixão salva-nos tambem. Ah! Horacio, o senhor não ama!

— Luciana, amo-a com toda a minha alma.

— Ama-me, mas não é capaz de mudar por minha causa uma hora de sua vida. Si o senhor me amasse, eu não seria sua amante, mas sua mulher!

— Tem rasão; não começamos pelo começo; mas o que quer que eu faça? A senhora sabe que eu estou mal com meu pae. Com o meu nome e com a sua belleza o que haviam de

dizer si nos vissem dirigir-nos ao altar, sabendo que nem um nem outro tínhamos um vintem?

— O amor não faz semelhantes reflexões! Horacio, o senhor não me ama.

— Hei de provar-lhe que a amo; mas espere tudo do tempo.

— O tempo! o tempo! Tome cuidado, quando quizer dar-me o seu nome, estarei morta.

— Morta!

E Horacio olhou para Luciana com ares de quem não acredita nas predicções sinistras das mulheres desesperadas.

— Ria-se, Horacio, ria-se. Compreendo o que o senhor diz consigo mesmo. O senhor talvez conheça as mulheres, mas não me conhece.

— E' possível. Não sou, de mais a mais, da opinião do moralista que disse: « Todas as mulheres são o mesmo. »

— Quer raptar-me?

— E' o seu ultimatum!

— E' o meu refugio. Então suppõe que eu acceito por mais tempo esta humilhação de ser sua amante como ahi qualquer mulher? O senhor é um homem de nobres sentimentos; acredita na minha virtude, ainda depois da

minha quéda. Quero viver para o senhor e com o senhor. Si é preciso que eu trabalhe como uma serva para resgatar minhas faltas, fá-lo-hei com satisfação, a seus olhos.

— Não, minha chara Luciana, estas formosas mãos alvas foram feitas para nada fazerem. Porventura os lyrios trabalham? Porventura não dá Deus o orvalho ás rosas? Ainda não estou tão abandonado do céu que não possa conquistar a sua ventura, seja qual fôr o sacrificio.

Horacio passeiou a largos passos pelo salão, transportado por subita idéa.

Como na vespera perdêra ao jogo, estava tambem em um desses dias nocturnos em que o sol se occulta obstinadamente.

Embalde erguia os olhos, a desesperação estava em toda a parte.

— Por fim de contas, dizia comsigo, porque não havia eu de ir me embora com ella? Tenho ainda tres ou quatro notas de mil francos; é bastante para viver dous mezes em Napoles. Dentro em dous mezes escreverei a meu pae que vou desposar uma italiana de boa familia, reformarei minha vida, não jogarei mais, encerrar-me-hei no amor de Luciana. O que é a felicidade? E' o amor de uma mulher honesta,

Foi direito a Luciana.

— Pois bem! levo-a commigo; mas immediatamente. Ponha o seu chapéu e o seu chale.

— Ah! eu lhe agradeço, Horacio, disse M^{lle} Mariani atirando-se nos braços do moço. Dê-me cinco minutos para escrever a minha mãe e encher como puder uma bolsa de viagem.

M^{lle} Mariani correu ao seu quarto.

Apenas Horacio ficou só no salão, tocaram a campainha na antecamara.

— Vamos, disse elle, eis o destino que chega para impedir-nos de sahir.

Comeffeito era Heitor que não esperavam a essa hora.

— Ah! és tu! disse a Horacio ao entrar no salão. Então o que fazes aqui?

— Nada. Passei, entrei. Disseram-me que tua mãe tinha sahido e que tua irmã está pintando na sua camara.

— E' para admirar! pensou Heitor. Elle começa a vir aqui um tanto frequentemente.

E olhando fixamente para Horacio :

— Tens que dizer alguma cousa á minha irmã?

— Não; já que aqui estás, vamo-nos embora.

Com uma mão Horacio tomou o chapéu e com a outra o braço do amigo.

— Tenho mil cousas curiosas a dizer-te a ti.

— Porque não m'as dizes aqui?

— Sabes que gosto de fallar andando.

Nesse momento M^{lle} Mariani entrou pela porta do fundo. Heitor viu-a em um espelho e voltou-se.

— O que é isto! com uma bolsa de viagem! Que mysterio então é este?

Heitor cantou as ultimas palavras.

— Não ha de que cantar, murmurou Luciana coberta de rubor, dir-te-hei isto amanhã.

— Não, quero que me digas isto hoje.

— Porque semelhante insistencia? disse Horacio querendo arrastar consigo Heitor. Disse-me a criada grave que ia com M^{lle} Mariani levar alguns soccorros a uma casa da montanha Sancta Genoveva.

— Oh! desde que é a charidade que se esconde, nem mais palavra, disse Heitor a Horacio. Mas deixa-me abraçar minha irmã.

Foi abraçar Luciana e sahiu com o amigo.

Luciana voltou para seu quarto e poz-se de novo a chorar.

— Oh meu Deus! disse ella contemplando o céu pela janella, sentia-me tão feliz em ir respirar ar puro longe desta atmospheria pariziense que me mata!

Pensava em sua mãe; não ousava accusá-la, mas não tinha uma palavra para defendê-la.

XXV

EM QUE O SR. H*** EVOCA O DIABO

Os serões da rua de Sèze iam ficando muito em voga. Ahi cantavam os italianos, os membros do Theatro Francez representavam comedias ligeiras; o Sr. H*** revelava o mundo invisivel.

O Sr. H*** chegou uma noite sem ser esperado. Fez-se profundo silencio.

Quando o Sr. H*** não está presente, riem-se um tanto da sua presciencia, da sua adivinhação, das suas phantasmagorias, como outrora riam-se das feiticeiras passada a hora do sabbat. Mas depois que o Sr. H*** transpõe o lumiar de um salão, depois que mostra a sua pallidez, seus modos extranhos, seu olhar profundo, incute não sei que dominio insolito. Dir-se-hia que o principe das trevas vae fallar-nos do mundo nocturno. Os mais motejadores ficam um tanto desarmados; os menos credulos não duvidam

mais; o proprio Cagliostro confessaria a sua emoção.

O que deita a perder os romances de Anna Radcliff é ter-se ella nas ultimas edições divertido a rir de todos os terrores que ella mesma inspirou. Explicou todo o segredo das suas aparições. O Sr. H*** não moteja de si proprio; tem muito mais espirito do que si o tivesse: daria de boamente uma estocada em quem o felicitasse pelas suas prestidigitações.

Em um dos serões da rua de Sèze, Horacio, que era a um tempo um motejador e um credulo, pediu um obsequio ao Sr. H***.

— Ficar-lhe-hia summamente obrigado si o senhor me fizesse o favor de appresentar-me ao diabo.

— Não tenho a honra de conhecê-lo, respondeu o Sr. H***.

E como viu que pegariam na palavra do homem espirituoso e duvidariam do *medium*, accrescentou:

— Si o diabo existe, havemos de vê-lo, pois vou chamá-lo.

O salão estava muito illuminado. Todas as luzes apagaram-se como por magia. As mulheres soltaram um grito e approximaram-se umas das outras, sem reparar bem si haveria homens no

meio dellas. Apenas uma bugia ficou accesa sobre a chaminé. O fogo que chammejava alegre á chegada do Sr. H***, já não espalhava mais do que um pallido rastro de luz que deitavam as brazas a apagarem-se pouco e pouco. O Sr. H*** atravessou gravemente o salão, parou deante do atrio e ahi espalhou não sei que pó que se ateiou e offuscou a todos.

— Viu? perguntou elle a Horacio.

— Vi, respondeu Horacio. Vi uma chamma phantastica, vermelha, verde, azul. Seria alguma chamma infernal?

— Não sei, disse o Sr. H***. Quanto a mim pareceu-me ver o diabo,

— E eu tambem, disse uma moça, vi-lhe perfeitamente as pontas e a cauda.

Deitaram todos a rir; mas o Sr. H*** não se ria.

— Vou recommençar, disse.

E ei-lo a atirar ainda o seu pó ao fogo. Eis que segunda vez uma chamma diabolica espalha-se no atrio.

— Oh! agora, disse Luciana, não ha que duvidar, é o diabo em pessoa.

E voltando-se para o Sr. H***:

— Por favor, diga-me o que lançou ao fogo.

— O diabo. disse elle; tinha-o na minha

carteira. Si a senhora duvida, queira interrogá-lo pessoalmente.

Dizendo estas palavras, o Sr. H*** fez signal a uma mezazinha de marchetaria, que estava na outra extremidade do salão, que viesse postar-se defronte de M^{lle} Mariani.

Desta vez todos ficaram aterrados ou sorprendidos,—excepto o Sr. de Voltaire,—figura de Sèvres que ornava um aparador.

O Sr. H*** deu papel e lapis a M^{lle} Mariani.

— Senhora, faça ao diabo uma pergunta, elle lhe responderá.

M^{lle} Mariani, que já não sabia o que pensar de tudo isso, escreveu accidentalmente estas quadro palavras: *Onde é o inferno?*

Nesse momento a ultima bugia apagou-se. A mesa agitou-se violentamente. De repente viu-se apparecer uma mão que se apoderou do lapis e escreveu.

O Sr. H*** conservara-se de pé juncto da chaminé, sem se approximar da mesa; M^{lle} Mariani recuára assustada; o proprio Horacio, que se achava por traz della, não ousára approximar-se.

— Leia, disse o Sr. H*** a M^{lle} Mariani.

Duas bugias tornaram a accender-se emcima da chaminé. A moça veneziana tomou o papel

com a ponta dos dedos e leu a resposta] do diabo.

Não havia mais que tres palavras escriptas com lettras cabalisticas: *No teu coração.*

Horacio approximou-se do Sr. H***.

— Eis uma cousa muito bem feita, disse com simplicidade. Mostre-me agora as costas das cartas.

— As costas das cartas? Não jogo com cartas, respondeu o Sr. H***.

E como viu que Horacio não queria acreditar em seus milagres, pediu-lhe que o acompanhasse a uma pequena sala que estava no fim do aposento. Depois que ambos estavam a sós na sala, o Sr. H*** fechou a porta, poz as bugias no chão e disse a Horacio que se mirasse no espelho suspenso por cima da chaminé.

— O que está vendo?

— Vejo-me a mim mesmo.

— Não é o senhor mesmo, é outrem, é o seu *duplo*, a sua consciencia.

Horacio poz-se a rir.

— Foi para ver esta maravilha que viemos cá?

— Não; o senhor vae ver outro *duplo*, outra consciencia.

— Ora graças!

O Sr. H*** passou rapidamente o index sobre o espelho como si desenhasse uma figura.

— E' singular, disse Horacio, vejo um retrato.

Voltou-se para o Sr. H***.

— Explique-me esta visão.

— Eu nada explico, pois nada sei, a não ser que sem o querer transpuz o limiar do Desconhecido. Porque vê o senhor este retrato? E' que o senhor ama a mulher que elle representa. Tranquillise-se, não contarei o seu segredo.

Voltaram ao salão. Horacio estava ainda pallido. Declarou que o Sr. H*** era o mais admiravel pintor de retratos que havia em Pariz. Referiu como tinha visto desenharse pouco e pouco no espelho da pequena sala o retrato de uma senhora que não se prestára como modelo.

— Fui eu, não? perguntou Luciana a Horacio.

— Foi, respondeu Horacio. Bem vem que entre nós existe um laço perpetuo, eterno.

XXVI

PHILOSOPHIA TRANSCENDENTAL DE UM
SALÃO DA MODA

Foi por esse tempo que eu fui levado por Horacio á casa da Sra. Mariani, a um dos serões da rua de Sèze.

Parecia estar em sua propria casa: mostrava-se tão attencioso para com a mãe, que facil me foi ver que escondia o seu amor pela filha.

Luciana fallou-me de Bade e do castello da *Favorita*.

— A senhora era então a Bella encantada, disse-lhe; o principe Encantador foi bater-lhe á porta?

— Não, disse ella olhando furtivamente para Horacio. Ainda não me haviam despertado.

Recordo-me como Luciana estava vestida. O vestido de garça branca, cujas saias eram levantadas por grinaldas de rosas, envolvia-a com uma nuvem de poesia; as mangas á grega

descobriam um braço onduloso de fôrma delicada e energica. O corpinho mal cobria-lhe os seios quasi abundantes, mas adoravelmente harmonizados com a linha serpeante das espaduas.

Tinha um collar de perolas falsas, mas um collo digno de trazer as perolas de Cleopatra.

Os cabellos negros com reflexos dourados, sempre rebeldes ao pente, cahiam-lhe em caixos de estylo antigo.

Embalde ella procurava encarcerar triplicemente a sua paixão, coava-se-lhe pelos labios entreabertos e pelos olhos humidos não sei que voluptuosa revelação de suas alegrias occultas.

Nessa noite fallou-se de tudo. A conversação sahio da Opera para ir acabar na immortalidade da alma. Luciana que tinha a presciencia de morrer dentro embreve gostava muito desses formosos sonhos dos poetas pelos mundos futuros.

Horacio, que occultava a sua sciencia dizendo que apenas conhecia o seu coração, começou assim ou pouco mais ou menos:

— Os poetas e as mulheres não contemplam sem emoção as estrellas; ora os poetas e as mulheres bem podiam ser os prophetas do sentimento, os videntes do nosso futuro destino. A natureza deu ao homem um sexto sentido; —

o do futuro; — mas este sentido é involvido em trevas. A visão magnetica da vida futura não se fórma á luz do raciocinio: reside nos limbos do coração humano. A acção, o movimento, as cousas externas, o cuidado dos negocios, afogam esse pallido raio. Para o crer, é preciso amar; para esperar, é preciso soffrer. Só o olhar interno das naturezas delicadas e soffredoras abre-se ao mysterioso sol do tumulo. Quando Socrates no *Phedon* falla a seus discipulos em outra vida, quando já ouve o rumor das espheras celestes, quando ajusta com os amigos que choram encontrarem-se nas estrellas, Socrates tem na mão a taça no fundo da qual a injustiça humana espremeu a cicuta.

Interromperam Horacio para dizerem-lhe que elle era muito instruido.

— Eu? nunca estudei, disse tornando a tomar o seu modo zombeteiro; mas si querem, posso fallar dest'arte durante tres horas.

E continuou:

— Gosto desta theoria das almas viajantes, renascendo de esphera em esphera, revestindo uma existencia successiva cujos termos não são conhecidos, indo assim em busca da felicidade, em demanda de Deus que recúa sempre, aspirando á luz crescente da eternidade, separadas

do infinito por um abysmo, mas por um abysmo cujas trevas se dissipam cada vez mais, deixando de mundo em mundo os despojos de uma existencia mortal na fórma, immortal no principio. Para o sabio que contempla assim as cousas, a morte é uma mudança fecunda: chrysalida de nova vida, envolve-se cheio de fé e de esperanza nas dobras funebres do sudario, como o insecto fiador nas teias de seda que tem de partir com as asas. Mas creio que fallo muito bem: já não me escutam.

— Os philosophos materialistas têm muito menos que nos ensinar ácerca da sorte do homem depois da morte, disse um moço philosopho que ainda não tinha philosophia. Seria no entanto injusto suppôr que essa doutrina desoladora seja completamente incompativel com o dogma da perpetuidade dos entes. Alguns povos atheus do Oriente nem porisso deixam de professar o culto dos antepassados. Acreditam em uma alma material, tendo exatamente a figura dos corpos e continuando a frequentar os logares em que se passou a sua existencia. Presos aos elementos, esses semi-mortos assistem á natureza nas suas mysteriosas combinações; presidem aos destinos humanos; derramam a sua influencia sobre os vivos. O amor e o odio, os sentimentos e as pai-

xões que os animaram durante a sua estada entre os homens, continuam a agitar-lhes o coração. Pensam, querem, movem-se; consequentemente existem. São, por assim dizer, entes extravagantes. Vão para onde vae a alma da flor, quando solta o seu derradeiro suspiro embalsamado. A conclusão que tiro destes factos é que o nada é ainda sob o ponto de vista materialista o fructo amargo da philosophia moderna. Os antigos não concebiam cousa semelhante. Esta idéa, ou melhor, esta negação, é filha do desespero; é antes um desafio que uma doutrina: sancta Thereza lamentava o demonio: « Malaventurado! não ama! » Seja-me permittido lamentar o primeiro philosopho que encarou com o tumulo e disse á immortalidade: « Não passas de uma palavra vã! »

Havia ahí um neo-christão que veio em auxilio do moço philosopho.

— Na theologia christã, disse elle, o demonio é o pae do mal; todos os pensamentos que é possível ter contra Deus, elle tem-nos, é de seu cerebro que elles espalham-se pelo mundo. Pois bem, ha uma cousa que esse *doutor da impiedade*, como o chama altivamente Luther, nunca fez, nunca fará, nunca poderá fazer: — o demonio não nega a immortalidade. O nada seria o seu

repouso, a sua felicidade; mas nessa felicidade elle não crê. A idéa do nada é conseguintemente uma idéa humana; não é um crime, é uma loucura.

Chegou-se á doutrina dos pantheístas.

— Estes acreditam na natureza, na materia eterna e inseparavel do espirito, continuou Horacio. Deus para elles é o oceano das cousas; como S. Paulo, vivem, respiram, movem-se nelle. As almas são emanações submettidas ás evoluções do tempo, mudam, transformam-se, viajam no infinito. O que eram hontem, já não o serão amanhã; pois a fórma do mundo vae-se, e nós com ella. O movimento é a lei de tudo quanto vive. Podem-se fazer a esta doutrina quantas objecções quizerem; mas o que menos se encontra no fundo dos sonhos do pantheismo é a idéa do anniquilamento. Bem longe disso, tudo quanto vive tem vivido e tornará a viver; a destruição não é mais do que uma das fórmas da immortalidade.

— Os pantheístas approximam-se muito mais dos mysticos christãos que dos materialistas. Para elles o pensamento humano mostra-se co-eterno com Deus, de quem não é aliás mais que um raio. Querer que este pensamento se acabe, seria delirio da philosophia; desenvolve-se ao contrario como a vida desenvolve-se no universo.

— Que as almas renascem, é ponto em que todos os pantheistas estão de accordo; mas onde e como renascem? Voltarão á humanidade para della desligarem-se de novo? Os homens que vivem agora na superficie da terra serão os que viviam ha dez ou vinte ou trinta seculos? Tornarão ainda a viver daqui a dez mil annos? Em summa, o renascimento limitar-se-ha ao nosso globo terrestre?

Appresentaram alguns systemas modernos.

— Mas, disse Heitor esforçando-se por ser sabio cinco minutos, para o que me serve renascer si, tornando a vir ao mundo, perco a experiencia que havia adquirido nas minhas existencias anteriores? Existi, dizem os senhores! que tenho com isso, si o que fui outrora apagou-se como o vestigio que deixa uma andorinha ao passar pela agua? A humanidade continúa, sem duvida; os progressos succedem-se e eu herdo o trabalho de meus antecessores no globo; mas, si a parte que eu tomei nessas conquistas é riscada do livro da consciencia, eu não vivi. Esta memoria dos feitos realizados, das existencias completadas, adquiri-las-hei em edades futuras, concordo; mas até então tenho o direito de sustentar que a natureza foi injusta impondo-me o encargo de uma continuidade

cujo sentimento me recusa. Renascer assim, não é renascer, é recommençar a morte. Acho isto muito divertido.

— Não creio que a vida da humanidade esteja limitada aos destinos do nosso globo, continuou o moço philosopho. Este mundo ha de acabar (é a sorte de tudo quanto teve principio—ter fim), e a humanidade ha de ser transportada então para um novo planeta, onde as suas faculdades augmentar-se-hão com o proprio theatro da vida. Eis-nos chegados ás idéas de Platão.

— Não é verdade, disse M^{lle} Mariani, que as almas que desapparecem continuam a fiar o fio da Virgem com os vivos amados que ficam depois dellas na terra? A poesia diz que sim, e a poesia tem rasão; seria não existir mais, não amar mais. Ora o amor é activo, disse-mo o meu confessor: si o é, é imprescindivelmente necessario que se manifeste. Não accusem a imaginação de crear phantasmas. A imaginação é a loucura da realidade. O que ella vê nas nuvens, o philosopho vê com mais certeza no espelho do raciocinio. Abstenhamo-nos principalmente de desprezar as sombras que a eternidade projecta na superficie dos tempos. Os senhores conhecem a historia das miragens:

os primeiros navegadores que acreditaram vêr montanhas de gelo no seio dos mares do polo arctico foram tidos como visionarios; haviam tomado comeffeito a sombra das montanhas pelas proprias montanhas; mas afinal não era mais do que mera transformação dos factos: as montanhas estavam mais longe. O mesmo succede com os phenomenos da vida futura. Nossos sentidos podem enganar-se, mas nosso sentimento não nos transvia. As lendas com que embalam-nos a infancia não são mais que fracções da verdade. Si os mortos não voltam, o seu pensamento volta á terra.

Applaudiram todos. Era o sentimento que vence a razão. Si a primeira palavra da philosophia é um palpar do coração, a ultima é uma aspiração da alma.

— Onde aprendeu a senhora tudo isso? perguntou o philosopho á moça, é a primeira vez que ouço conversar tão bem em um salão.

— Meu pae sabia tudo, respondeu ella. Disse-me muita cousa quando era vivo. Depois de morto ainda ensina-me muitas outras. Sinto que a alma d'elle não deixou-me.

E para não parecer uma pretenciosa; M^{lle} Mariani sentou-se ao piano e tocou arias venezianas.

Referi passagens dessa conversação para mostrar mais uma vez o character extranho de Luciana.

A reunião correu depois como todas as reuniões. Cantou-se sob pretexto de que já se não conversava. Tomou-se chá para illudir a fome, e cada qual sahiu sem saber porque tinha vindo.

— Como M^{lle} Mariani conversa bem! dizia o philosopho na escada.

— Como ella canta bem! dizia Horacio com simplicidade. Estes passaros de Italia têm uma plumagem e um canto que seriam capazes de fazerem-me naturalista italiano, si ainda houvesse uma patria na terra do sol.

— Tu amas M^{lle} Mariani, disse eu a Horacio quando ficamos a sós.

— Parece-te? perguntou-me.

— Toma cuidado, esta paixão terá um despertar terrivel si quizeres tomá-la em tom de mofa. Que fazer de Olympia?

— Olympia! já nem della me lembro. Ha quatro dias que a não vejo.

— Supponho ao menos que tu não confundes M^{lle} Mariani com M^{lle} Olympia?

— Oh! livre-me Deus disso. Mas tu conheces o meu systema: ha dous homens no homem:

o bom e o máu. Dou o bom a Mariani; deixo o máu a Olympia.

— Pois bem, aconselho-te que não dividas por mais tempo; pois hoje ha dous homens em ti, mas dentro em pouco não haverá mais que a metade de um, si continuas a viver assim para todos os quatro pontos cardiaes.

XXVII

DO SR. THEMISTOCLES, ACADEMICO GREGO

Horacio seguiu meu conselho, ou antes, seguiu o conselho de seu proprio coração. Tornou a abrir alguns livros bons, recusou tornar a ver Olympia e passou a melhor parte de seu tempo perto de Luciana.

Mas uma noite,— tão certo é que o amor não gosta da felicidade,— Horacio aborreceu-se de tocar piano a quatro mãos e deixou M^{lle} Mariani antes da hora costumada.

Ella estava triste, mas elle passou adeante.

Subiu o boulevard até Tortoni, indignando contra os ruins charutos.

Deante do Tortoni encontrou Heitor.

— Como? pois ainda não estás deitado, meu charo Horacio? Dize-me, converteste-te? Estás lendo in-folios? Andas abrindo a tua cova? Hontem pronunciamos a tua oração funebre.

— Onde vás?

— A casa da Tarpeia. Eu nunca perco os bons habitos. Emprestaram-me hoje vinte cinco luizes que quero arriscar no lansquenet. E depois devem dar-nos á ceia uma persa transviada em Pariz, que não sabe uma palavra de francez. Será divertido aprender o persa. Anda, vem commigo; traduzi-la-hemos para francez.

— Sim, irei, disse Horacio distrahido.

Horacio promettia a si mesmo todas as manhãs não tornar á casa da Rocha Tarpeia; mas quando davam onze horas, fizesse o que fizesse, subia apezar seu, arrastado pelo jogo, pela ociosidade, e principalmente pela curiosidade. Havia nelle o Filho Prodigio, mas havia tambem o philosopho. Já não ia ao theatro, porque para elle tudo era espectaculo, porque para elle a comedia em acção era preferivel á comedia escripta.

Os dous salões da Rocha Tarpeia, por menores que fossem, encerravam as mais bellas scenas dramaticas, desde as mais alegres até as mais lamentosas. Ria-se continuamente; mas quantos não occultariam o seu desespero sob o riso forçado! Havia o desespero do jogo e o desespero do amor, si se póde profanar esta bella expressão com essas paixões de uma hora ou de um dia, algumas vezes duradouras no entanto, semelhan-

tes a essas plantas semeadas pela tormenta que nascem sobre os rochedos como fóra da natureza.

A dona da casa tinha a arte de escolher o seu povo. Não exigia passaporte nem certidões de baptismo, mas procurava a aristocracia do semblante; a tal ponto que ao entrar-se nos seus salões podia a gente acreditar-se na melhor sociedade pariziense, principalmente quando as mulheres não predominavam, ou antes que o chá com rhum, de que para uso da casa haviam composto uma só palavra alatinisada, houvesse communicado alguma alegria a essas cabeças de vinte annos.

Quanto á conversação não era o salão das preciosas ridiculas nem a Academia Franceza. Mas Horacio e Heitor diziam que só ahi o espirito manifestava-se francamente. A gente atrevia-se a dizer tudo; não é porventura na ousadia do dito que está muita vez o espirito gaulez? A temidez da linguagem apenas produz o espirito francez.

Estamos em muito boa companhia para que eu tente reproduzir todas as extravagancias, todos os trocadilhos, todos os conceitos que surgiam em casa da Rocha Tarpeia. Cumpre não offender a moral nem a lingua; mas Horacio, que não tinha estes preconceitos, gostava de per-

der todas as noites duas ou tres horas nessa roda impossivel, que elle dominava continuamente com a sua formosa cabeça, com o seu desdem e com o seu espirito. A gente gosta sempre das realezas, sejam ellas quaes forem. A's mais das vezes elle não jogava. Fumava e atirava um dito de zombaria sobre a meza de jogo ou uma extravagancia no meio das mulheres. Os máus jogadores temiam-no, porque elle jogava bem e de nada tinha medo.

Na noite que devia ser celebrada com uma persa, dirigiu elle uma mesa de lansquenet entre onze horas e meia noite.

— Senhores, disse a Sra. de la Roche, apresento-lhes o Sr. Themistocles, oitavo sabio da Grecia.

A galeria mudava muitas vezes de mascara; cada dia trazia nova figura.

O Sr. Themistocles foi um dos mais extremos jogadores da noite

— O Sr. não joga em pura perda, disse-lhe de subito um moço musico que já perdia o dinheiro do seu proximo concerto.

O Sr. Themistocles não respondeu e estendeu a mão.

— Eu desejava, disse Horacio, que a Grecia fosse riscada da carta geographica.

— Pois o senhor atreve-se a dizer isto? perguntou o grego. Lord Byron não era dessa opinião. Supprimir a Grecia, a terra de onde sahiram todos os sabios, todos os poetas, todos os philosophos!

— Eis ahí está porque, exclamou vivamente Heitor, já lá os não ha hoje.

— O senhor julga leviaamente a gente de nossa terra, disse o Sr. Themistocles.

— Vamos, vamos, disse a Rocha Tarpeia, os senhores tiveram sete sabios, é sabido; mas deixaremos em paz os seus cabellos brancos.

Horacio, que perdia, murmurava entre dentes:

— Mas o que é fóra de duvida é que é uma terra degenerada, pois hoje já se não é grego de nação, mas só de profissão.

O Sr. Themistocles atirou com as cartas á cara de Horacio.

— Bem o conheço, disse Horacio dando-lhe com a ponta da luva nas faces sem dignar-se commover, não era capaz de atirar-me com o meu dinheiro. Ou melhor, o senhor atira-me com as suas cartas, mas não é capaz de atirar-me o seu cartão de visita.

— Si o senhor diz mais uma palavra, disse o habitante do Peloponeso, chegarei álgum lamentavel extremo.

— E' isto, disse uma dama que o conhecia, eis uma boa occasião do senhor restituir a bofetada que recebeu hontem.

— Ha de ver, disse Heitor, que elle não restitue cousa alguma.

O grego levantou-se, tomou o chapéu e sahiu.

Mas, como riam-se dessa flexibilidade sem par, tornou a abrir a porta, e voltando-se para Horacio :

— Não fujo, disse com a arrogancia de quem tem medo. Espera-me uma dama de sua amizade, M^{lle} Olympia.

O Sr. Themistocles havia tornado a fechar a porta e atirára-se para a escada.

Horacio, que voltava as cartas, não dignou-se erguer a cabeça.

— Excellente occasião! disse uma jogadora: si M^{lle} Olympia o espera, é porque elle ganhou no jogo.

Horacio occultou a raiva. Já não amava Olympia: mas elle mostrava-a pelo braço, e estava humilhado por vê-la descer até o Sr. Themistocles.

— Basta de viver no lodaçal! pensou revoltando-se contra si proprio.

Levantou-se para se ir embora, resolvido a não voltar mais alli; mas, ao sahir, a Rocha

Tarpeia tomou-lhe o braço e levou-o á força a uma moça persa muito linda que um addido de legação acabava de trazer.

— Não é verdade que ella é formosa? dir-se-hia que desce de um balão.

Horacio esqueceu a sua colera; travou uma conversação interminavel com a intrepida viajante. Elle fallava em francez, ella respondia em persa, e comprehendiam-se perfeitamente.

Quando Heitor voltou essa noite para casa, acordou Eleonora e pediu-lhe chá.

Eleonora censurou rudemente a Heitor.

— Como um homem bem educado póde andar com semelhantes loucuras? Jogar lansquenet com mulheres sem principios, ceiar á meza com mulheres vendidas, atirar com o dinheiro por semelhantes janellas fóra!

Em summa, foi um verdadeiro sermão em estylo de antecamara.

Durante mais de uma hora Eleonora deu lições de moral a Heitor.

— E o Sr. Horacio? perguntou-lhe; estou bem certa de que não havia de faltar.

— Horacio, disse Heitor rindo-se como um perdido, Horacio está ensinando francez a uma persa.

XXXVIII

O DESPERTAR

Foi em um sabbado. No domingo, Luciana, acordando, chamou pela creada grave.

— Eleonora, eu vou á Magdalena á missa das oito horas; tracte de vestir-me e de vestir-se para ir commigo.

— Mas a ama chama-me tambem pelo seu lado.

— Peço-lhe que falle mais baixo.

— Não é possivel servir a duas senhoras ao mesmo tempo; só os homens são capazes disso.

Luciana empallideceu. Estas palavras, ditas maglinamente, illuminaram-na como um clarão infernal.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que não direi cousa alguma.
E Eleonora deu-se pressa em contar que Ho-

racio passára a noite a dar lições de francez a uma persa.

— Quem lhe contou isso ?

— O Sr. Heitor, que ria-se como um louco dessa aventura.

Luciana, já tantas vezes ferida, sentiu-se então ferida mortalmente.

O nome do pae veio-lhe aos labios. Foi ao salão e cahiu de joelhos deante do retrato.

Orou devorando as lagrymas.

— Oh meu pae! disse, perdõe-me o que vou fazer.

Foi abraçar a mãe.

A Sra. Mariani, ainda meio adormecida, não reparou que a filha abraçava-a com mais effusão que de costume.

Luciana sahiu para a missa das oito horas.

Ao chegar defronte da Magdalena viu passar deante de si M^{llo} Olympia, que ia, de braço dado com o seu amante, tomar o caminho de ferro de Saint-Germain.

O amante della nesse dia não era Horacio.

Não é Horacio, mas que importa! disse Luciana: ha tantas Olympias em Pariz!

E pensando na alegria matutina de Olympia:

— E' uma rapariga perdida, e no entanto parece feliz.

E sem querer, M^{lle} Mariani pensou que talvez houvesse um refugio para ella nessa sociedade condemnada que entrevira no baile da Opera.

— Deus seja louvado! disse ella abrindo a porta da egreja; eu não me hei de consolar do amor com amores novos.

Depois da missa das oito horas, disse a Eleonora que voltasse para casa.

— Diga a minha mãe que eu espero Helena e que iremos almoçar ás onze horas.

Luciana ficou para a missa das nove horas.

Depois para a missa solemne.

— Oh meu Deus! disse ella affastando-se, depois de haver aspergido de agua benta a testa e o seio; deixo aqui nesta egreja meu coração e meus sonhos. Agora vou vingar-me.

XXIX

O ESTYLETE CIRCASSIANO

— E' singular ! disse Heitor, que por acaso nesse dia punha alguma ordem em seu quarto ; não acho o lindo estylete circassiano que trouxe da Criméa.

Foi abraçar a mãe.

— Mamãe, viu o meu estylete ?

— Mettes-me medo com o teu estylete.

— Quando almoçamos ?

— Ao meio dia. Helena vem tambem.

— Tambem Horacio. O que haverá para entregar a dentes tão afiados ?

— Um frangam, um perdigoto, uma codorniz, que sei eu...

— Isto acaba em cauda de peixe ; falta apenas uma calhandra.

A creada grave acabava de entrar.

— Eleonora, não achou o meu estylete !

— Mademoiselle brincava esta manhã com todas as suas armas.

— Luciana! disse a Sra. Mariana; o que quererá isto dizer?

Tocaram a campainha.

— Ei-la ahi!

Era Horacio.

— Mas já é meio dia, continuou a Sra. Mariani; porque não terá Luciana voltado da missa? Heitor, vae encontrar tua irmã!

— Ah! meu Deus! exclamou Eleonora, accorde-me uma idéa horrivel!

A creada grave cahiu quasi sem sentidos em uma poltrona. Foi preciso darem-lhe saes a respirar.

— Não é nada, disse ella tentando sorrir. E' que li esta manhã a *Gazeta dos Tribunaes*.

Heitor e Horacio foram á Magdalena, Heitor fumando um charuto, Horacio meio doudo occultando a sua emoção.

Não encontraram nem Luciana nem Helena.

Voltaram para a casa da Sra. Mariani, Heitor surpreendido, Horacio inconsolavel.

— Quer vêr, mamãe, disse Heitor sentando-se á mesa, Luciana hade ter ido á casa de Helena ver os seus estofos de Smyrna. E demais, surpreendi um segredo: M^{lle} de Vermonsey vae casar-se.

— Pois então, disse a Sra. Mariani, vão immediatamente á casa de Helena.

O Creado de recados sahiu no mesmo instante.

Quando voltou, Heitor havia almoçado, a mãe havia tomado café, Horacio havia partido o pão, mas não tinha comido.

E então ?

M^{lle} Luciana sahiu de casa de M^{lle} Helena ha muito tempo. M^{lle} Helena disse-me que estava desassocegada com a pallidez della.

Triste silencio seguiu estas simples palavras.

Horacio tomou o chapéu e sahiu dizendo que voltaria.

A Sra. Mariani rompeu para logo um grito e um pranto.

Afinal de contas, disse Heitor, não ha de que ficar assim afflicta : Luciana é bastante crescida para voltar sósinha. E' que encontrou alguma outra amiga. Então nunca succedeu-lhe demorar-se ?

Tornaram a chamar Eleonora.

— O que sabe de tudo isto ?

— Nada. Mademoiselle chegou tarde para a missa das oito horas, quiz ficar para a missa das nove; eis tudo.

— Deus velará sobre ella, disse a Sra. Mariani.

Horacio fôra á casa, como si lá houvesse de encontrar Luciana ou alguma carta de Luciana.

Luciana lá não estava, Luciana não havia escripto.

Não se atreveu a voltar para casa da Sra. Mariani; voltou á Magdalena e lá passou a hora de vespêras, suppondo sempre ver apparecer o adoravel semblante que elle ia amar mais que a si mesmo.

Heitor sorprehendeu-o orando a Deus pela primeira vez sem duvida depois de muito tempo.

— E's tu! Não viste Luciana?

— Não, vim aqui suppondo encontrá-los ambos.

— E' singular este desaparecimento. Começo a assustar-me. Minha misera mãe está meio douda.

Horacio voltou á casa, esperando ver chegar Luciana. Batia no coração dizendo: A culpa é minha! é minha! é minha! A cada momento abria a janella e olhava para os tranzeuntes. Corria á escada, escutando com angustia. Queria escrever; jurava a Deus amar Luciana religiosamente...

Mas Luciana não apparecia.

Releu as cartas que ella escrevêra-lhe. Impressionaram-no estas passagens:

« Sou ciumenta! — Ciumenta, sabes o que é?

« Sabes que com isto a vida é impossivel e que é forços a gente matar-se, sim, matar-se... ou matar? »

« Odeio a essa mulher a quem não conheço! Quizera apertá-la tanto nos braços que a matasse com o palpitar de meu coração por ti. »

« Lançá-la-hiam em um tumulto, em um tumulto profundo cuja lousa meus ciumes sellariam! »

« E iria depois comtigo amar sob outro céu que nunca houvesse allumiado os teus amores passados. »

E adeante, em outra carta:

« Quizera comprar a felicidade. Para que Deus ma perdoasse, quizera soffrer; para ser consolada, quizera amá-lo até perder a razão. Mas o senhor, o que amou em mim? No momento de possuir meu coração eternamente, o senhor reclamou a mulher. »

E finalmente, em uma carta da antevespera:

« O senhor diz que me ama e eu sinto-me só. E' que o senhor não me ama com o mesmo amor: o senhor é o céu de Pariz todo coroadado de nuvens, e eu sou o céu de Veneza que só vê o sol. O senhor não está commigo quando está perto de mim. Estou a mil leguas do senhor quando me abraça. Para o senhor os phantasmas do passado vivem mais do que eu mesma,

Horacio, Horacio, o senhor atirou-me no inferno. Soffro mil mortes, quero viver, e amo o meu inferno. Meu crime será minha penitencia. Deus me ha de perdoar haver atravesado alegrias tão dolorosas. Deus! e atrevi-me a escrever esta palavra! Deus! eu amava-o e já não o conheço. O senhor tudo roubou-me, Horacio, tudo, até o céu.

« Pois bem, si Deus me abrisse a porta para eu sahir deste inferno em que o senhor lançou-me, Horacio, eu segurar-me-hia aqui onde estou, e não sahiria do inferno ainda que fosse para tornar ao paraíso. »

— Misera Luciana! como ella me amava! disse Horacio beijando esta ultima carta, que na antevespera não tinha querido ler.

Sahiu para ir á casa da Sra. Mariani, dizendo ao seu creado grave que lhe levasse as suas cartas á rua de Sèze.

A Sra. Mariani atirou-se-lhe nos braços.

— Diga-me, Horacio, minha filha amava-o?

— Não, disse Horacio occultando a sua emoção; si ella me amasse, estaria aqui entre a senhora e mim.

XXX

O CASAMENTO DE HELENA

Depois que M^{lle} Mariani transpoz o peristylo da Magdalena, deteve-se um momento como para perguntar a si mesma onde ia.

Adeantou-se pelo boulevard até a rua da Ferme-des-Mathurins.

— Não, disse ella levando a mão ao coração, é impossivel.

Voltou atraz, seguiu pela rua Real, atravessou a ponte da Concordia e caminhou rapidamente até a rua Saint-Dominique.

Ia á casa de M^{lle} Helena de Vermonsey.

— Veja como são as cousas! disse um creado grave na entrada do palacio; eu ia levar uma carta á Sra. sua mãe.

Helena, que vinha tambem da missa e que subia a escada, tornou a descer para abraçar mais depressa Luciana.

— Oh! quanto prazer tenho em vêr-te, minha querida Luciana! Não sabes o que me succede! caso-me!

— Tu!

M^{lle} Mariani pronunciou esta palavra com um sentimento inexprimivel de tristeza.

Mas cahindo em si immediatamente, tomou um sorriso alegre, um sorriso de festa e abraçou a amiga.

— Casas com teu primo Raul?

— Oh! meu Deus, é verdade; como si isso se passasse em um vaudeville. E' absurdo hoje desposar um primo; mas que queres? amo-o como si não fosse meu primo.

Helena arrastára Luciana á sua camara.

— Oh! mas esta camara está como si fôra um jardim! disse M^{lle} Mariani respirando o tepido perfume das rosas da primavera.

— Sim, tenho uma jardineira em cada janella.

M^{lle} Mariani lembrou-se, com um apertar de coração, dos lilazes brancos que Horacio mandára á sua mãe durante todo o mez de Janeiro.

— Como não me déste antes esta boa noticia?

— Porque haviam-na dado a todos, excepto a mim.

E Helena poz-se a rir como uma louquinha, com esse formoso riso ingenuo das filhas de Eva que ainda não comeram os fructos amargos.

— Mamãe sabia muito bem que eu amava Raul; Raul sabia-o ainda melhor que mamãe; mas eu não o sabia absolutamente. Emfim, antehontem veio formalmente pedir esta mãozinha mais ou menos alva. E depois á noite um tabellião, com a sua gravata branca e a sua casaca preta, um verdadeiro tabellião de theatro, appareceu como si sahisse de um alçapão. Ah! minha rica, que estylo! Ainda estou triste. Mas emfim, antes de ir mais longe, era preciso pôr de accordo a terra de Vermonsey com a d'Arcy. Daqui a tres semanas serei a Sra. marquesa d'Arcy. Raul, que parece estar com alguma pressa, queria comprar as dispensas para casar-se dentro em oito dias, mas eu não quiz. Diverte-me fazê-lo esperar.

E Helena tornou-se séria.

— Quem sabe? talvez ainda mais me divirta esperar.

— Não, não, não esperes, casa-te immediatamente, murmurou M^{llo} Mariani com voz cortada, sem saber bem o que dizia.

— Estás douda. Eu gosto mais da vespera da festa que do dia seguinte. A felicidade,

queres saber, nunca se conjuga no presente, mas no futuro.

-- No futuro, disse Luciana respirando difficilmente; enganas-te. A felicidade conjuga-se no passado. A felicidade chama-se *hontem* e não *amanhã*.

— Calcula que, durante estas tres semanas, hei de andar de surpresa em surpresa. Não fallo do enxoval de casamento, em que elle me prometeu pôr um pouquinho de tudo quanto brilha na terra; chego a crêr que despregará para mim tres ou quatro estrellas do céu, si o Sr. Babinet der licenças; mas o que me diverte é que o condemnei a escrever-me duas vezes por dia cartas de quatro paginas. Si aqui não está a esta hora, é que me está escrevendo. Hontem aborrecia-me, disse-lhe: Vá escrever-me.

M^{lle} Mariani tomou ambas as mãos de Helena, beijou-a na fronte e disse-lhe com um sorriso melancholico;

— Ah! como és feliz! Não amas!

XXXI

A PORTA DO INFERNO

Durante ainda uma hora as duas moças continuaram junctas, conversando ácerca disto e daquillo, seguindo até perder de vista todos os meandros da conversação.

— Mas tu, não és tu feliz? disse de improviso Helena contemplando Luciana.

M^{lle} Mariani compoz o seu sorriso dos melhores dias.

— Feliz! felicidade! Pois não tenho como tu jardineiras cheias de rosas? Não tenho como tu uma mãe que me ama e que vela? Não tenho como tu um armario de páu rosa que me diz que sou bella todas as vezes que o interrogo? Não tenho como tu...

M^{lle} Mariani olhou para o casto leito branco de Helena, que parecia todo adornado com o véu da Virgem.

— O! eu sou muito feliz, minha querida Helena.

Luciana voltou o rosto para occultar as lagrymas.

— Adeus, disse ella logo, como si o seu desespero não pudesse viver mais tempo nessa atmosphera de virtude e de felicidade.

— Já me deixas? quando tornarás a vêr-me?

— Nunca! pensou comsigo Luciana.

Mas apressou-se a dizer em voz alta:

— Cabe-te a ti ir vêr-me. Convido-te para terça-feira ao meio dia na egreja da Magdalena.

— Terça-feira? O que vãs fazer terça-feira ao meio dia na Magdalena? Porventura casar-tehas tambem?

M^{lle} Mariani olhou para Helena com o olhar do combatente que acaba de receber um ferimento emcima da ferida já mortal.

— Sim, caso-me; has de receber um convite para terça-feira. Adeus.

— Sempre louquinha, disse Helena abraçando Luciana.

E quando M^{lle} Luciana affastou-se:

— Misera Luciana! Occulta-me o seu coração, ella que sempre me confiou tudo. Ah! tenbo toda a certeza de que ama Horacio, por

sua desdita! Como pôde ella amá-lo?—Silencio! continuou; pois este inverno tambem eu tive medo de amar Horacio.

No entanto M^{lle} Mariani voltára á Magdalena pelo mesmo caminho. Esqueceu-se um momento da sua vingança e pensou em tornar para juncto de sua mãe.

— Não, disse, está tudo acabado...

Estava ao mesmo tempo na rua de Sèze e na rua da Ferme-des-Mathurins. Fez com a mão um signal de adeus para as janellas de sua mãe. Não tinha animo de ir adeante; mas lembrou-se das traições de Horacio, e caminhou com passo rapido.

Onde iria ella?

— A Sra. de la Roche está em casa? perguntou ao porteiro da casa de jogo.

Acabava de revestir-se de todo o seu valor.

— A Sra. condessa acaba de chegar da missa de uma hora. Encontrá-la-ha no seu salão.

Não haveria senhora em Pariz que fosse mais respeitada,—pelo seu guarda-portão,—do que a Sra. de la Roche.

M^{lle} Mariani subiu os dous andares e tocou a campainha com mão firme, afogando em si todo o instincto de pudor. O seu sangue veneziano batia-lhe nas temporas e arrastava-a a todas as coleras.

Um alto laçao todo agalado conduziu-a ao salão.

— Senhora, disse ella sem se inclinar (querendo conservar-se altiva ainda no meio da degradação), senhora, eu sou de Veneza. Disseram-me que as estrangeiras encontravam aqui hospitalidade.

A Rocha Tarpeia erguêra-se com respeito deante da magestade e da belleza fascinadora de Luciana.

— Senhora, não comprehendo bem o que quer dizer; isto não é uma hospedaria: á noite recebo algumas damas e alguns moços, como nas melhores casas...

— Pois bem, senhora, venho pedir a honra de ser recebida em sua casa.

A Rocha Tarpeia já tinha visto que a recém-chegada, por sua belleza, tinha direito de cidade em sua casa; mas parou até ao fim, por não querer dobrar-se demasiado sob a altivez imperiosa de Luciana.

— Mas, senhora, disse ella á moça, aqui a gente não póde ser recebida sem haver sido antes appresentada.

— Como na côrte! E quaes são as damas de honor que appresentam as mais?

A Rocha Tarpeia comprehendeu que não poderia lutar.

— A's mais das vezes são os homens que appre-

sentam as senhoras; mas afinal deante de uma pessoa como a senhora todas as portas se abrem de par em par.

— E' muita bondade da sua parte, senhora.

Luciana deixou cahir estas palavras do alto da sua dignidade, pois não podia ainda resolver-se a pôr-se na altura do papel que queria desempenhar.

— Mas em summa, senhora, continuou a Rocha Tarpeia depois de haver approximado uma poltrona de M^{lle} Mariani, diga-me quem lhe despertou a idéa de ser recebida aqui?

— Alguns moços que me têm fallado muito da excellente sociedade a qual a senhora preside. Quero fazer-lhes uma surpresa: esta noite achar-me-hão aqui e não acreditarão nos seus proprios olhos. A minha roupa está no entanto demasiado severa; mas mandarei á casa da minha costureira, que deve ter-me feito um vestido de baile.

— A belleza, senhora, sempre está bem vestida; mas tem rasão, um vestido de baile é muito mais gracioso.

Nesse momento a ãona da casa vendo Luciana empallidecer, correu para ella com o seu frasco na mão.

— Não é nada, disse a moça respirando os saes; parece-me que falta aqui ar.

A Rocha Tarpeia correu a abrir a janella.

— Está bom, obrigada.

— Venha para a janella, senhora, o ar está muito agradavel.

— Oh! não, disse Luciana.

Consentira em mostrar-se nos salões do lansquet, mas não em pregar-se á janella.

— Poder-me-ha, senhora, fazer o favor de conservar aqui até a noite e de dar-me uma camara para vestir-me quando vier o meu vestido?

— Porque não, senhora? está em sua casa.

A Rocha Tarpeia tocou a campainha.

— Leontina, accende fogo no meu camarim, e recebe todas as ordens que a senhora te der. Como se chama, minha senhora?

Luciana pareceu procurar antes de responder.

— M^{lle} Luciana.

— Bonito nome; mas o Sr. Ponsard não faria uma tragedia com a senhora.

— Quem sabe? disse a moça.

XXXII

A MULHER DECAHIDA

M^{lle} Mariani entrou no camarim da Rocha Tarpeia e escreveu tres cartas: uma a Horacio, uma á sua mãe, e uma á sua costureira para que lhe mandasse um vestido de baile.

Mandou ao mesmo tempo a carta a Horacio e a carta á costureira. Guardou a outra.

Mal tinha acabado de escrever, a dona da casa pediu-lhe permissão para lhe appresentar uma moça, que procurava uma amiga.

— Não, respondeu Luciana, não vale a pena.

Mas a moça entrára logo atraz da Rocha Tarpeia.

E era tão bonita, cumprimentou com uma graça tão pudica, parecia tão meiga e até tão candida, que Luciana, por habito da sociedade, não pôde deixar de cumprimentá-la com a cabeça.

— A senhora consente? perguntou a moça sentando-se.

— As senhoras comprehendem-se uma á outra : vejo isto logo ao primeiro olhar, disse a Rocha Tarpeia. Quanto a mim vou fazer uma visita; estarei aqui dentro em uma hora. Está sabido que as senhoras jantam commigo. Dar-lhes-hei excellentes chouriços e codornizes com doce de Bar.

— Eu não janto, apressou-se a dizer M^{lle} Mariani.

— Nem eu, disse a moça.

— Pois bem, sentar-se-hão á mesa para me verem comer.

— Emfim, eis-nos a sós! disse a recémchegada. Imagine, senhora, que deixei meu marido esta manhã. Não tenho um vintem; sou muito culpada, pois tenho um amante. Meu marido bateu-me, estava no seu direito, e, para corôar a obra, meu amante fechou-me a porta, dizendo-me que, si me apanhassem em casa delle, seria condemnado a seis mezes de prisão : eis a ultima e muito poetica palavra de um romance, — seis mezes de prisão!

— Mas, senhora, disse Luciana vendo chorar aquella que assim se confessava, porque não volta para a companhia de seu marido?

— Porque elle já me não ama.

— Si já a amou, acabará por tornara amá-la.

— Não, senhora. Tomou uma amante. O infortunio desolou para sempre o nosso lar. Não

tenho mais do que morrer — ou viver esquecendo-me de que existo.

A estas palavras seguiu-se um silencio:

— E eu que suppunha que aqui não se fazia outra cousa mais do que rir. Bem se vê que é a porta do inferno: só se entra por ella chorando.

— Vim aqui trazida pela minha fregueza de roupa branca, a quem devo muito, pois nunca soube contar. Esta manhã pensava em metter-me no fundo de um convento: mas essa mulher disse-me que me queria salvar da desesperação. Parece que a Sra. de la Roche empresta dinheiro. Joga-se muito aqui. Em Spa o anno passado eu ganhei tres mil francos; quero ainda tentar fortuna. E demais, devo dizer-lhe? sou curiosa...

Outra recémchegada entrou sem mandar-se annunciar. Luciana levantou-se com um sentimento de dignidade ultrajada. Mas conteve-se.

— Não, disse ella, venho aqui como a uma expiação. Quero soffrer todas as humilhações sem pestanejar.

Não pretendo pintar todas as physiognomias ruidosas ou amorosas que animavam este interior um tanto abafado e um tanto sombrio, em que era impossivel respirar uma golfada de ar puro e ter, ainda quando o sol raiava no céu com o mais vivo brilho, boa luz. O tecto como

que cahia sobre as espaldas da gente, as decorações occultavam as janellas, tudo estava tapetado, acolchoado, almofadado. O fogo nunca flammejava alegre, tamanha era a difficuldade que tinha em respirar e despedir as chammas. Si a estouvada sociedade que ahi se renovava de continuo não levasse as suas gargalhadas e a sua prodiga mocidade, não se pudera ahi viver uma hora sem desmaiar.

M^{lle} Mariani dizia a cada momento consigo mesma que ia faltar-lhe a coragem; mas, entregue toda á sua heroica resolução, queria ir até ao cabo do sacrificio.

XXXIII

O FESTIM DA ROCHA TARPEIA

Chegou a hora do jantar. A Rocha Tarpeia disse a M^{lle} Mariani que a condemnava a sentar-se á mesa.

— Visto que me condemna, obedeço, disse Luciana.

Não comeu. No entanto á sobremesa, sem consciencia disso talvez, tomou uma mandarina em um prato de Sèvres, foi partindo-a nos seus lindos dedos e comeu-a lentamente.

Estavam ainda á mesa quando um verdadeiro turbilhão de damas levianas, que voltavam de um passeio aos Campos Elyseos, entrou sem mais cerimonia.

— E então, disse a Rocha Tarpeia, entra-se assim em minha casa como em um café? Não havia quem as annunciasse, minhas senhoras?

— Então a senhora não sabe, minha chara senhora de la Roche, que já se não usa annunciar pessoa alguma? Quando muito é uso de burguezes.

As mais loucas conversações andaram no tapete. A mesa havia sido sitiada, tomada de assalto e saqueada. Nenhuma dessas damas deu quartel aos bolinhos, mandarinas, confeitos e maçãs. Era um espectáculo curioso vê-las dar todas a sua dentadazinha nos restos desse festim improvisado.

Por mais aturdida que ficasse com essa invasão inesperada, Luciana não pôde deixar de sorrir. Occultava-se a meio com o leque, por não poder calcar aos pés todo o seu pudor. A si mesma perguntava, ao vêr todas essas alegrias, com as velas abertas, si era possível esquecer tão facilmente a dignidade de mulher, e rir de tão boa mente descendo essas sombrias espiraes do inferno pariziense.

Dez minutos depois todos se tinham ido embora. As damas iam jantar, quaes ao café Inglez, quaes ao Frères-Provençaux, qual com o seu apaixonado, qual com o seu papagaio. Haviam promettido voltar cedo, olhando com o canto dos olhos para M^{lle} Mariani.

O cavalheiro dos Quatro Imperadores, que todos

os domingos jantava fóra, voltou então queixando-se de violentas dôres de cabeça. Luciana levantou-se da meza e recolheu-se ao camarim, dizendo que se ia vestir para a reunião. Tinha-lhe trazido um vestido e um toucado. A Rocha Tarpeia rolou adeante de si um desses vestuários á Pompadour que eram tão lindos antes de tornarem-se communs.

Luciana, que sempre experimentára não sei que vivo sentimento de casquilharia penteando-se e vestindo-se, não tinha força para levantar as mãos.

— Sou realmente eu? perguntava a si mesma vendo-se pallida e sombria nesse espelho que não havia reflectido sinão semblantes risonhos.

Como estava seminua, tirou do bolso o estylete circassiano e apoiou a ponta sobre o seio.

Formoso seio que ninguem tinha visto, nem mesmo Horacio!

— E' aqui, disse ella ouvindo bater o coração. Tenho certeza de ferir-me bem.

A creada grave entreabriu a porta. Luciana occultou o estylete.

— A senhora manda perguntar-lhe si quer um ramalhete.

— Um ramalhete! disse Luciana com acerbo motejo; porque não? Sim, quero um ramalhete.

E disse comsigo mesma com tristissimo sorriso ;

— Será o meu ramalhete de noivado : a morte gosta de rosas.

XXXIV

A VENEZIANA DEPOIS DA PERSA

Horacio recusára jantar na rua de Sèze em companhia de Heitor, porque a Sra. Mariani não devia levantar-se. Jantou em casa. Não demorou-se dez minutos á meza. Depois de jantar voltou ainda uma vez á casa da Sra. Mariani.

Encontrou a malaventurada senhora deitada, muda, immovel, semimorta.

Heitor já não achava rasões que dêsse á mãe. Corrêra á casa de todos os amigos em busca de Luciana.

A Sra. Mariani ergueu-se sobre um braço para respirar e vêr a hora.

— Onze horas e meia! disse com voz abafada; está acabado, minha filha não vem mais!

Heitor atirou-se nos braços da mãe e só achou lagrymas para responder-lhe.

Horacio furtou-se a esta scena despedaçadora, levado por triste presentimento.

Correu á casa, achou o seu creado grave á entrada.

— Não veio ninguém?

— Ninguém, senhor conde.

— Não recebeu cartas?

— Não, senhor conde.

Horacio não subiu; passeiou por defronte da casa.

— Senhor conde...

Era o creado grave que esquecêra uma carta recebida ás quatro horas e que acabava de encontrar no bolso da casaca.

Horacio deu-se pressa em lêr a carta á luz de um coupé parado á sua porta.

Reconheceu a lettra de Luciana, lettra rasgada e original.

Eis a carta:

« Horacio, encontrará esta noite Luciana onde o senhor vae todas as noites. Hontem havia uma persa; hoje ha uma veneziana. »

Horacio foi ferido no coração como por uma punhalada.

Releu a carta dez vezes: mas da decima vez encontrou-lhe ainda as duas linhas terriveis.

Atirou-se para a casa de lansquenet; mas de

repente um pensamento atravessou-lhe o espirito.

— Oh! meu Deus! disse com terror, si por ventura Heitor fosse esta noite á casa da Rocha Tarpeia!

Subiu ao seu aposento e escreveu estas palavras á toda pressa:

« Meu charo Heitor, supponho que não irás esta noite ao lansquenet. Espera-me na camara de tua mãe, pois cumpre não deixá-la um momento. Corro á casa de M^{lle} Helena de Vermonsey, esperando ainda lá encontrar M^{lle} Mariani.

« Teu

« HORACIO »

No meio da precipitação com que estava, deitára a carta de Luciana emcima da mesa. Tomou uma sobre-carta e poz dentro della— tinha perdido a cabeça— a carta da moça.

Chamou o creado.

— Pedro, leva immediatamente esta carta ao Sr. Heitor Mariani.

— Sr. conde sahe?

— Saio, mas volto. Accenda fogo por toda a parte.

— Decididamente, disse Pedro descendo a escada, o senhor conde está ficando doudo: mas eu estou acostumado com isto.

Horacio alcançou o creado no patamal do primeiro andar.

— Mas anda mais de pressa!

— Mas, senhor conde, é meia noite.

E o creado accrescentou entre dentes:

— Elle bem devia dobrar-me o salario, pois estou, como os cavallos de carro de aluguel, mais vezes a trabalhar de noite que de dia.

Ao dizer estas palavras um laçao de sua amisade bateu-lhe no hombro.

— Então deixamos assim passar o bello dia de domingo sem molhar um tanto o paladar?

— Ah! meu charo, bem molhado ando eu. Si soubesses que mister desempenho! Aqui onde me vês, represento um despacho telegraphico: corro sem detença de um segundo.

— Pois bem, quero dar-te forças com o ratafiá da russa.

— Occorre-me uma idéa. Já que é meia noite, começou a segunda feira, e celebraremos a nossa segunda feira antes de todos.

E os dous patuscos puzeram a rir-se ás gargalhadas approximando-se de uma taberna de todo ponto indigna de abrigar tão honesta gente.

— Si fossemos ao café?

— Nada; não tenho realmente sinão o tempo necessario para ir aos boulevards.

— Realmente, tu és uma victima do teu captiveiro.

— Tens carradas de rasão.

E o famulo de Horacio saboreou lentamente o ratafiá da russa.

Meia hora depois chegou, a deitar a alma pela bocca, á casa da Sra. Mariani.

Apenas puchou a campainha, a porta abriu-se e elle viu apparecer a um tempo Heitor, Eleonora, e na extremidade da antecamara a Sra. Mariani, que se atirára do leito fóra.

— E' uma carta, disse.

— Uma carta! exclamou a Sra. Mariani accudindo. E' uma carta de minha filba! dêem-m'a.

Heitor apoderou-se da carta, mas sua mãe arrancou-lh'a das mãos.

— Não é o que a senhora suppõe, disse o creado de Horacio, pois é um bilhete que o senhor conde acaba de escrever ao Sr. Heitor.

— Minha mãe, disse Heitor querendo tornar a apoderar-se da carta, a senhora nada tem que ver com isto.

A Sra. Mariani tinha aberto o fecho.

— Olhe, minha mãe; temos segredos que só a nós pertencem. Si Horacio fallar de minha irmã, juro-lhe que ler-lhe-hei o topico; mas

deve escrever-me relativamente a uma divida de jogo ; pois, confesso-lhe que todas as inquietações do dia impediram-me de pagar o que hontem perdi.

— Pois bem, tracta de ler-me esta carta.

Heitor respirou.

— Immediatamente, disse elle levando sua mãe para o leito, que ella acabava de deixar ; mas ahi está a senhora toda pallida e fria ; comece por tornar a deitar-se.

— Heitor, estás me mortificando ! Digo-te que essa carta encerra o meu destino !

A Sra. Mariani sentara-se no leito ; deixou cahir a cabeça no travesseiro.

— Pois bem, ouça, disse resolutamente Heitor.

Voltou atraz para fechar a porta e aproximou-se do candelabro da chaminé.

Quando rompeu a sobrecarta e desdobrou o bilhete, a lettra da irmã perturbou-lhe a vista.

Não possuia no mesmo gráu que Horacio a arte de occultar as suas emoções. Todavia a mãe, que erguêra a cabeça não experimentou a reacção do bater de seu coração.

— Então ? perguntou a Sra. Mariani.

— Então, é o que eu lhe disse, tracta-se da minha divida de jogo. Horacio communica-me que acaba de pagá-la.

Posto que Heitor tivesse sempre um dos olhos

em sua mãe, lêra e tornára a ler estas quatro linhas terríveis:

« Horacio, encontrará esta noite Luciana onde o senhor vae todas as noites. Hontem havia uma persa; hoje ha uma veneziana. »

— E' impossivel! disse.

— Impossivel! disse a Sra. Mariani. Então o que é? aterras-me! Eu bem sabia que essa carta fallava de Luciana.

— Pois bem, disse Heitor, imaginando um infortunio para encobrir outro maior, ouça o que Horacio escreve-me:

« Si as informações que tenho são exactas, tua irmã, deverei dizer-t'o? seguiu hoje para Londres com o barão d'Humerolies. E' fóra de duvida que vão là casar-se secretamente. »

— Heitor olhou para a mãe. Simulára tão perfeitamente estar lendo o que acabára de inventar que a Sra. Mariani não duvidou um só momento de que taes palavras estivessem realmente na carta.

— Ah! como estimo possuir uma espada! disse o moço batendo com o punho emcima do panno da chaminé.

Tudo estremeceu na camara, excepto a Sra. Mariani, que respirava pela primeira vez desde o almoço.

— Si a desposar em Londres, disse ella, cumpre que despose-a em Pariz. Seguiremos ambos amanhã. Torna a lêr-me esse topico da carta.

— Pede que eu torne a ler o que me deshonra! disse Heitor fóra de si, nunca! Muito me ha de custar a perdoar a Horacio o haver-me escripto isto.

Ao dizer estas palavras, amarrotou a carta, atirou-a ao fogo e viu-a queimar-se.

— Corro á casa do Sr. d'Humerolles, proseguiu com aspecto a tudo resolvido.

— Abraça-me, murmurou a Sra. Mariani estendendo-lhe a mão.

— Adeus, adeus! Não tenho um minuto a perder.

— Heitor, meu querido filho, não vás agora tornar o mal ainda maior do que já é com alguma estocada.

— Hei de cumprir o meu dever, disse gravemente Heitor.

XXXV

PUNIÇÃO DE HORACIO

Entretanto Horacio em menos de um minuto chegára á casa da Rocha Tarpeia.

— Ah! Luciana! eu não suppunha que me pudessem inflingir semelhante punição.

Entrou.

Na antecamara viu dirigir-se para elle a dona da casa.

— Meu charo conde (elle não dera o nome, dera o titulo), temos cousa nova.

— Nem uma palavra! exclamou com furor.

Duas dansarinas que acabavam de entrar ficaram atterradas com a sua pallidez.

A dona da casa recuou tres passos.

— O senhor está ficando doudo! disse-lhe.

— Onde está ella? onde está ella? bradou elle ainda.

— Então conhece-a! Canta como a Alboni.

Estes senhores que aqui estão acham-na admiravel.

— Estes senhores!...

Nunca poder-se-ha exprimir, nem por meio da voz nem pelo estylo, o ciume infernal que despedaçou o coração de Horacio.

— Onde está ella? não ouve?

— Está no meu camarim a conversar com um capitão de zuavos.

— Dê-me uma faca! continuou elle fóra de si.

Foi até a ultima estação da sua dôr. Foi até onde estava Luciana.

— Senhor, disse ao capitão de zuavos, esta mulher é minha mulher. Foi para vingar-se que ella veio aqui; mas eu, eu vingar-me-hei no senhor.

Luciana compunha lentamente o penteado deante de um espelho.

Sorria, mostrava os dentes, voltava a cabeça com a graça tranquillã do cysne na face do lago adormecido. Dir-se-hia Celimenes meneando o leque.

— Ah! é o senhor, Horacio? Acha-me bonita esta noite?

Horacio deu um passo para ella rasgando o peito.

— Senhor, respondeu-lhe o capitão de zuavos, bato-me quando vou á guerra, mas quando venho aqui é para jogar o lansquenet.

Horacio deu-lhe uma bofetada com as costas da mão.

— O senhor é um infame. Desta mulher a quem o senhor ultraja, o senhor nem é digno de ser laçao.

— Açoutá-lo-hei com a minha espada, quando estiver com ella na mão.

— Senhor, moro perto daqui, rua d'Isly, n. 5. Tenho armas, não esperemos para amanhã.

— Pois bem, senhor, vou castigá-lo immediatamente.

— E eu, disse Luciana mettendo-se entre os dous moços, não quero que se cruzem duas valentes espadas por amor de uma jogadora de lansquenet!

— Senhor! replicou com dignidade o capitão de zuavos, espero-o no salão.

Acabava de vêr pela physiognomia de Luciana que havia ahi um drama formidavel.

XXXVI

SANGUE SOBRE ROSAS

E quando o amante e a amante ficaram a sós no camarim :

— Ah ! Luciana, disse Horacio cerrando-lhe a mão, Luciana, o que fez !

— O que fiz, respondeu a moça tornando a tomar essa physiognomia descuidosa que lhe escondia o coração desde que com pé firme transpuzera o limiar desse antro, o que fiz foi cousa bem simples : o senhor gostava desta casa, vim a ella.

— E' horrivel!... Então a senhora não sabe que eu a amo e que assim me mata mil vezes...

— Ah ! o senhor ama-me ! E' sem duvida depois que me deitei a perder por sua causa...

— Luciana, vou matá-la...

— Prohibo-lho ! Mata-se uma esposa ou uma amante... Eu não sou uma nem outra cousa...

— Luciana! Luciana! isto é para pôr a gente douda! Tenha compaixão de mim!

— Ah! o senhor pensa que vim aqui para supportar as suas scenas de amor? Não, senhor. Já não conheço Luciana nem Horacio. Já fiz como estas mulheres; ornei-me com um nome poetico: chamam-me agora M^{lle} Lucrecia. Este nome ha de produzir effeito quando me virem amanhã passar puchada a quatro cavallos pelos Campos Elyseos, pois já offereceram-me quatro cavallos.

— Luciana, siga-me! Luciana, amo-a! Luciana, caso-me com a senhora!

— Ah! isso queria eu ouvir. O senhor digna-se consentir em desposar-me, agora que já é demasiado tarde. Quando eu era uma moça honesta, o senhor achava-me indigna de si. Pois bem, seja qual fôr o meu abatimento, sou ainda assaz altiva para desdenhar agora do homem que commetteria a infamia de desposar-me quando maculei meus pés nesta casa de desdita. Tudo está acabado!

— Pois bem, morramos junctos.

— Não, senhor; eu nem quero esses mesmos esponsaes da morte. Minha vingança não feri-lo-hia assim como o senhor feriu-me. Morrerei quando me aprouver, mas sósinha.

Horacio, que arrastava se aos pés de Luciana, ergueu-se e apoderou-se della violentamente.

— Luciana, levá-la-hei daqui viva ou morta!

— Deixe-me, senhor, ou chamo alguém em meu soccorro. O senhor não está em sua casa, e eu não estou na minha!

Luciana reconhecia-se exausta de forças para continuar o seu terrível papel. Atirou-se chorando sobre o canapé.

Horacio correu para ella.

— Eu não a deixarei neste esterquilínio, disse com colera.

E arrancou-a do canapé.

Mas ao erguê-la nos braços, viu brotar-lhe o sangue a fluxe.

— Ah! meu Deus! exclamou.

— Não é nada, é a morte, disse Luciana com o seu formoso sorriso.

— A morte!

— Sim; quereria então ver-me sobreviver a isto!

A moça expremiu todo o seu horror, ao pronunciar estas palavras.

XXXVII

DERRADEIRO GRITO DE AMOR

Horacio tocou em um timpano.

— Por misericórdia! disse Luciana, deixe-me morrer sósinha.

— Ah! Luciana! já não tenho valor para resistir a semelhante espectáculo!

— O senhor ha de dizer a minha mãe que eu tive todo o valor: o da vingança e o da morte; mas diga-lhe que isto passou-se em sua casa.

Horacio, no meio da sua desesperação, apanhou de cima do canapé o estylete circassiano. Luciana desviou a mão que ia ferir-lhe o coração.

— Não, disse ella, viva para proteger minha morte... Ah! como soffro e como sinto-me feliz em soffrer!... Diga-me que soffre mais do que eu... Daqui a pouco leve-me para sua casa para

que minha mãe possa amortilhar-me. Queime este vestido, que já é para mim a tunica de Nesso... Falta-me o ar, Horacio; abra a janella para que eu possa respirar; não pude fazê-lo ha oito mortaes horas!

Entrou no camarim uma dansarina que escutáva á porta com terror.

— Ah! meu Deus! disse ella, um assassinato!

— Silencio! murmurou Luciana, eu é que me feri a mim mesma.

Horacio acabava de carregar Luciana para juncto da janella.

— Horacio, suffoco...

Horacio abriu a janella.

Luciana respirou e lançou os braços em volta do pescoço do amante.

— Ah! Horacio, como eu te amava!

XXXVIII

A MORTE DE LUCIANA

Enquanto semelhante drama passava-se no camarim, a meza de jogo, preparada como sempre no salão era ruidosamente invadida

— Eu, disse uma comica sem theatro, quero jogar esta noite quanto possuo.

— Pois bem, eu, disse um jogador que estudára mathematicas, não jogo contra a senhora.

A Rocha Tarpeia, que nunca era das primeiras, deitava religiosamente rhum no bule de chá, para communicar alguma jovialidade eousadia aos seus convivas.

O cavalheiro dos Quatro Imperadores passeiava em volta da meza para estudar o momento de entrar de mão, — com as suas cartas; — pois nunca mettia-se no jogo sinão para jogar o seu jogo. Possuia a grande arte, ao tomar o baralho, de accrescentar-lhe uma duzia de cartas:

dous reis, dous azes, dous setes, que sahiam como que por encanto para fazerem-no ganhar algumas moedas de cem soldos, alguns luizes ou algumas notas do banco, segundo os azares da noite.

Nessa noite o jogo pegou fogo como polvora.

Era um domingo, as damas foram mais esforçadas, os homens mais violentos, A moeda de cem soldos empallideceu e retirou-se deante da moeda de ouro. Os luizes se cruzavam com tal rapidez que a cada jogada ficavam alguns estropiados em caminho, sempre recolhidos e agasalhados pelas damas com tocante hospitalidade.

Tinham esquecido a entrada tragica de Horacio; já não pensavam na veneziana; quando de subito o grito que soltou o moço ao ver brotar o sangue do seio de Luciana, veio, por assim dizer, lembrar no salão que havia outras emoções que não as do jogo.

A dansarina, que já havia entreaberto a porta do camarim, nelle entrou á toda pressa, seguida bem depressa da Rocha Tarpeia. Mas nenhum dos jogadores quiz interromper a jogada começada.

Entretanto Horacio, vendo entrar duas mulheres, gritou fóra de si: — Não entrem! —

como si receiasse que os olhares dessas duas mulheres viessem manchar a vista mortuaria de Luciana.

— Um medico! disse com voz rapida.

A Rocha Tarpeia cahira de joelhos deante de Luciana e segurava-lhe na mão.

— Não lhe toque! disse-lhe Horacio com colera reppellindo a mão da Rocha Tarpeia.

Nesse momento a porta tornou a abrir-se e entraram todos.

— Um medico! um medico! disse ainda Horacio desvairado.

— Eu sou medico, disse um dos jogadores adeantando-se do meio dos curiosos.

— Salve esta mulher, murmurou Horacio.

— Está tudo acabado! disse gravemente o medico.

Fez signal a todos que se retirassem. Achou-se dentro em pouco a sós Horacio.

— Foi o senhor quem feriu-a? perguntou.

— Eu! exclamou Horacio.

E proseguiu tristemente:

— Não, não a feri; mas fui eu quem armou-lhe a mão. Pois não vê? E' uma moça honesta, uma moça de boa sociedade. Amava-me. Quando soube que eu deixava-a todas as noites para vir aqui, veio tambem, mas para aqui morrer.

— Malaventurada!

— Nasceu em Veneza; nessa terra tem-se ainda a grande virtude da vingança.

Um sentimento christão apoderou-se repentinamente da alma de Horacio.

— Um padre! disse elle á creada grave. Vão immediatamente á rua da Magdalena chamar o abbade X ***.

— O abbade X ***, disse a creada grave, vem todos os domingos aqui á casa jogar uma partida de whist com o velho marquez que mora no andar superior.

Não sei si o Sr. abbade X *** zangou-se com arrancarem-no á sua ultima vasa, como na comedia de Alfredo de Musset, mas não se fez esperar muito tempo.

Alguns minutos depois entrava grave e digno nesse camarim, morada das mais tresloucadas paixões, mas por assim dizer ennobrecido e purificado pelo drama que nelle se representava.

O padre inclinou-se e olhou successivamente para Luciana, para o medico e para Horacio.

— Senhor abbade, disse Horacio, que encontrára-o na sociedade mais do que na egreja, ore por esta moça que o senhor aqui vê no alento extremo.

O padre fez o signal da cruz e rezou uma oração.

— Senhor abbade, continuou Horacio, eu sou causa da morte della, porque recusei desposá-la. Ainda não será tempo de reparar meu crime?

O sacerdote olhou para Horacio como se não comprehendesse o que queria dizer.

— O senhor não casou nunca na hora extrema um homem e uma mulher a quem a morte sorprendia? Desditosa moça! quizera que ella levasse meu nome para a eternidade.

O sacerdote voltou-se para o medico.

— Doutor esta moça terá ainda o sentimento da sua razão?

— Não, disse o medico. O coração ainda bate, mas a cabeça já não funciona.

Horacio tornára a tomar a mão de M^{lle} Mariani.

— Não é verdade, Luciana, que a senhora me está ouvindo e quer que eu lhe dê o meu nome?

A mão estava gelida; Luciana não respondeu por signal algum.

-- E' muito tarde! disse o sacerdote abanando tristemente a cabeça.

— Ai de mim! murmurou Horacio, nada pude fazer para minorar esta morte horrivel.

E tornou a cahir ajoelhado rompendo em soluços.

O abbade imprimiu o signal da cruz na fronte

da moribunda, resou um psalmo e sahiu silenciosamente.

Luciana já não fallava, mas ainda não estava morta. Seus grandes olhos fixos pareciam contemplar a desesperação de Horacio. Derradeiro alento passou-lhe pelos labios pallidos.

— Horacio, murmurou ella com voz quasi extincta levantando os braços, vou-me embora, mas hei de voltar.

Horacio não entendeu o que queria dizer a moribunda.

Atirou-se-lhe por ultima vez nos braços, como si pudesse fazer mais que o medico.

— Luciana ! Luciana ! si tu morres, eu quero morrer ; mas dize-me que não morrerás.

— Ei-la que expira, disse o medico.

Horacio ergueu-se pallido e atterrado.

— E sua mãe ! disse depois de uma pausa.

— Sua mãe ! murmurou o medico ; é impossivel chamá-la.

— E' preciso transportar Luciana para minha casa.

— Entendo, disse o medico. Vá esperá-la em sua casa ; incumbo-me de tudo ; direi que ella não está morta.

— Obrigado ! disse Horacio com reconhecimento. Ninguem conhece-a aqui com o seu

verdadeiro nome. Contei-lhe o nosso segredo, supplico-lhe que nunca o revele.

Para não atravessar o salão, Horacio abriu a porta da escada particular. Demais, o espectáculo da morte de Luciana gelára os jogadores. Alguns haviam-se ido embora; outros conversavam de pé juncto da mesa fechada. Todos se interrogavam ao mesmo tempo para conhecerem o segredo desta tragedia.

-- Era uma formosa e encantadora creatura, dizia o capitão de zuavos; surprehenderam-me os seus accessos de alegria e de tristeza; sentou-se ao piano e tocou com a mais profunda expressão o *Ultimo pensamento* de Weber.

XXXIX

HORACIO E HEITOR

Fez-se grande rumor á porta.

Heitor havia, para entrar mais depressa, empurrado para o lado um estrangeiro que fugia atterrado dessa casa de infortunios.

Mas o modo porque entrava Heitor fizera-o parar e restituira-lhe todo o seu valor.

— Senhor, já que quer entrar tão depressa, não entrará.

E postara-se deante da porta do salão.

Ao primeiro rumor a Rocha Tarpeia e o cavalheiro dos Quatro Imperadores, que receiavam continuamente que a policia não intervisse com mão armada nas suas reuniões familiares, estavam já na antecamara.

— O que é isto ? perguntou a dama assustada.

— Para que tamanho barulho ? perguntou o cavalheiro carregando o sobrolho, como Jupiter tonante.

— Não tenho tempo de responder ! exclamou Heitor que queria entrar.

Mas a Rocha Tarpeia que comprehendêra pela pallidez de Heitor que devia ser sua irmã ou sua amante a moça que acabava de apunhalar-se, segurou-se a elle para o impedir de ir além.

— Supplico-lhe, não vá lá.

— Horacio está aqui ? perguntou Heitor.

— Não, respondeu a Rocha Tarpeia, não veio esta noite. Suppunha-o em companhia do senhor.

E porque não hei de eu entrar ? continuou Heitor abrindo afinal a porta do salão.

— Pelo amor de Deus ! escute-me.

— E a Rocha Tarpeia, inclinando-se ao ouvido de Heitor :

— Houve prisões esta noite. Aprehenderam-se cartas marcadas. Que sei eu ? Está tudo em rebuliço.

— Foi só isso ? perguntou Heitor respirando.

— Acha pouco ? Muito obrigada ! E' a minha ruina !

Heitor entrára no salão. Mas antes que lhe fallassem, a Rocha Tarpeia tivera tempo de dizer a todos que aquella que espirava no camarim pertencia á familia do moço.

— Ora vamos ! disse elle batendo na fronte,

quem estará doudo? Eu? Horacio? ou minha irmã?

E pensou que, si Luciana tinha em um momento de ciúme escripto as quatro linhas que elle tinha continuamente debaixo dos olhos, fôra simples ameaça.

— Não, disse, nunca minha irmã pensou seriamente em vir aqui. E no entanto tudo é mysterioso nesta paixão, cuja primeira palavra eu ignoro!

Pensou em ir á casa de Horacio.

Sahiu do salão sem ter dirigido a palavra á pessoa alguma. Não lhe foram precisos mais de dous minutos para chegar á rua de Isly, á porta da casa do amigo.

— E' elle! disse Horacio, que estava no alto da escada, esperando com angustia que levassem-lhe para casa Luciana.

— Minha irmã! exclamou Heitor; onde está minha irmã?

— Tua irmã.

Horacio desceu quatro degráus e tomou as mãos do amigo.

— Meu charo Heitor, não tens mais do que uma cousa a fazer: mata-me!

— Falla, disse Heitor desembaraçando as mãos das do amigo. Onde está ella?

— O que queres que eu te diga? Eu era um doudo e ella uma douda. Tua irmã apunhalou-se.

— Luciana! murmurou Heitor segurando-se ao corremão.

— E' verdade, e no entanto eu amava-a muito. Misera Luciana!

— Então o que fizeste?

— Arrastaste-me hontem á casa da Rocha Tarpeia, disseram-lh'o, e hoje ella quiz punir-me matando-se. Realmente ella está bem vingada!

Heitor lançou a Horacio um olhar terrivel.

— Senhor! eu supunha-o um cavalleiro; levei-o á casa de minha irmã como si lá levasse um irmão; o senhor trahiu a minha amizade como trahiu o seu amor.

Horacio não quiz responder no mesmo tom.

— Meu charo Heitor, accuse-me; si me não julga ainda desventurado, acabrunhe-me com o seu odio; não tenho sinão um refugio, a morte.

— A morte! continuou Heitor com colera; sim, a morte, pois não lhe deixarei tempo de consolar-se.

Houve um rumor na escada.

— Silencio! disse Horacio a Heitor; é sua irmã...

Heitor viu na sombra dous homens que car-

regavam o corpo de Luciana envolto em um panno já ensanguentado.

— Ella não deve entrar nesta casa! disse elle tornando a descer a escada.

E deu ordem aos dous homens que o acompanhassem.

— Heitor! peço-lhe, disse Horacio, que descêra tambem; o senhor vae matar sua mãe!

— Senhor, é em casa de minha mãe que hoje deve tornar a entrar minha irmã.

Horacio calou-se. Viu sahir para sempre Luciana com torva desesperação. Affigurou-se-lhe que perdia-a segunda vez. Ao contrario, si lh'a trouxessem para casa, affigurar-se-lhe-hia tê-la encontrado de novo, ao menos por algumas horas. Houvera saboreado essa dolorosa voluptuosidade de chorar todas as suas lagrymas, ajoelhado juncto da finada.

— Misera Luciana! disse elle ouvindo tornar a fechar-se a porta da casa, nunca mais a verei!

Terej necessidade de narrar todos os promenores dessa noite de terror? como occultaram o sangue derramado? como tiraram mysteriosamente a finada da casa de jogo?

Narrarei a entrevista de Horacio e da Sra. Mariani quando veio no dia seguinte pedir-lhe

conta do seu infortunio? Foi uma scena terrivel, e despedaçadora.

Horacio houvera querido morrer mil vezes; mas não queria morrer antes de ter tambem o seu momento de vingança; desejava morrer antes do seu duello sem quartel com o capitão de zuavos.

— Mas, senhor, disse-lhe uma das testemunhas de seu adversario, o duello é inutil; o capitão perdoa-lhe e o senhor nada tem a exprobrar-lhe.

— Nada tenho a exprobrar-lhe! exclamou Horacio indignando-se; conversou meia hora com M^{lle} Mariani sem perceber que era uma moça honesta!

XL

DUPLO DUELLO

Dahi a dous dias, pelo meio dia, nove moços seguiam tres a tres por uma sombria avenida do bosque de Meudon. Era um duello ; que digo ? um duplo duello.

— Para que lado ? perguntou um delles dirigindo-se ás duas testemunhas que o acompanhavam.

Era Horacio.

— Sempre direito ! disse uma das testemunhas. Vamos até juncto do castello ; não encontraremos ninguem para essas bandas.

Caminharam silenciosos, com a gravidade de todo o homem que vae cumprir um dever e de todo o soldado que se dirige contra o inimigo.

O grupo dos tres moços que seguia o grupo de Horacio, compunha-se do capitão de zuavos e das suas duas testemunhas. Mas o terceiro grupo qual era ?

Si Horacio tinha uma vingança a exercer, havia um homem que ia tambem apoz uma vingança: era o irmão de Luciana.

Tinha sido accordado entre as seis testemunhas, a pedido do proprio Horacio, que os dous duellos se affectuassem á mesma hora.

Havia espadas e pistolas. Horacio devia primeiro bater-se á espada, e, si não fosse morto no primeiro duello, si os seus ferimentos o impedissem de continuar a bater-se á espada, devia tomar a pistola.

Quando chegaram ao logar, não podendo se entenderem, tiraram á sorte. A sorte decidiu que seria Heitor quem se bateria em primeiro logar.

Horacio ficou desolado, pois essa não era a sua vingança. Tinha muito mais desejos de abraçar Heitor que de matá-lo; porisso tractou apenas de defender-se.

Não queria ser posto fóra de combate, mas não queria tambem ferir Heitor.

Foi o primeiro ferido.

— Não é nada, disse; continuemos.

A lucta recomeçou tres vezes. Dir-se-hia que jogavam um jogo mortal. Mas da terceira vez Heitor, atirando-se mais cégamente sobre o seu adversario, sentiu de repente a ponta da espada de Horacio.

O misero rapaz cahiu nos braços do amigo, que havia affastado as testemunhas atirando-lhes a sua espada,

— Adeus! murmurou Heitor olhando para o seu adversario com esse bello e profundo olhar que era o mesmo de Luciana.

— Oh meu Deus! que fiz! exclamou Horacio. Luciana! Luciana!

Pareceu-lhe que acabava de ferir Luciana pela segunda vez. Desde o começo do duello via-a sempre deante de si, arrastando o seu vestido branco manchado de sangue.

— Tranquillise-se, disse uma das testemunhas a Horacio, este não é ferimento mortal, garantanto-lhe.

— Mas, disse outra testemunha, basta por hoje; opponho-me a que recomece a lucta com o capitão.

— Cala-te, disse Horacio; então não vês que tenho o odio no coração e que estou com pressa de acabar com isto!

E voltando-se para as testemunhas do zuavo:

— Estou prompto; espero-o.

Fizeram notar a Horacio que, achando-se tambem ferido, já não podia bater-se á espada. Trouxeram as pistolas.

— Não, disse Horacio, minha espada com-

prehende-me. Esta pistola não tem o meu furor.

E insistiu :

— Não é apenas um negocio de honra, é um negocio mortal.

Puzeram-se em guarda. Ao primeiro ataque a espada do capitão de zuavos penetrou no hombro de Horacio, que, reunindo toda a sua colera, respondeu com um bote violento. A espada atravessou o coração do adversario.

— Emfim, disse elle, Luciana está vingada!

E correu para Heitor que carregavam para a portaria do castello.

— Heitor! Heitor! perdoa-me a morte de Luciana: matei o unico homem que se atreveu a duvidar da sua virtude.

— Eu perdôo-te, disse Heitor; mas minha irmã nunca te perdoará.

XLI

ADEUS Á QUE HA DE VOLTAR

Horacio voltou a Pariz resolvido a morrer; mas teve a coragem de não combater consigo mesmo no duello de vida e de morte.

À noite, semidoudo, devorado pela febre dos seus ferimentos, foi á casa do medico que presidira ao embalsamamento de Luciana.

— Doutor, disse-lhe, darei dez mil francos para os pobres, si o senhor consentir que eu veja pela ultima vez M^{lle} Mariani.

— Já não é possivel, disse o medico. A Sra. Mariani segue esta noite para Veneza com os despojos mortaes de sua filha. Ha uma hora que o sarcophago está no embarcadouro com uma religiosa. O Sr. Heitor Mariani devia ir tambem, mas a estocada que o senhor lhe deu, amarra-o aqui umas seis semanas.

— Doutor, supplico-lhe, peça á Sra. Mariani

que me conceda o favor de tomar parte na funebre viagem.

— Está doudo! senhor; os mortos têm também o seu pudor. Deixe essa moça depois de morta á sua mãe.

— E' verdade, disse Horacio desesperado; nem sequer tenho direito de chorar Luciana.

Cada vez mais devorado pela febre, tornou a entrar no seu coupé. O cocheiro perguntou-lhe para onde devia levá-lo.

— Não sei, disse.

E de improviso, como que arrastado apesar seu :

— Para o caminho de ferro de Lyon, sem perda de um segundo.

Quando chegou á estação do caminho de Lyon, saltou no alpendre e foi perguntar pelo chefe da estação.

— Senhor, será neste trem (não pronunciou a palavra comboio) que segue uma moça morta, M^{lle} Mariani?

— E' sim senhor; o senhor é talvez da familia?

— Sou, sim, senhor.

— Então, senhor, acompanhe-me.

E o chefe da estação conduziu em silencio Horacio até defronte de um waggão que encer-

rava o corpo de Luciana, guardado pela sua creada grave e por uma religiosa.

— Oh! meu Deus! disse Eleonora, como o senhor está mudado, senhor Horacio, quasi o não conheci! Então, esta é que foi uma desgraça! O que foi então que houve?

Graças á energia de Heitor, os homens que haviam na noite atrazada carregado o corpo de Luciana para a rua de Sèze, não tinham respondido palavra ás perguntas dos famulos.

Horacio como unica resposta deu cinco luizes á creada grave.

Elle ajoelhara-se deante da tumba.

Era um caixão de velludo branco, em que já tinham tido tempo de gravar, — com a morte tudo anda depressa! o nome da malaventurada:

LUCIANA MARIANI

NASCIDA EM VENEZA EM 1836, MORTA EM PARIZ
EM 1858

— Ah! vem a Sra. Mariani, disse de repente Eleonora.

Horacio que não queria encontrar-se com a Sra. Mariani deante da tumba da filha, ergueu-se e affastou-se na direcção opposta.

Entrou em casa angustiado. Deitou-se esperando dormir ou morrer. Não dormiu.

Pela meia noite, tomou a vela e foi procurar no salão as cartas de Luciana.

Passando deante do espelho, estremeceu e não ousou olhar.

Deu meia noite. Levantou os olhos e viu desenharse no espelho o pallido semblante de M^{lle} Mariani, como na noite em que o Sr. H *** o havia desenhado.

Hóracio, que não tinha medo de cousa alguma, teve medo dessa visão. Deixou cahir a vela e estendeu os braços desvairado.

— Luciana! Luciana!

Tornou a deitar-se e acabou por conciliar o somno, mas no meio de mil hallucinações.

XLII

A CARTA DA FINADA

Demanhã o creado de Horacio entrou-lhe no quarto para entregar-lhe uma carta.

— Uma carta de Luciaua! exclamou com alegria, surpresa e terror.

Olhou muito tempo para o seu nome no sobrescripto antes de romper o fecho. Lembrava-se então das ultimas palavras da moça: « *Vou-me embora, mas hei de voltar.* »

Quebrou emfim o fecho e leu com a vista perturbada:

« Horacio, o que fez? então não sabia quanto eu o amava? O senhor não me conheceu; eu nascêra para viver na religião do nosso amor, dando-lhe bonitos filhos que estou vendo daqui, — é o meu ultimo sonho! — saltando-me em torno, pulando-me sobre os joelhos, vivendo do meu seio e do meu coração. Ter-lhe hia dado um mundo juncto ao lar.

« Que bella atmospherã a da casa ! si a gente põe-se á janella é para ver o céu ; si a gente transpõe o limiar, é deixando lá pedaços d'alma para voltar mais depressa. Ah ! o lar como eu o entendo, é quasi a casa de Deus ! O sol vemnos demanhã como um bom hospede dizer : Acorda-te, formosa preguiçosa ! Accordamo-nos ambos. Que jubilo encontrar-se a gente depois da longa viagem dos sonhos ! Que encanto nada ter que dizer e desfiar todas as perolas do gorgείο matutino.

« Almoça-se, lê-se, toca-se piano, pinta-se ; mas o dia passa, e não se tem tempo de ser feliz. Chega a noite, a hora de ir ao baile, e já é uma festa pensar que se não vae !

« Eis no entanto a vida que eu desejava dar-lhe. O que mais querias, Horacio ? O senhor não quiz viver no meu sonho, e levou-me alegremente a esta desesperação e a esta vingança que me possuem e não me deixam mais do que a liberdade de morrer. Ah ! eu já não amo, odeio-o, e quero ferir-me para feri-lo...

« LUCIANA MARIANI. »

Horacio releu esta carta para comprehendê-la. Donde viria ? A sobrecarta tinha o carimbo

do correio de Pariz. Não podia pois interrogar sinão a propria carta.

Todavia accudiu-lhe a idéa de interrogar a Rocha Tarpeia, mandou chamá-la e soube dessa mulher que a carta de Luciana, achada na vespera na chaminé do camarim, tinha sido lançada no correio.

No domingo Luciana, em um momento em que se achára só, entre a hora de jantar e a hora das visitas, tomára de novo a penna e escreverêra essa segunda carta a Horacio.

XLIII

NOS CAMPOS ELYSEOS

Eu já não via Horacio ha muito tempo quando o encontrei, nos primeiros dias do outomno passado, na avenida dos Campos Elyseos. Fiquei impressionado, sinão sorprendido, com a sua pallidez. Estava só e procurava a solidão; subia a avenida fumando um charuto e evitando os passeiantes debaixo dos grandes olmeiros já tão raros.

Dirigi-me a elle.

— Meu charo Horacio, já não te vejo, eu que acredito na amisade dos dias de infortunio.

Contemplou-me tristemente.

— Não é infortunio, disse apertando-me a mão; é um tumulo. Não tenho seis mezes de vida.

— Seis mezes ! Em seis mezes terás começado novo romance com a tua vida de aventuras.

— Não, está acabado...

Olhou-me com olhar fixo.

— Foste tu que nos contaste a historia da princeza Sibylla, que, todos os dias á meia noite, via apparecer-lhe o amante. Onde tinhas lido isso ?

— Não sei, parece-me que tinha-o sonhado.

— Não, tudo o que nos contaste nesse dia era verdade. Si eu não receiasse ser tido em conta de visionario, dir-te-hia e que succede commigo, commigo que sou um sceptico, capaz de dizer a Deus como Spinoza :

Creio, aqui para nós, que até tu não existes.

— Dize-me o que ha !

— Não, porque zombarias commigo ; demais, emquanto é dia, nem eu mesmo creio no que me succede á noite.

— Falla !

— Estás bem certo de que eu não estou doudo ? Essa tragedia foi para mim um golpe tão rude que sinto de continuo o solo tremer-me embaixo dos pés.

— Ainda fazia-te na Borgonha com tua familia.

— Não me demorei lá sinão tres ou quatro dias. Queriam consolar-me, e eu não quero ser consolado. Amo a minha dor, e amortalho-me nella com a sombria volupia dos trapistas que cavam a propria cova. Ah! meu charo amigo! que mulher era Luciana! Tu só lhe viste a belleza visivel; eu vi-lhe a alma, alma de fogo e de luz; fascinou-me e consumiu-me. Quando imagino que tive a minha felicidade nas minhas proprias mãos e que fui abraçar nuvens!

— A felicidade é sempre o castello inaccessible que cahe em ruinas quando nelle chegamos a pôr os pés.

— A felicidade é uma casa que se abre á noite a quantos não perderam o seu dia. Mas, queres tu saber, a ociosidade mata mais gente em Pariz em um anno do que foi precisa na jornada de Sebastopol. Tenho horror de mim mesmo. Não sei porque conservei meus amigos, porque conservei a minha liberdade, porque Deus não me fulminou com um raio, pois nesta paixão terrivel commetti todas as fraquezas. Não foi a mão de Luciana, foi a minha mão que achou o logar do coração para a punhalada. Eis os costumes em voga! E' acto da melhor sociedade sacrificar as mulheres. E' de balde que

ellas têm o heroismo de morrer por nós, zombamos dellas com desfaçamento, e declamamos velhas extravagancias contra a sua astucia.

Horacio batia violentamente com a bengala nos ramos cahidos e ainda cobertos de folhas de um formoso castanheiro, trazido recentemente do bosque de Bolonha.

— Meu charo Horacio, eu não pertença ao numero dos homens que consolam ; deixo isso ao tempo, pois o tempo tem em suas mãos o imprevisito, milagre de todo o dia que dá animo de viver. Depois da paixão, a curiosidade. Jogaste como uma creança o teu jogo na vida. M^{lle} Mariani era uma verdadeira mulher que tu devêras encerrar no matrimonio com o amor mais serio. Agora não tens mais que viajar. Gostas de quadros : vae passar o inverno em Veneza.

— Não sabes o que estás dizendo : foi para Veneza que a Sra. Mariani levou a filha morta, pois Luciana dizia sempre que queria ouvir bater em seu tumulo as ondas do Adriatico.

— Bem sei o que digo ; é justamente porque M^{lle} Mariani está em Veneza que eu te mando para lá. O tumulo daquelles a quem amámos punge e consola.

Chegáramos ao centro da avenida.

Horacio, apesar seu, misturado com a multidão, cumprimentou na passagem algumas pessoas conhecidas.

— Viste? perguntou-me travando-me do braço.

Eu acabava de ver, em uma meio-Daumont, a cortezã a quem elle havia amado e que lhe servira de ponto de partida para julgar todas as mulheres.

— Esta, disse com amargura, esta nunca será capaz de dar uma punhalada no coração. Cahir-lhe-ha talvez na mão um punhal em algum dia de desespero; mas embalde ferir-se-ha, pois não encontrará o coração.

Quasi no mesmo momento um regimento de caçadores de Africa, que se ia aquartelar em Courbevoie, passou pela avenida.

— Si houvesse guerra, disse Horacio, far-me-hia soldado depois do inverno.

— Conheci-te quasi beneditino em certos momentos. Porque não procuras esquecer no estudo?

— Esquecer?

Apertou-me o braço segunda vez, como por effeito de um abalo nervoso.

— O irmão de Luciana, disse-me com viva emoção.

Com effeito vi o Sr. Heitor Mariani á testa da sua compauhia.

— Misero Heitor! si eu me atrevesse a pedir-lhe noticias de sua mãe...

— Espera-me e volta a cabeça.

E foi apertar a mão do moço capitão.

— Ah! é o senhor, disse-me; continúa a ver Horacio?

— Continúo. Como vae a Sra. Mariani?

— Chego de Veneza. Minha mãe nunca se ha de consolar. Mandou fazer um tumulo para minha irmã pelo esculptor Rinaldi; tenho muito medo de que ella se deite nelle. Coitada! ella que era tão jovial! Quanto a mim consolo-me com a idéa de que irei dentro embreve morrer pela Italia. No dia em que lhe disserem que o sangue de Veneza rega a Lombardia, póde escrever o meu epitaphio, porque quero ser o primeiro a ferir e a ser ferido.

Disse adeus a Heitor, — foi um verdadeiro adeus, pois estou certo de que está morto a esta hora, — e voltei tristemente para juncto de Horacio.

— Então? perguntou-me.

— Então? A Sra. Mariani anda de lucto pela filha e pela sua mocidade.

— Ah! si eu me atrevesse! correria a lançar-me nos braços de Heitor; como isso havia de fazer-me bem!

Horacio tinha duas formosas lagrymas nos olhos.

XLIV

APPARIÇÕES

Horacio tornou a ficar calado; o espirito voga-va-lhe pelo passado, tentei debalde arrancá-lo ás suas angustias.

Chegamos defronte da minha porta; convidei-o a jantar commigo.

— Sim, disse-me, pois não terei animo de voltar para jantar em minha casa. E depois, eis a noite que cabe, e eu tenho medo da noite quando estou só.

Subimos. Outro amigo esperava-me. O jantar foi quasi alegre; mas ao sairmos da mesa, passando pela meia claridade de uma sala apenas allumiada por dous pequenos candelabros de tres braços, Horacio tornou repentinamente a cahir nas suas melancholias nocturnas.

— E afinal não me contaste as tuas visões, disse-lhe eu com visos quer de curiosidade, quer de sympathia.

Acabava de sentar-se; ergueu-se e collocou-se deante de mim e de meu amigo.

— Ouçam, e digam-me si estou doudo. Durante as horas que se seguiram á morte dessa mesma moça, eu via-a continuamente sob meus olhos, quer os abrisse, quer os fechasse; via-a na sua pallidez de finada, com o seu vestido branco todo banhado de sangue, com os seus formosos olhos tão profundos e tão meigos. Eu levantava os olhos para o céu, batia na fronte, rasgava o peito, queria morrer... Si não morri foi porque tinha dous duellos sobre mim. Deus condemnou-me a viver; não sahi sinão para bater-me. Na rua, na estrada de Versalhes, no bosque de Meudon, por toda a parte, vi fluctuarem deante de mim as dobras desse vestido branco, desse vestido de desesperação que foi o verdadeiro sudario de Luciana. Quando feri o irmão, quando feri o capitão de zuavos, continuei a vê-la. Pareceu-me que o sangue que eu derramava misturava-se com o sangue que ella havia derramado. Eu não desejava outra cousa mais do que morrer. Si feri Heitor, foi involuntariamente; mas não é isto o que quero contar esta noite. Ferido tambem duas vezes, voltei á casa mais do que nunca resolvido a morrer, não quiz medico, não quiz siquer os

soccorros do meu creado grave. Depois de ter ido dizer adeus a Luciana á estrada de Lyon. deitei-me afinal. Na primeira noite vi desenharse no espelho o semblante de M^lo Mariani.

— Mera visão!

— Ouve: na segunda noite eu continuava a ter um volcão na, cabeça, um inferno no coração, e no entanto adormeci cedo. O relógio ao dar meia-noite despertou-me. De repente ouvi rumor na porta, e vi caminhar para mim no meio da escuridão da noite a pallida figura de Luciana castamente envolta no seu vestido branco. Adeantou-se até o meu leito, inclinou-se para mim e desapareceu.

— Com todos tem succedido isso em um dia de febre, meu charo Horacio, disse eu levantando-me para tomar um charuto.

— Eu já esperava por esta explicação, disse-me Horacio, com tom zombeteiro e triste. Então é a febre? dizes tu; não tem duvida. Durante quinze noites seguidas fui impressionado pela mesma apparição; mas eu estava doente, e tinha talvez o espirito enfermo. Mas ha seis mezes, mas hoje que ando de uma para outra parte, que sei o que faço e que sei o que digo, explica-me, anda, qual a razão porque vejo sempre approximar-se Luciana quando dá meia noite,

esteja eu em minha casa ou em casa dos outros, esteja no Tortoni ou esteja na Opera!

— E' bem simples; trazes sempre Luciana no coração e conseguintemente vês sempre Luciana.

— Não é uma criação de minha imaginação, pois vejo-a apparecer ainda quando não estou pensando nella. Hontem estava eu no Ambigu, pois não sei como matar o tempo. Era meia noite quando o panno levantou-se pela ultima vez; pois bem! no ponto em que todos os espectadores viram a Sra. Lacressonnière meio-submergida, eu vi Luciana a lavar o seu sangue no mar.

— Creio em tudo quanto me dizes; mas respondendo-te que, si quizeres ficar aqui até meia noite, não verás apparecer M^{lle} Mariani. Tenho bem medo, meu Horacio, que a lenda que estupidamente narrei-te no castello da *Favorita*, não seja a causa primaria de todas estas visões. Queres que te confie um segredo: é que não ha uma palavra de verdade em toda essa lenda.

— E' como todas as lendas. São contos que são contos si a gente conserva-se firme no mundo visivel e palpavel, mas que tornam-se historias muitas vezes terriveis, si a gente abalança-se no mundo dos espiritos.

— Meu charo amigo, a lenda da *Favorita* nem sequer é uma lenda como as outras, pois eu narrei-a ao passo que a ia inventando.

— Aqui está uma bonita mentira. Quizeras fazer-me crer na tua imaginação.

— Seriamente, pois déste o menor credito a todas essas cassarolas que dansam a sarabanda ao dar meia noite, a esse espectro do capitão Wilfrid que vem, como a estatua do Comendador, sentar-se á mesa da margrave Sibylla?

— Sim, acredito em tudo isto.

— Tu que te rias a bandeiras despregadas do medo desse velho soldado, que não tivera medo dos granadeiros de Napoleão, e que quasi morreu de terror ao ver passarem gravemente, de mãos dadas, os espectros da princeza e do capitão!

XLV

MEIA NOITE

Trouxeram os jornaes da tarde ; a conversação mudou de assumpto, fallámos por ahi além ácerca dos chins, grande nação que teve a sua época e que abdica.

Pelas onze horas o amigo que jantára connosco, tomou o chapéu e perguntou a Horacio si queria descer os Campos Elyseos. Horacio respondeu que iria mais tarde, pois suppunha escapar, graças a mim, á sua visão nocturna. Eu era o primeiro amigo a quem elle confiava as appareções de M^{lle} Mariani. Apesar seu, eu havia-o tranquillizado ; já não acreditava sinão a meio em phantasmas.

Pelas onze horas e meia, ao folhearmos juntos antigas gravuras, inclinou a cabeça e adormeceu. Eu contemplei então, sem inquietá-lo as devastações do seu soffrimento. O formoso ra-

paz, de compleição outrora tão robusta que podia desafiar todas as loucuras da mocidade sem com isso soffrer, estava um canniço. Os cabellos outrora alegremente eriçados, cahiam-lhe pastosos já mais rarefeitos. O semblante, que eu sempre lhe conhecêra ligeiramente colorido com sangue generoso, era mais de marmore que de carne.

Tudo no seu aspecto revelava uma ferida profunda, sinão mortal.

Fiz tenção de não despertá-lo, ao menos antes de passar meia hora depois de meia noite, para provar-lhe que elle não era senhor de sua imaginação. Parei o relógio para que não o despertasse com o dar as horas e para enganá-lo também ácerca da hora.

Mas, com grande surpresa minha, á meia noite, — eu acabava de vêr no meu relógio da algibeira, elle abriu os seus grandes olhos expressivos e olhou para a porta do salão.

— Pelo amor de Deus! disse-lhe eu jovialmente, não vás ver entrar M^{lle} Mariani?

O seu semblante tornara-se mais severo do que nunca. Via-se-lhe nas feições a oppressão do coração.

— E' singular, disse elle; não ouviste rumor na porta?

— Sonhaste isso, meu charo Horácio; foi o rumor das gravuras que torno a pôr na pasta.

— Não, escuta.

Fallava tão convencido, que deixei-me, confesso-o, levar pela sua emoção.

— Advirto-te de que ainda não é meia noite, disse eu com desembaraço, mas com a voz mal accentuada.

O que é verdade é que era meia noite menos alguns segundos.

— Ei-la! exclamou levantando os braços. Não estás vendo? alva, alva! Ah! meu amigo, quanto sou desgraçado!

E Horacio atirou-se-me nos braços desfeito em pranto.

— Bem eu te havia dito que vê-la-hia sempre, que vê-la-hia por toda a parte. Não sentes em torno de nós um odor sepulchral?

— O odor das velhas gravuras que revolvemos ha uma hora.

— Não viste nada?

— Nem um atomo. A razão, queres saber, é que estou mais acordado do que tu.

Eu respondia a Horacio com alguma distração, pois estava muito inquieto com a porta do salão que se abrira a meio; nada disse a Horacio relativamente a isso, mas elle não dei-

xou de fazer a mesma observação.

— E aquella porta, quem a abriu então, si não foi ella?

— Aquella porta? é que Eduardo fechou-a mal ao sahir, e foi bastante alguma corrente de ar para entreabri-la.

— Has de confessar ao menos que é bem singular que o milagre se operasse á meia noite.

— Já te disse que não era meia noite. Olha o relógio.

— O teu relógio está parado, olha o meu relógio de algibeira.

O relógio de Horacio marcava meia noite e um minuto.

XLVI

OS MORTOS ANDAM DEPRESSA !

Descemos juctos ; levei-o até o obelisco para respirar ar puro. Eu não tinha tido medo, por isso que nada vira ; mas via-me sob a obsessão de mil e um devaneios hoffmanicos.

Alguns dias depois encontrei Horacio no Tortoni.

— Estás só ? perguntei-lhe.

— Estou, respondeu-me. Espero aqui a hora, pois já não tenho animo de ficar em casa quando dá meia noite.

— Não esperarás muito tempo, pois creio que é meia noite.

— Não, não é meia noite ; não preciso olhar para o relógio para sabê-lo. Queres tomar um sorvete ?

Estavamos sentados deante da escada da entrada. O dia tinha sido quente ; os carros que vinham do Bosque e dos boulevards cruzavam-se com algum

ruido defronte de nós. O príncipe ***, que conhecemos em Bade, estava sentado á mesa visinha e dizia reconhecer todos quantos passavam de caleça. Inventariava com muito espirito todo o pessoal da sociedade pariziense que começa na Opera e acaba no Arco de Triumpho. Não ha como os estrangeiros para conhecerem Pariz.

— O príncipe Ghika, a Sra. Manoel de Grandfort, o embaixador de Hespanha, M^{lle} Ozi, o Sr. Camillo de Polignac, o duque de Guiche, a Sra. Mariani e sua filha...

— Silencio! disse eu travando da mão do príncipe; pois o senhor não sabe que M^{lle} Mariani morreu?

— Não, chego da America.

Horacio segurara-me na outra mão. Pareceu-me sentir o frio do marmore.

— Então! perguntou-me, que dizes desta nova apparição, pois meia noite acaba de dar, e eu vi como teu visinho passar Luciana Mariani e sua mãe?

— O que os senhores viram foi duas mulheres em uma caleça?

— Vi Luciana, repito-te. Não affirmo que a outra dama fosse a Sra. Mariani, mas reconheci Luciana, que voltou-se para mim e mostrou-me o seu vestido ensanguentado. Adeus, não fallemos

mais nisto, pois não gosto de quem tem olhos para não vêr.

— Não fallemos mais nisto, disse-lhe, mas vem amanhã jantar commigo.

— Moras muito longe.

— Moro, mas com que fome se fica quando se chega até lá!

— Eu é que o convido a jantar, disse o principe a Horacio. Vão ambos. Depois de jantar iremos ao Circo vêr saltarem os cães.

Horacio foi-se embora depois de acceitar o convite. Quando elle se affastou, perguntei seriamente ao principe si elle suppunha ter visto passar M^{lle} Mariani.

— Muito seriamente. Si fosse qualquer mulher, qualquer mulher se lhe assemelbaria; mas M^{lle} Mariani tinha um semblante que não tem egual em Pariz.

— O senhor não acredita em almas do outro mundo?

— Talvez. Mas já que o senhor vae jantar amanhã em minha casa com Horacio, veremos si se deve acreditar.

XLVII

MLLE ARMANDA

No dia seguinte ás sete horas encontrei Horacio na escada do principe. Não tinha já a bella limpidez do olhar e tinha o rosto ainda mais pallido que na vespera.

— Estás doente? perguntei-lhe apertando-lhe a mão.

— Não, respondeu-me. Ao menos não sei si estou doente, já não tenho consciencia de mim. Engano-me, sinto bater-me o coração. Este principe mora muito alto para um principe.

— Elle tem razão; eu não posso viver sinão emcima de uma montanha.

— Ah! tu! ainda não perdi a esperanza de vêr-te um dia morando na platafórma do Arco de Triumpho

Eu acabava de puchar a campainha quando uma moça que nos seguia de perto pediu-nos jovial-

mente que fossemos em seu auxilio, pois ella não podia subir mais.

Horacio olhou para ella sem descer um degráu.

— E' admiravel, disse-me; não achas que ella parece-se com a malaventurada Luciana?

— Um tanto, disse-lhe; a não ser o facto de ser tambem morena e pallida. E' M^{lle} Armanda, a princeza do principe; não te lembras della? Jantamos com ella no Petit Moulin Rouge.

A dama chegára até onde estavamos. Tomou a mão de Horacio e levou-a familiarmente ao coração; mas, postoque o coração estivesse bem collocado, — em região fertil, — Horacio retirou a mão como si M^{lle} Mariani ahi estivesse.

O principe esperava-nos com um jantar de principe, um jantar simples, mas serio com vinho que tinha vestigios de uva e de adega.

Durante o jantar não se tractou nem de Bade, nem do castello da Favorita, nem de M^{lle} Mariani, nem até da opera em que dansava M^{lle} Armanda.

Fallou-se talvez dos hottentotes e do futuro delles atravez das gerações, não me lembro. Depois do jantar a *princeza* pediu o carro do principe para ir durante uma hora á Opera desanimar a sua melhor amiga que estreitava.

— Agora que só ha espiritos fortes, disse o principe depois de ter acompanhado a dansa-

rina, chegou a occasião de conversarmos ácerca das aparições de Horacio. Nunca acreditei em almas do outro mundo nem em espectros, pois os doutores allemães não confundem estas duas expressões.

E o principe, que era instruido, fallou interminavelmente ácerca de todas as controversias de mythographos, de philosophos, de demonographos e de astrologos sobre espectros e sobre almas do outro mundo.

O que sabemos nós? Os sacerdotes egypcios nos dias de sacrificios faziam tremer a terra e andarem cousas inanimadas, pouco mais ou menos como hoje fazem-se andar á roda as mezas. Mas os sacerdotes egypcios tinham estudado mais a physica que a metaphysica. Não nego que nos poetas da antiguidade se encontra a cada pagica: *Manes, umbrae, simulacra*. O christianismo com o seu juizo final povoou as egrejas e os cemiterios de sombras errantes, que esperam a resurreição dos corpos. O diabo com os seus sabbats povôu as florestas de feiticeiras e duendes. Platão e Aristoteles, Luciano e Plinio não tinham bem certeza de não acreditarem em espiritos, pois todos narram historias de espectros; Romulo tinha mais medo da sombra de Remo que de todos os povos da

terra ; Cesar não gostava dos sonhos nocturnos ; Turenne ria-se de almas do outro mundo ao pino do meio dia, mas não era capaz de aventurar-se á meia noite nem em uma igreja nem em um cemiterio ; Hobbes, que não acreditava em Deus, acreditava em sombras ; o Regente não se atrevia a andar á noite nem no Paço Real, dizendo que, si o dia pertence ao espirito, a noite pertence aos espiritos.

Entramos successivamente no laboratorio de Fausto e no gabinete de Swedenborg.

— Eu, disse, só acredito no espectro solar.

— E eu, disse o principe, acredito que a imaginação como os sonhos, quando não é re-freitada pelo freio de aço da razão, representa-nos muita comedia impossivel.

— Então acreditam que eu esteja louco ? exclamou Horacio com impaciencia.

— Certamente que não, disse-lhe eu ; mas estás com o coração maguado, dobras-te sobre ti mesmo e gostas das trevas. Uma manhã, talvez amanhã, talvez daqui a seis mezes, talvez dentro de um anno, tornar-se-ha a fazer a luz em torno de ti e admirar-te-has bastante de todas estas visões que têm povoado a tua solidão.

— Horacio levantou os hombros e foi continuar a sua scisma na sacada.

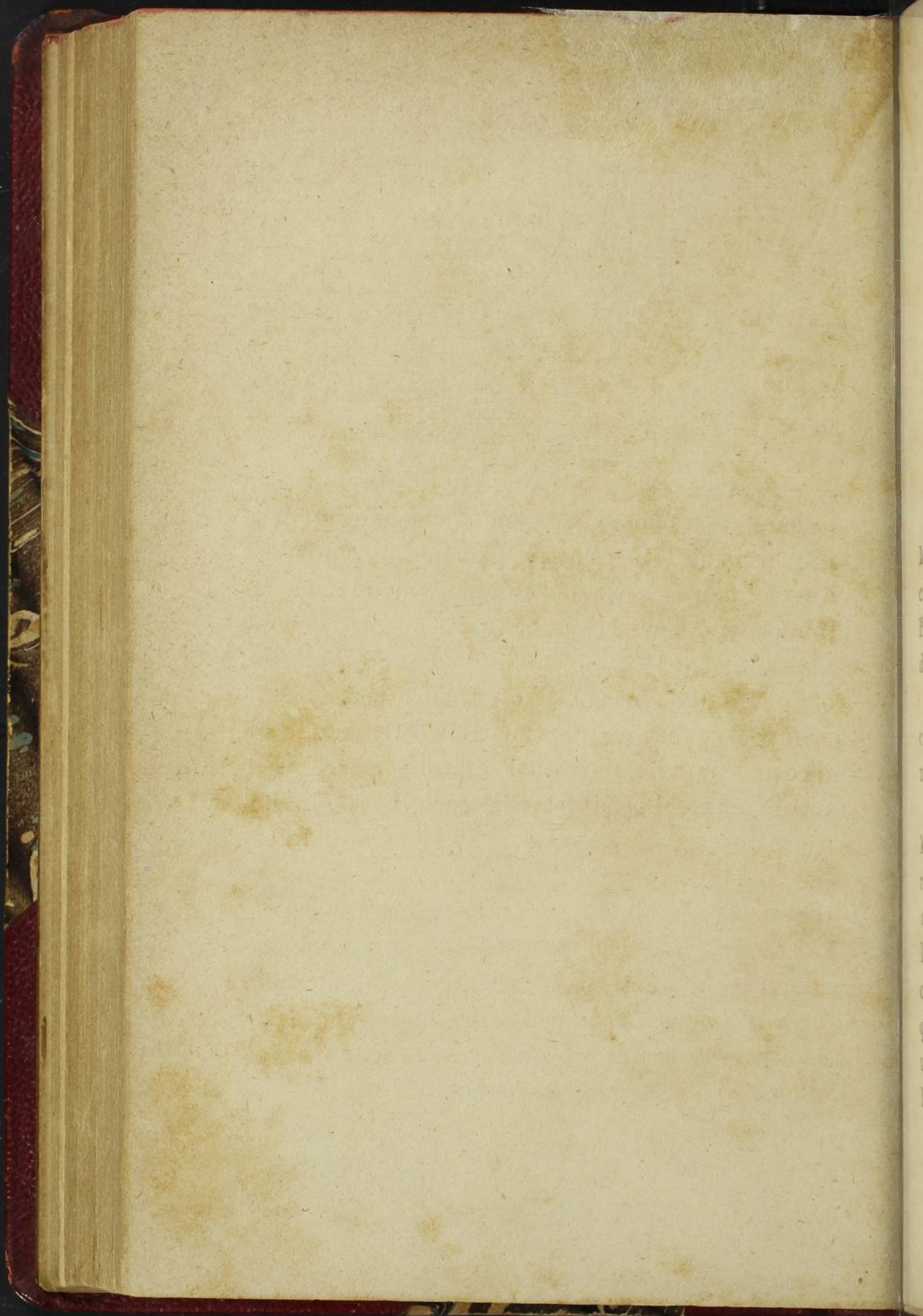
— Elle não está doudo, mas ha de ficar, disse-me o principe. Tenho uma idéa. M^{lle} Armanda volta daqui a um momento. Parece-se vagamente com M^{lle} Mariani. Tem um vestido de filó branco ; dir-lhe-hei que penteie-se á antiga, como a amante de Horacio...

— Não o illudirá, disse eu.

— Talvez. A' meia noite, ella abrirá a porta e atravessará o salão que é apenas allumiado pelo espelho sem estanho. Horacio ouvirá abrir a porta ; apenas vir apparecer Armanda, exclamará que é M^{lle} Mariani.

— Entendo ; soltaremos uma boa gargalhada, o senhor, M^{lle} Armanda e eu.

— Sei que jógo uma partida arriscada, pois incorro na vingança dos espectros, mas realmente é preciso libertar Horacio.



XLVIII

M^{LLE} ARMANDA E M^{LLE} MARIANI

Pelas onze horas tocaram a campainha; era M^{lle} Armanda. O principe deixou-me com Horacio e foi preparar a sua comedia. Quando voltou, Horacio tinha tomado a bengala e o chapéu para descer.

— Daqui a pouco, disse o principe, pois eu descerei com o senhor. Prometti a Armanda ir tomá-la em casa de uma de suas amigas onde ceia-se.

Uma meia hora separava-nos da meia noite. Muito nos custou a reatar o fio vinte vezes interrompido da conversação. Tornamos sem querer ás aparições, depois de havermos fallado de cavallos, caça e castellos. Lamentavamos a vida descuidosa e impracticavel dos antigos castellos em que a Bella encantada podia despertar, depois de um seculo de somno, sem achar que as modas, os habitos e as idéas houvessem mudado muito.

— Sim, disse Horacio entregue á sua idéa fixa, era no bom tempo em que os retratos dos avós sahiam das suas molduras para conversarem ácerca dos netos; em que as nymphas núas das tapeçarias iam aquecer-se ás ultimas brazas da lareira.

Entretanto os ponteiros do relógio marcavam meia noite menos um minuto. Desde alguns instantes vimos que Horacio procurava dominar uma grande agitação. Ergueu-se como que para fugir a si proprio, ou antes, para repellir a legião inteira de espiritos que o assaltava.

O martello do relógio bateu a primeira pancada no timpano melancolico.

Horacio ergueu a cabeça e escutou.

O principe simulou lêr um jornal; eu pousei os cotovellos na mesa como presa de subito scismar.

O martello bateu as doze pancadas.

Nesse momento Horacio, que continuava a passeiar pela sala, estacou como si ouvisse desusado rumor.

Era a porta do salão que se abria.

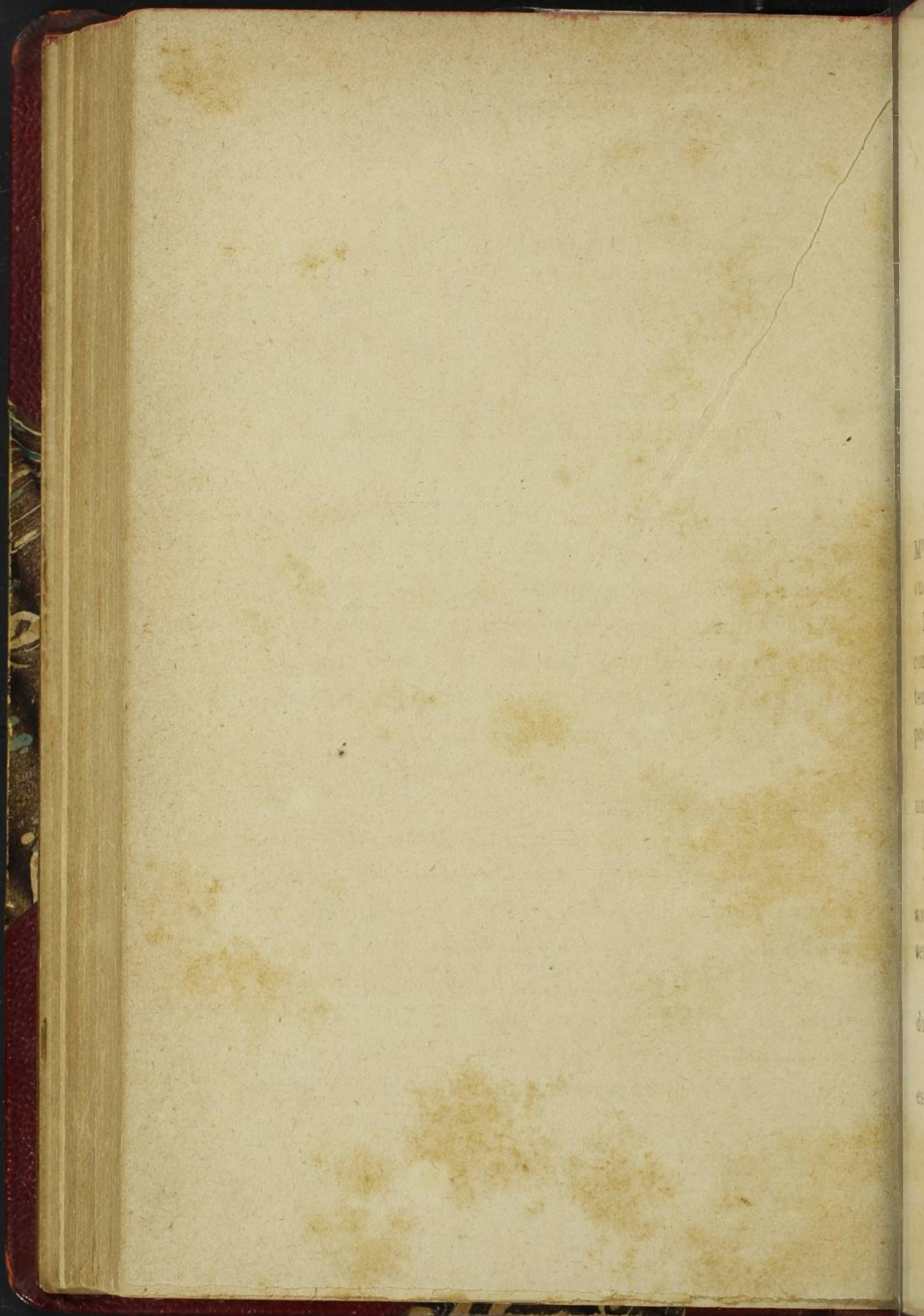
M^{lle} Armanda passou com a presteza de uma dansarina por deante do espelho sem estanho. Não era uma mulher, era uma visão, com o vestido branco e com a pallidez no rosto, pois tivera o cuidado de pintá-lo.

Apenas vimo-la apparecer, Horacio tapou os olhos com a mão com terror.

— Oh meu Deus, é horrivel ! exclamou.

Iamos soltar uma gargalhada ; mas elle gelou-nos de pasmo dizendo :

— E' horrivel ! são duas.



XLIX

DA IMMORTALIDADE DA ALMA

Tomei-lhe a mão e quiz levá-lo até juncto de M^{lle} Armanda; mas elle repelliu-me a mão e recuou atterrado até a outra extremidade do salão.

M^{lle} Armanda correu então para nós, assustada com o grito de Horacio, e demais a mais descontente com o papel que a haviam feito representar, pois ella acreditava em almas do outro mundo.

— Sr. Horacio, não tenha medo de mim; foi uma simples farça.

Horacio deu um passo para a dansarina.

— Não tenho medo da senhora, disse tentando sorrir; mas tenho medo daquella que vi juncto da senhora.

— Pois será possível que o senhor tenha visto duas mulheres?

— Juro-lhes, por minha mãe! Digam-me que estou doudo, prefiro isso. Sim, quando a porta

se abriu, vi pouco e pouco desenharem-se duas fôrmas brancas, vi duas vezes a figura de M^{lle} Mariani. Agora que reconheço M^{lle} Armanda, tenho a explicação da dupla visão. Quizeram curar-me, puzeram-me mais enfermo.

E voltando-se para nós :

— O que dizem a isto, senhores scepticos ?

E eis a perder-nos ainda nas regiões do desconhecido.

— O mundo invisivel só é invisivel para os que não sabem vêr, disse Horacio ; é a historia da grande muralha da China que não inhiibe os chins de verem os tartaros. E' preciso estar iniciado : a iniciação é a vontade. Os cabalistas obrigavam a alma immaterial dos mortos a voltar á terra pela mão do imperio. Ellas, porém, voltam muito bem sósinhas quando querem bradar por vingança, quando querem bradar por justiça, quando querem predizer algum infortunio.

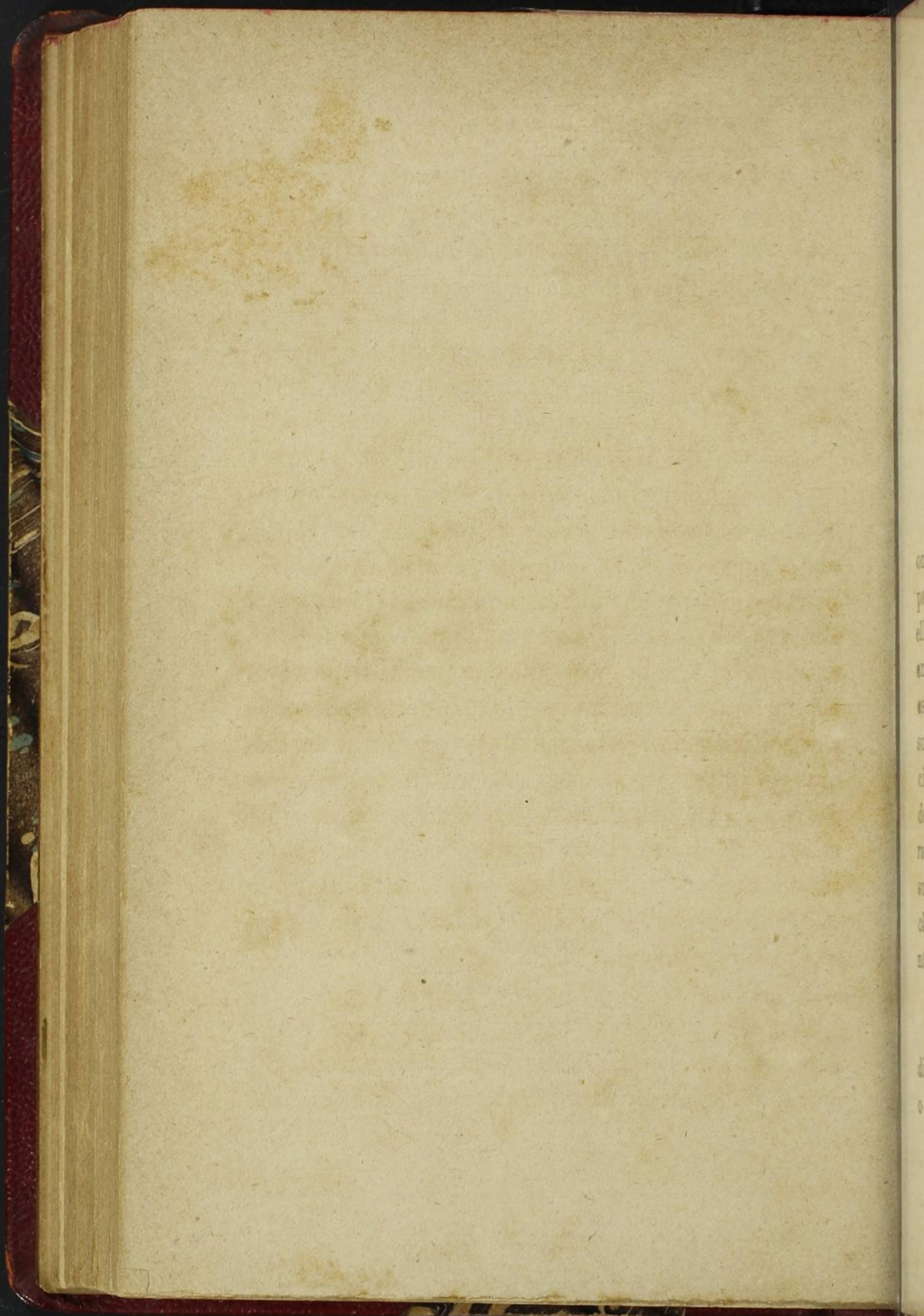
— E' verdade, disse eu. O remorso não está só na alma do criminoso, está tambem em volta d'elle. As sombras vingadoras perseguem-no emquanto elle não se atira com a face no chão com o arrependimento mais absoluto. « Apresta-te para vingar-me apenas me tiveres ouvido, » diz a sombra a Hamlet. Todos os poetas, cabalistas de outra ordem, têm tambem trazido os manes das victimas

a pedirem vingança, como si a morte as não livrasse da acção do criminoso. Mas tudo isto, meu charo Horacio, não passa de poesia. Para que discutirmos hallucinações desses outros comedores de opio, chamados poetas?

— Não ha mais que um passo da vida á morte, disse o principe; ha a mesma distancia da morte á vida.

Na edade média acreditava-se tanto nas relações entre os vivos e os mortos que chegavam a auctorisarem-se casamentos entre pessoas mortase pessoas vivas.

— Os senhores não são capazes de acreditar, continuou Horacio, que, quando eu sonho acordado, succede-me vêr-me com Luciana, eu vivo, ella morta, docemente reunidos em não sei que hymeneu divino. Não hei de viver muito tempo, porque Luciana chama-me, e eu tenho pressa de me ir embora.



L

O TESTAMENTO DE HORACIO

No dia seguinte Horacio voltou para Borgonha, onde, como sabemos, já havia passado alguns dias para esquecer. Mas elle não havia esquecido ; mas elle não esqueceu. Foi em vão que quiz de novo entregar-se á vida da familia ; o pae deu-lhe a sua espingarda e os seus cães ; a mãe embalou-o na sua sollicitude e adormeceu-o com as suas caricias ; a irmã, que ia casar-se, tentou crear-lhe em derredor todo um mundo povoado de louras esperanças. Fê-lo prometter que havia de dansar nas suas bôdas. Mas não havia ainda oito dias que chegára ao seio da familia e já cahia doente para não tornar a levantar-se.

A agonia durou-lhe dous mezes.

Escreveu-me duas cartas que são por assim dizer a sua confissão e o seu testamento. Eis o final da segunda carta, datada de 23 de Janeiro :

« Não te esqueças de vir ao meu enterro. Ainda ha pouco meus quatro medicos, que continuam a ser os mesmos medicos de Molière, enterneceram-se muito em minha presença por amor da guerra das Indias. Disputaram ácerca da cauda do cometa; os dous mais velhos affirmavam que a do de 1811 era muito mais comprida, tão certo é que as cousas do passado supplantam sempre as do presente, na opinião dos que se vão embora. — Ah! meu charo amigo, é triste a gente ir se embora, mas é triste ficar quando se jogou mal a partida da vida. — Consequentemente, vou-me embora: si queres dizer-me adeus, vem depois de amanhã antes da meia noite, pois essa será a minha hora derradeira. Não preciso dizer-te que morro visionario; mas fica socegado, *eu não hei de voltar.*

« Luciana disse-me: *Eu vou-me embora, mas hei de voltar.* Vou por minha vez, para que ella não volte mais.

« Já lêste o Apocalypse de São João? Deus promette ao grande visionario mostrar o seu amor aos seus escolhidos. Far-lhes-ha uma dadiva digna de suas obras.

« — Dar-lhe-hei, diz Deus, a Estrella da manhã. Qual é o poeta que diz, deante da noite no tumulto:

Haveis de despertar-me, roseos dedos da aurora!

« Eu tambem creio no dia seguinte: a branca aurora com dedos roseos é Luciana que me chama.

« Não entres, si quizeres, na egreja de Swedenborg, mas não te rias demasiado no limiar. O dogma de Swedenborg tem suas raizes na sciencia e na philosophia. Morrer, para elle não é resnāscer, é continuar a viver. Somnambulo lucido da eternidade, elle vê atravez dos tempos quanto se passa nos espaços celestes. Swedenborg não é afinal o unico que collocou no homem um olhar interior. Todos os videntes compartilham a sua confiança. Cada homem tem em si a pythonissa do porvir. Basta apenas evocá-la; basta fornecer-lhe a tripode de ouro para que ella profira os seus oraculos. Swedenborg viu muito, porque muito amou. O amor é a janella da alma; quando essa janella se abre, a luz entra, — essa luz, diz Swedenborg, é o proprio Deus.

« Si fallares algumas vezes de M^{lle} Mariani, dize que era uma bella alma, pois morreu com o heroismo de Lucrecia. Ah! meu charo amigo, como a amei depois que morreu! Quem acreditaria o anno passado, no castello da *Favorita*, que eu mataria essa desditosa Luciana e que

ella matar-me-hia por sua vez! Oh! destino! si eu nesse dia não tivesse feito saltar a banca, não me enamoraria de M^{lle} Mariani. Um az de espadas em vez de uma dama de copas, e eu não a houvera encontrado; algum bonito rapaz desposá-la-hia com religião, ella seria feliz com o casamento e daria a sua formosa alma aos filhos. Eu voltaria para Pariz, onde meu pae me esperava, envergonhar-me-hia da minha ociosidade, tomaria a vida ao serio, e minha mãe não esconderia a cabeça nas mãos para chorar como está fazendo agora.

« Adeus! adeus! Si voltares a Bade, põe por mim cinco luizes emcima do numero 26, pois morro aos vinte seis annos. Si sahir o numero 26, has de dar 3,600 francos ao primeiro pobre que encontrares. »

Horacio morreu, como tinha predito, no sabado, á meia noite.

M^{lle} Mariani estará vingada?

EPILOGO

O leitor não esqueceu-se talvez de que esta historia foi contada em um salão do arrabalde Saint-Germain, por um secretario de legação, deante de um audictorio muito variado, que, sem duvida, vivêra muito pouco entre o Tortoni e a Opera.

Si ninguem havia pedido os cavallos, como o Sr. de Buffon durante a leitura de *Paulo e Virginia*, mais de um dera signaes de impaciencia.

— Acabei, disse de subito o secretario de legação. Agora, si querem ver o retrato de M^{lle} Mariani, aqui está.

E poz-se a desenhar com lapis carinhoso o formoso semblante de Luciana.

— E' realmente ella, continuou ; apanhei bem fielmente as feições e expressão.

Todos admiraram M^{lle} Mariani sob o lapis do seu historiador.

— Mas onde está a moralidade? perguntou um fidalgo camponez que levára a dormir.

— Confesso-lhes, meus senhores que tanto se interessam pela moralidade, que só me preoccupei com a verdade narrando-lhes esta historia. Os senhores fallaram da vingança das mulheres, contei-lhes esta, que attinge ao heroismo, por isso que ha aqui todos os sacrificios, até o da vida até o da honra.

— Ora a moralidade! disse o Sr. Prudhomme (pois o Sr. Prudhomme tem proliferado; encontram-se hoje descendentes seus em todas as regiões do povo mais espiituoso da terra); a moralidade é com que menos se importam os narradores de hoje. Faltam com o respeito ás senhoras; já se não colhe com mão delicada a delicada flor da galantaria; parecem desconhecer as virtudes deste sexo encantador a que devemos nossas mães, si posso esprimir-me assim juncto do poeta das senhoras.

O secretario de legação beni quiz pôr-se ao nivel do defensor das damas.

— Mas, senhor, parece-me que não offendi o « sexo encantador », cuja causa o senhor advoga tão poeticamente? Mercê de Deus, creio ter

vestido as minhas phrazes com todas as roupas da decencia.

— Dê-me licença, senhor, disse um ex-moço que tomava a mascara de avisado; o senhor levou-nos ao baile da Opera e á casa da Sra. Rocha Tarpeia; não estamos habituados a taes peregrinações. Realmente a paixão altiva e selvagem da sua heroína já não está em voga.

— O senhor não comprehende os grandes caracteres, os que ultrapassam os moldes quer pela paixão quer pela virtude...

— Senhor! interrompeu o descendente de José Prudhomme, pois atreve-se a pronunciar esta formosa palavra *virtude* deante de M^{lle} Mariani?

— Sim, senhor; já que querem os pontos nos *ii*, digo como Horacio: que M^{lle} Mariani teve a virtude de Lucrecia na sua heroica vingança. Não será então uma virtude da alma sacrificar tudo a uma paixão immortal, quando sabe-se o preço do sacrificio? Saber amar assim; não é abater-se, é elevar-se. Supponho que M^{lle} Mariani andaria melhor si ficasse em casa de sua mãe e lá morresse de pezar, pois que não podia sobreviver ás traições de Horacio. Mas não houvera ferido Horacio com o mesmo golpe. Si os senhores não comprehendem esta grandeza de alma, remetto-os para todas as historias

enfadonhas dos romantiqueiros de meninas. Esses é que são narradores perigosos. Adormentam as imaginações; derramam, com as suas scismas enervadoras, a voluptuosidade nas almas; em vez de armarem o coração com os grandes exemplos, assediam-no com ninharias sentimentaes.

— E' exactamente esta a minha opinião, disse a moça,— a que não tinha esquecido o seu catechismo.— A morte de M^{lle} Mariani é uma grande lição para quantas não têm animo de dominar o coração.

— Calluda! disse uma duqueza, eis uma menina que se lembra de fallar no coração humano. Mas tem razão, minha filha; o coração é um máu companheiro de viagem, que só gosta dos precipicios. Quanto a mim, preferia governar uma caleça com quatro cavallos nos Campos Elyseos a governar o meu coração no inferno pariziense; porisso, quando saio, nunca lhe dou licença de sahir commigo.

Um moço, que se conservára silencioso juncto da chaminé, tomou assim a palavra:

— Não sei si a historia de M^{lle} Mariani salvará algumas dessas moças que gostam em demasia da valsa em dous tempos e que se entregam gostosamente no perigo da travessia,

suppondo que é sempre tempo de ganhar a margem; o que sei é que a historia de Horacio é pouco mais ou menos a historia de todos nós ha uns dez annos. Temos levado essa louca existencia que nos desperdiça alma e coração. Ha vinte annos era a enfermidade da vida que dezimava as melhores intelligencias; mas ao menos era um mal divino, si assim posso dizer; era a enfermidade de Mimosa aspirando á terra natal, aspirando ao céu, aspirando ao infinito. Hoje a enfermidade é mais terrivel, porque dá-se melhor comnosco a principio. Afferra-se a nós ao sairmos do collegio; accende-nos o charuto em caminho da Faculdade de direito; ensina-nos a legislação do Château-des-Fleurs; mostra-nos como se desatam as mascaras no baile da Opera; empresta-nos dinheiros para jogarmos em Bade; inicia-nos na sciencia, desconhecida até aqui, de pôr fitas na casa dos botões sem ter a ellas o menor direito, quer pelo trabalho, quer pelo heroismo, quer pelo genio. E' divertido esse misero camarada que zomba da vespera e que affronta o dia seguinte, que faz do dia noite e da noite dia, como si tivera medo da verdadeira luz; esse espirito máu que baptizou o filho prodigo e a cortezá, esse flagello que é mister combater até ao limiar da porta da

familia, terei necessidade de dizer-lhes como se chama? Chama-se a OCIOSIDADE.

E, voltando-se para o secretario de legação, o moço acrescentou:

— Senhor, agradeço-lhe haver-nos contado esta historia.

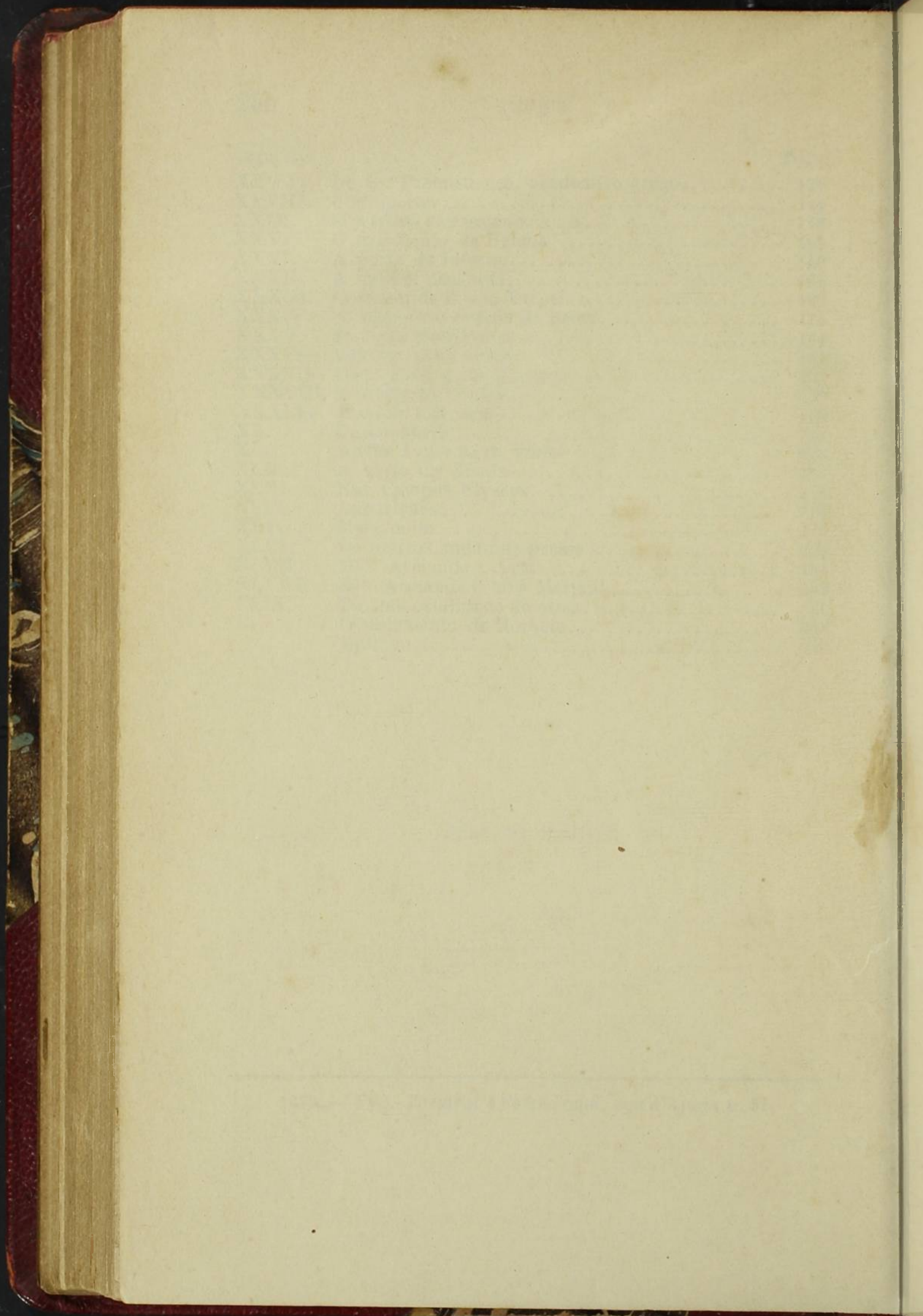
FIM.

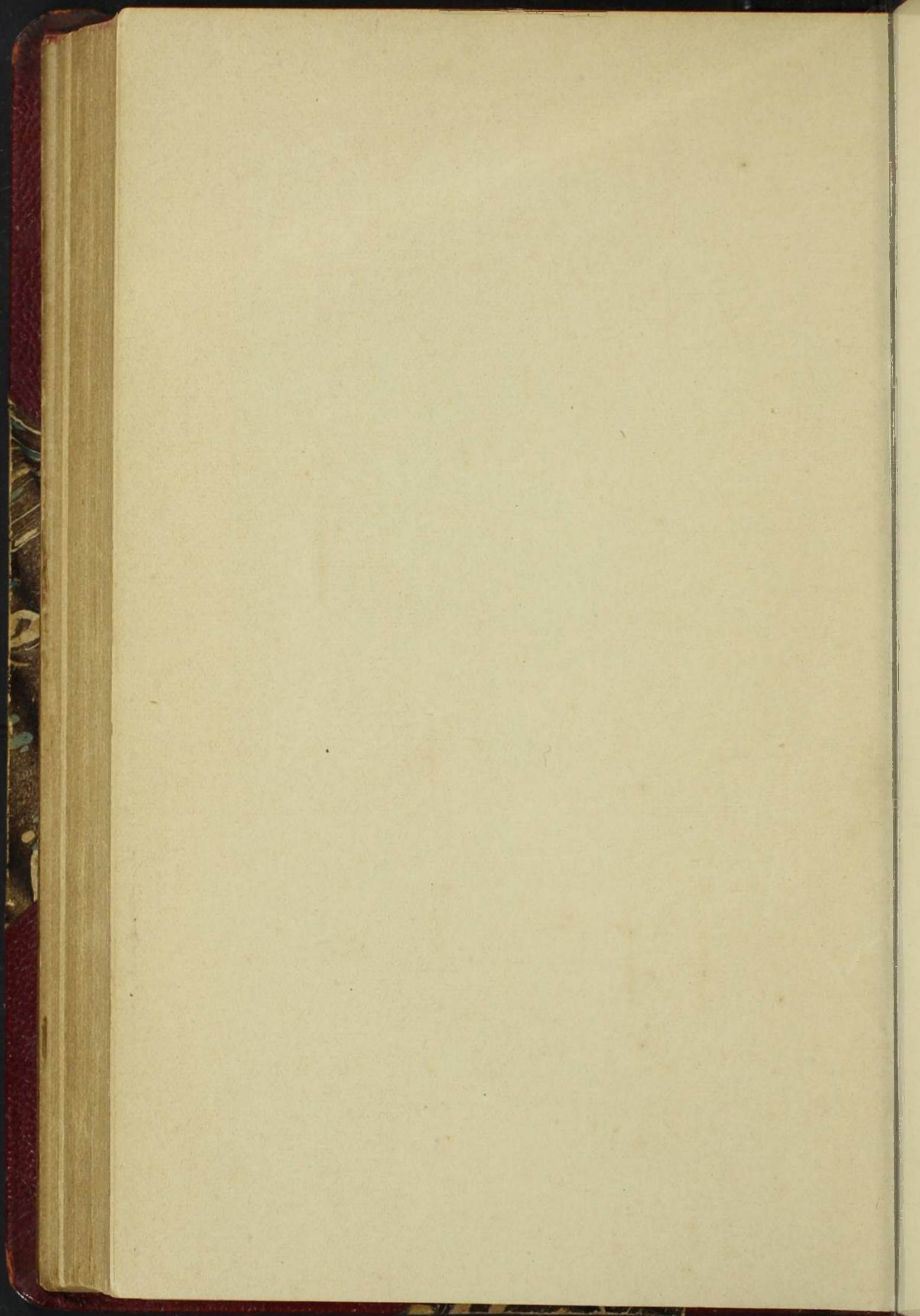
INDICE

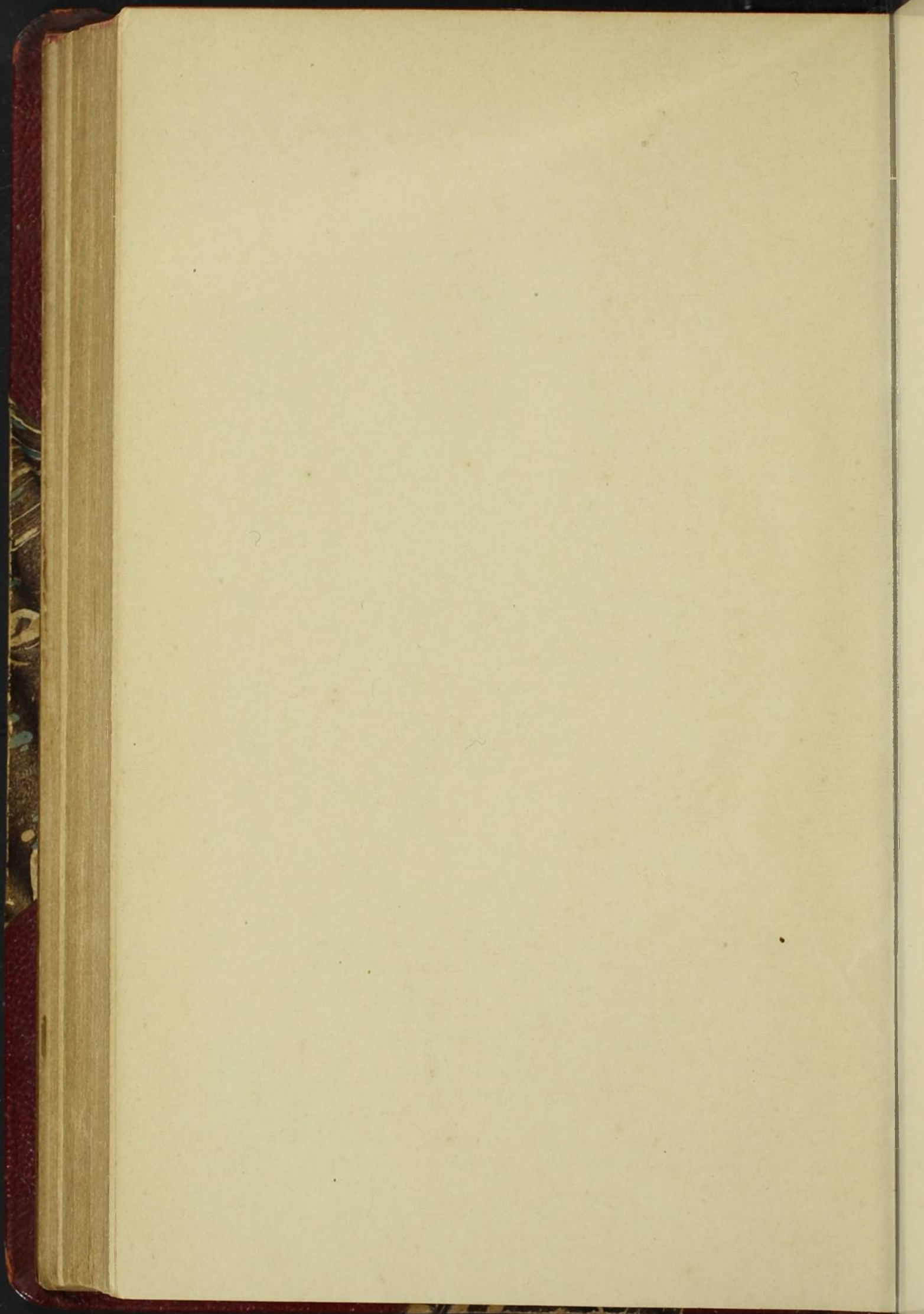
Capitulos	Pags.
I.	O conde Horacio de ***..... 7
II.	Em que a fortuna appresenta-se como dama de copas..... 11
III.	Mlle Luciana Mariani..... 19
IV.	A lenda da Favorita..... 25
V.	Os festins nocturnos..... 28
VI.	Primeiro raio do sol..... 32
VII.	Mlle Olympia..... 35
VIII.	Os su'õs dourados pelo processo Ruolz..... 39
IX.	Em que Mlle Mariani esquece Bossuet..... 44
X.	Primeiras lagrimas de amor..... 49
XI.	Verdades mentirosas. 53
XII.	Temeridades da Borrallheira..... 58
XIII.	O baile da Opera e o baile da Municipalidade.... 62
XIV.	Da influencia da atmospherã sobre o coração humano 68
XV.	Uma academia — grega em Pariz..... 71
XVI.	O ciume veneziano..... 75
XVII.	Confissão de um filho do seculo..... 80
XVIII.	A pagina da felicidade..... 84
XIX.	Em que se prova que ás moças é muito difficil pagar as suas fitas..... 87
XX.	Os retratos a pastel..... 91
XXI.	Mlle de Montducaton..... 96
XXII.	A theoria do casamento posta a prova..... 103
XXIII.	O espirito e o coração..... 108
XXIV.	Como Heitor desempenha o papel do destino.... 115
XXV.	Em que o Sr. H*** evoca o diabo..... 122
XXVI.	Philosophia transcendental de um salão da moda, 128

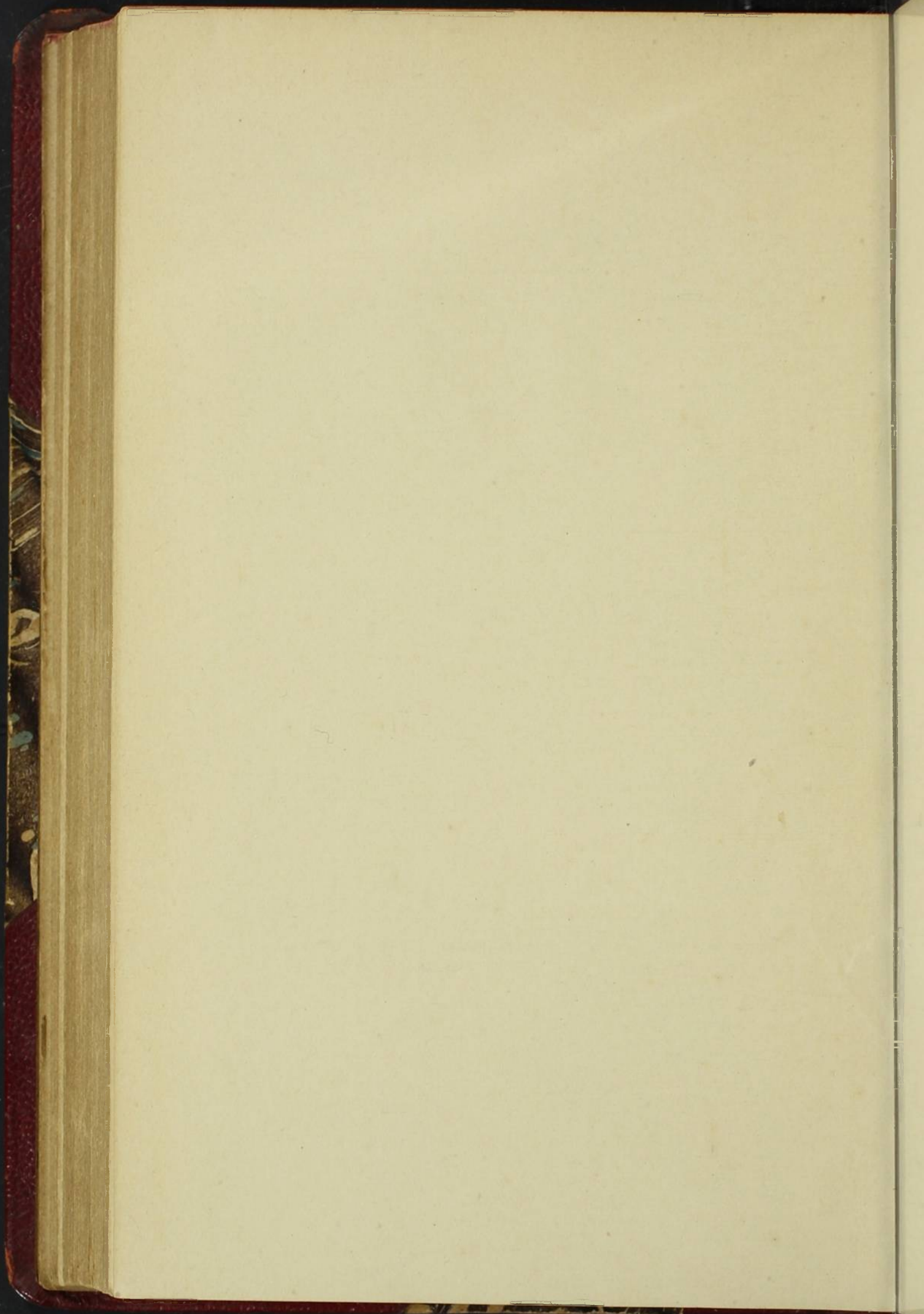
Capitulos	Pag.	
XXVII.	Do Sr. Themistocles, academico grego.....	139
XXVIII.	O despertar.....	146
XXIX.	O estylete circassiano.....	149
XXX.	O casamento de Helena	155
XXXI.	A porta do inferno.....	159
XXXII.	A mulher decahida.....	165
XXXIII.	O festim da Rocha Tarpeia.....	269
XXXIV.	A veneziaua depois da persa.....	173
XXXV.	Punição de Horacio.....	181
XXXVI.	Sangue sobre rosas.....	184
XXXVII.	Derradeiro grito de amor.....	187
XXXVIII.	A morte de Luciana.....	189
XXXIX.	Horacio e Heitor.....	196
XL.	Duplo duello.....	202
XLI.	Adêus á que ha de voltar	209
XLII.	A carta da fnada.....	214
XLIII.	Nos Campos Elyseos.....	218
XLIV.	Apparições	216
XLV.	Meia noite.....	229
XLVI.	Os mortos andão de pressa!.....	226
XLVII.	M ^{lle} Armanda.....	231
XLVIII.	M ^{lle} Armanda e M ^{lle} Mariani.....	233
XLIX.	Da immortalidade da alma.....	231
L.	O testamento de Horacio... ..	243
	Epilogo.....	249

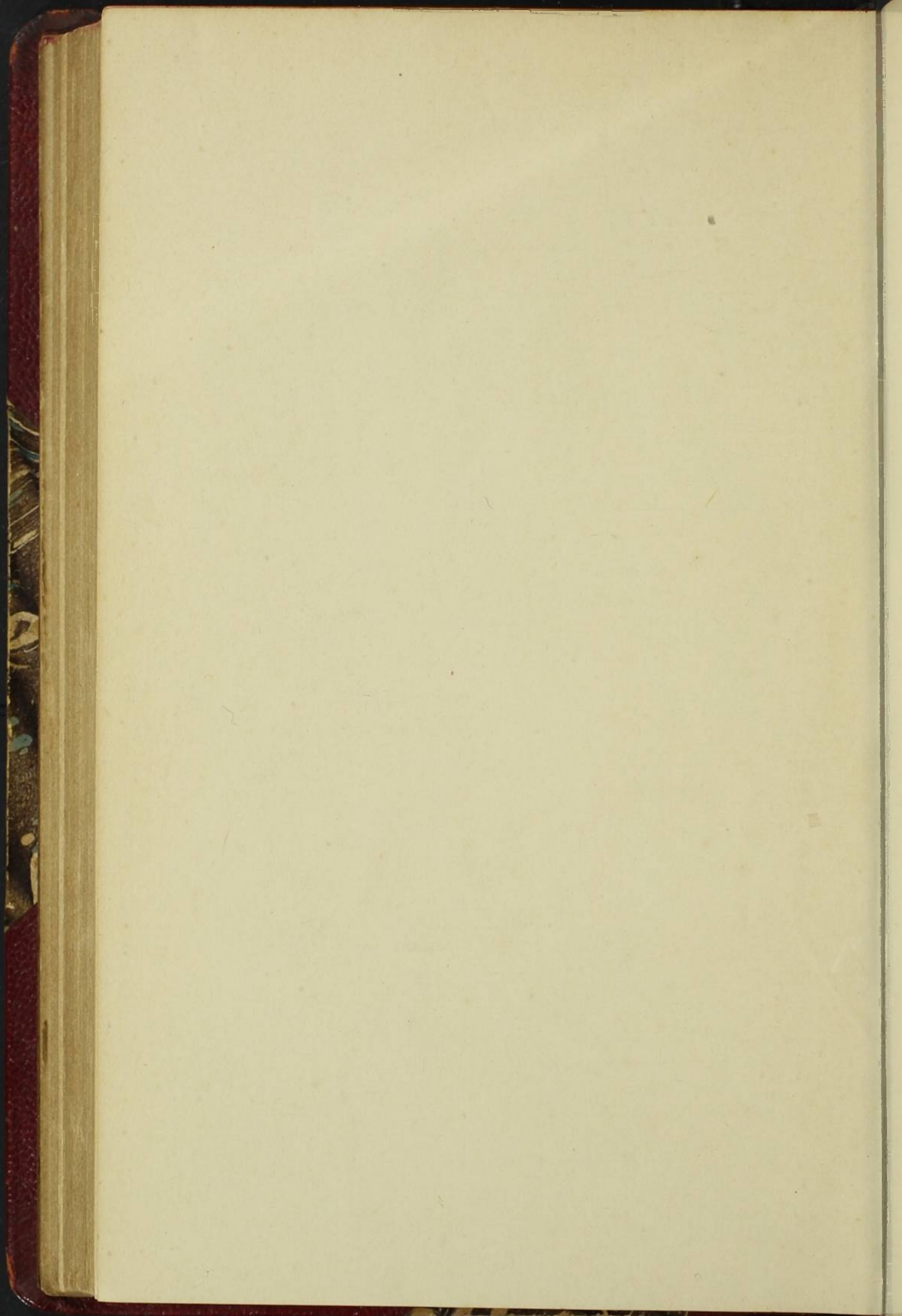
FIM DO INDICE.

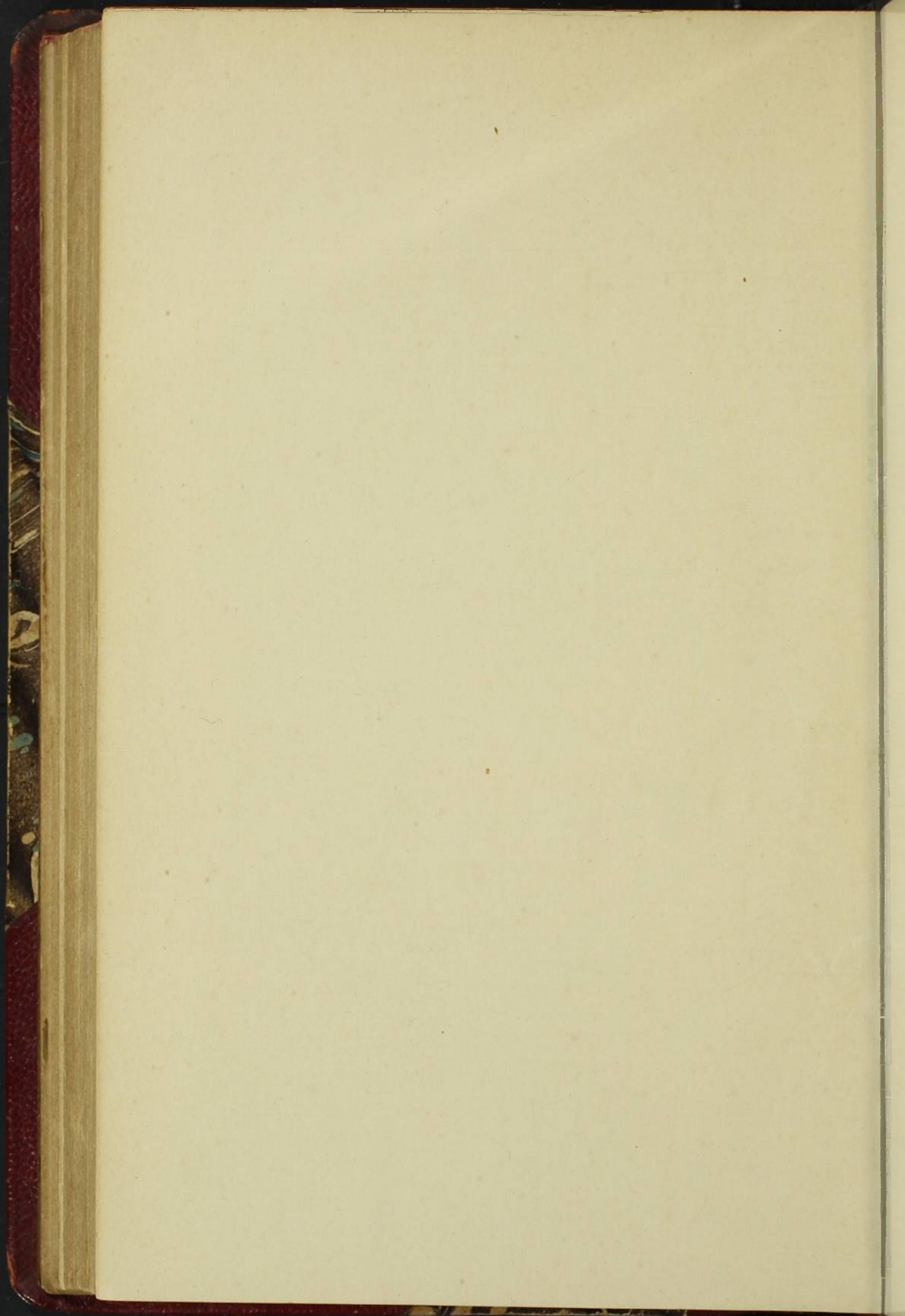


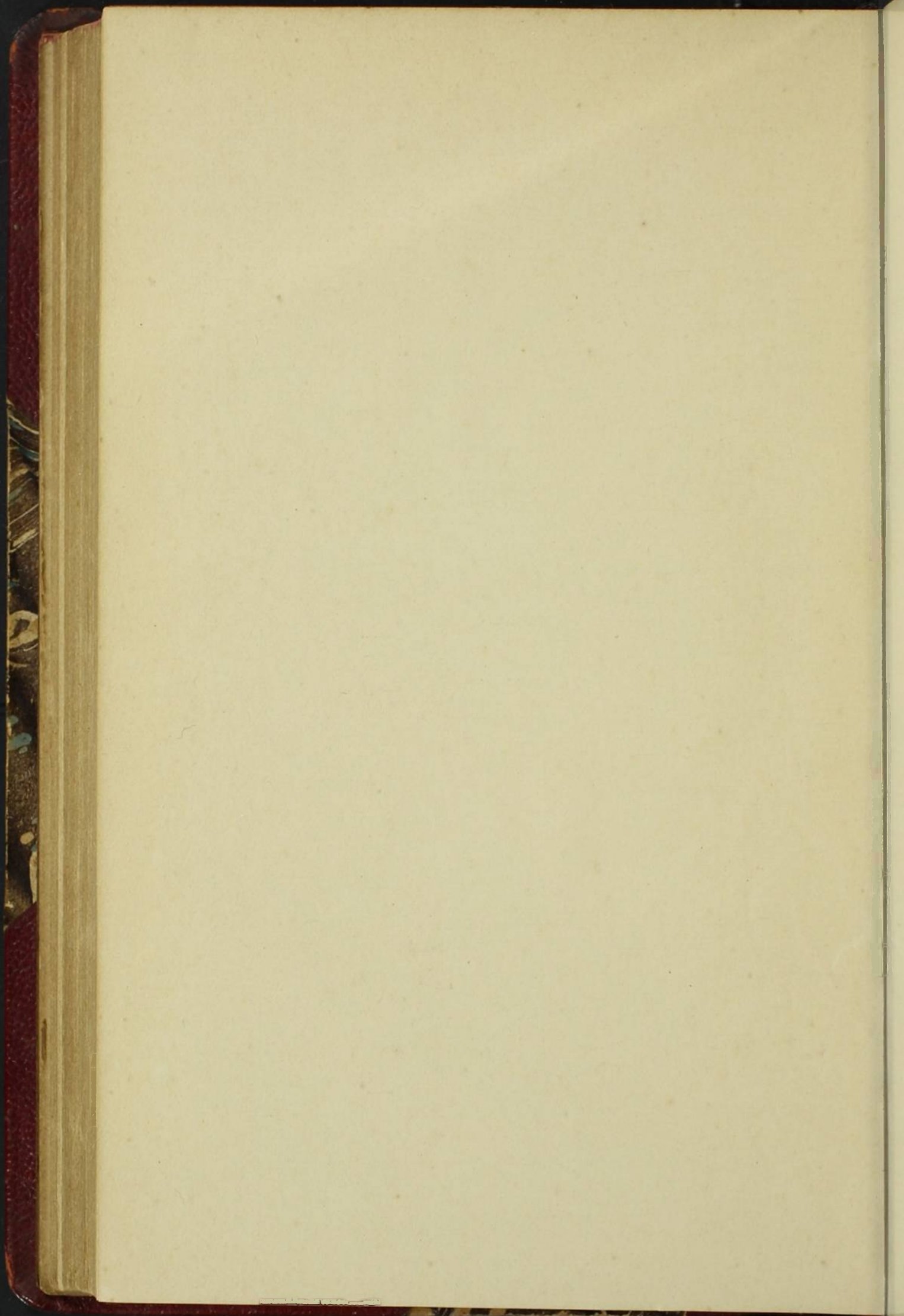


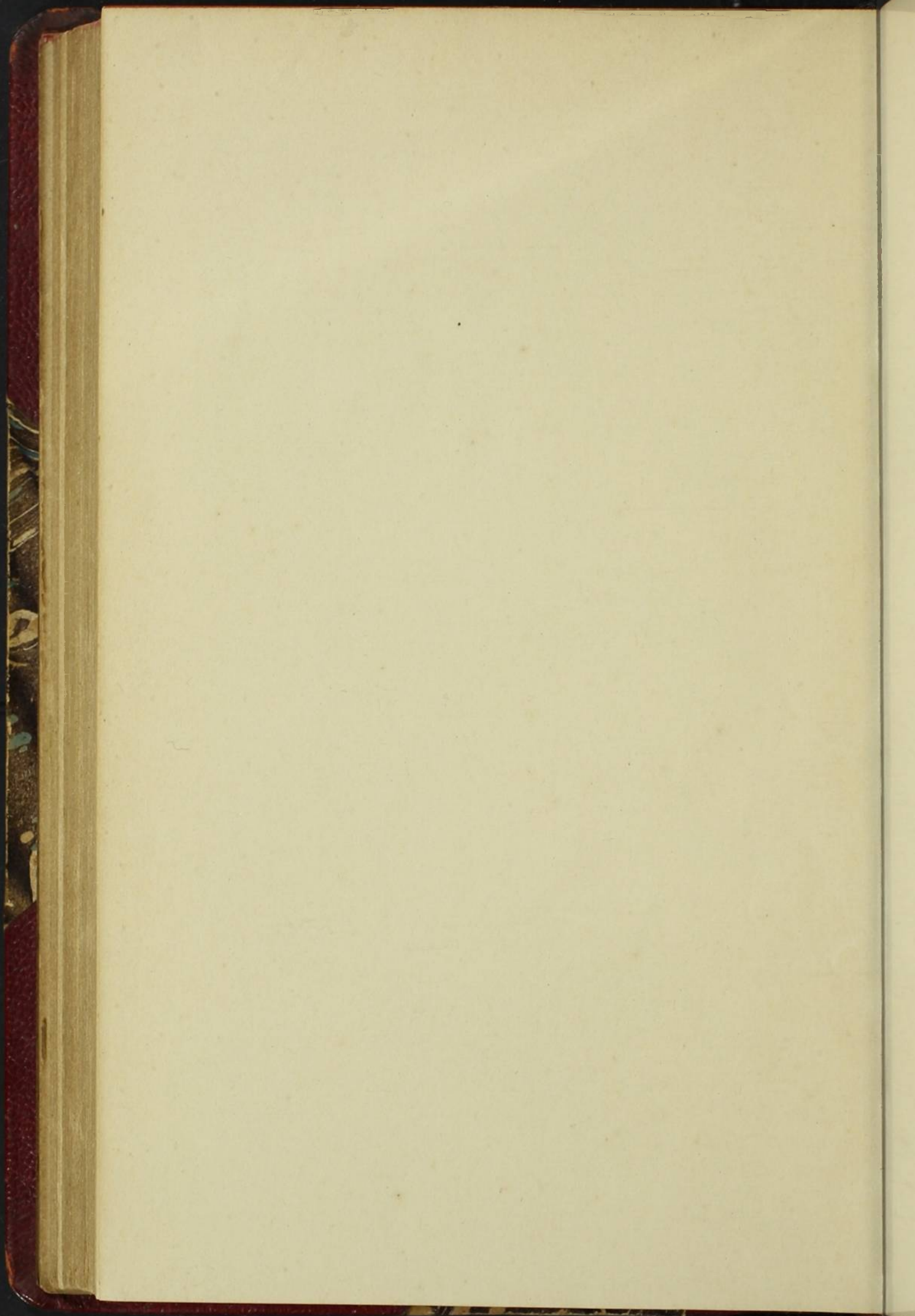


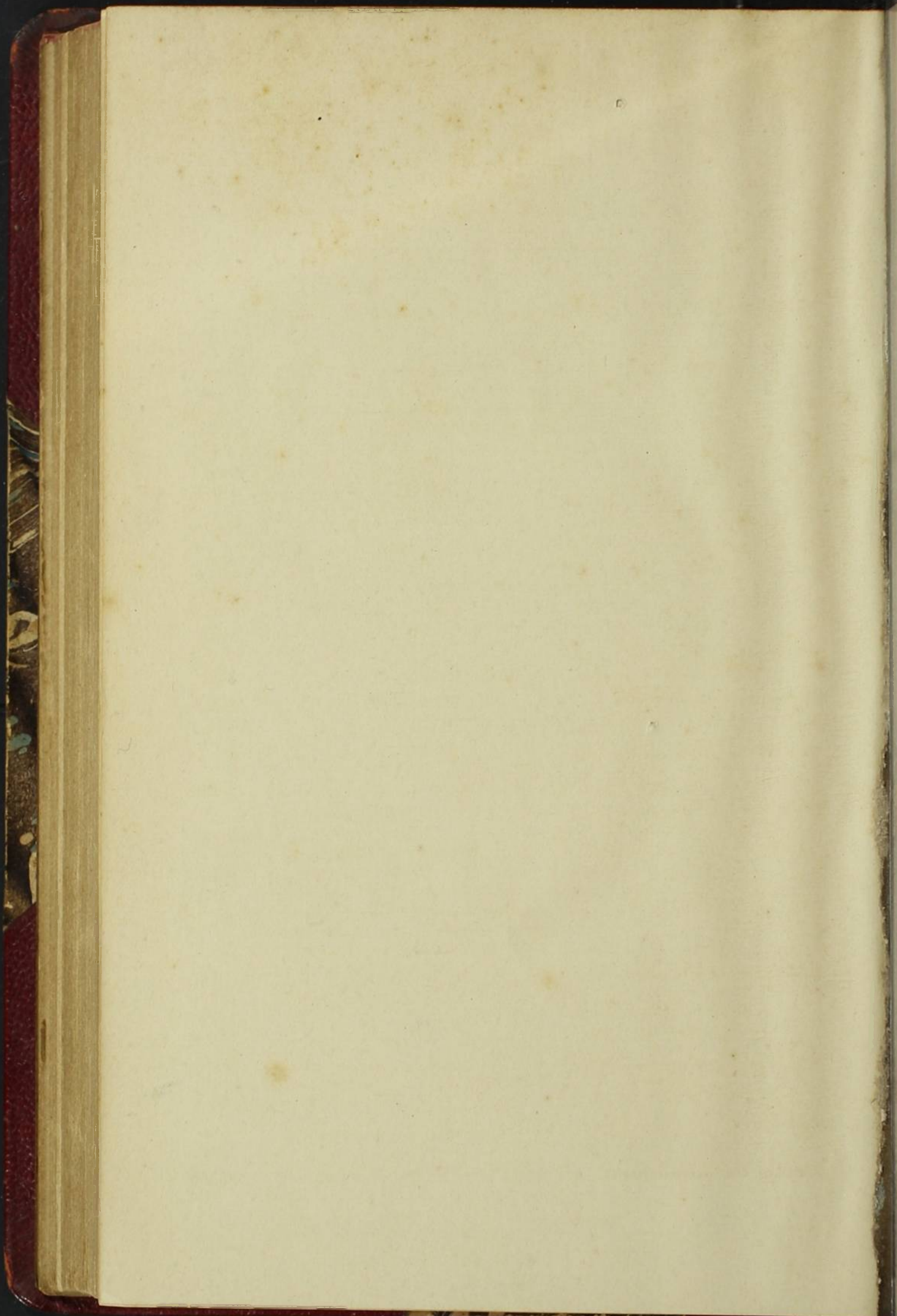












BIBLIOTHECA UNIVERSAL

COLLECCÃO EM 8° A 2\$000

O VOLUME BROCHADO

Alencar (J. de) Ermitão da Gloria, A Alma do Lazaro. 1 v. enc.....	3\$000
— Ubirajara, lenda Tupy. 1 v. in-8° enc.....	3\$000
— O Garatuja, chronicas dos tempos coloniaes. 1 v. enc..	3\$000
— Iracema, lenda do Ceará, 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
— Viuvinha e os cinco Minutos, 2ª edição. 1 v. enc....	3\$000
— As Minas de Prata, rom. historico. 6 v.....	16\$000
Senio. Guerra dos Mascates. 2 v. enc.....	6\$000
— O Gaúcho, romance brasileiro. 2 v. enc.....	6\$000
— A Pata da Gazella, romance brasileiro. 1 v. enc.....	3\$000
— O Tronco do Ipé, romance brasileiro. 2 v. enc.....	6\$000
— Sonhos d'ouro, romance brasileiro. 2 v. enc..	6\$0 10
Azevedo (M. de). Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. enc....	3\$000
— Lourenço de Mendonça, rom. historico. 1 v enc....	3\$000
— Criminosos Celebres. Episodios historicos. 1 v. enc...	3\$000
— Curiosidades Brasileiras. 1 v. enc.....	3\$000
Binarte (Silvio). Mocidade de Trajano. 2 v. enc.....	6\$000
— Historias Brasileiras. 1 v. in-8° enc.....	3\$000
Gontran Borys. Os Vadios de Paris. 2 v. enc.....	6\$000
Gabriel Ferry. O Mateiro ou os Bandeirantes. 3 v. enc..	9\$000
Pinheiro Junior, Primicias, poesias. 1 v. enc.....	3\$000
Gaboriau (E.). O Crime d'Orcival. 1 v. enc.....	3\$000
Guimarães (Bernardo). O Seminarista, romance brasileiro. 1 v. enc.....	3\$000
— Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombolas, a Garganta do inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc...	3\$000
— O Garimpeiro, romance. 1 v. enc.....	3\$000
— Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. enc.....	3\$000
Guimarães Junior. Historias para Gente Alegre, 2 v. enc.	5\$000
— Curvas e Zig-Zags, caprichos humoristicos. 1 v. enc.	3\$000
— Contos sem pretensão. 1 v. enc.....	3\$000
— Filigranas. 1 v. enc.....	3\$000
Borreau (J. B.). Como e porque me tornei espirita, com fac-simile dos authographos da escripta directa de um espirito familiar. 1 v. in-8° enc.....	2\$000
Gautier (Theophilo) Mademoiselle de Maupin, trad. de Salva- dor de Mendonça 1 v. enc.....	3\$000
Lucio de Mendonça. Alvorada 1 v. br. 2\$000 e enc.....	3\$000

Arsenio Foussaye. Mademoiselle Cleopatra, historia parisiense. 1 v. enc.	3\$000
— Mademoiselle Mariani, historia parisiense. 1 v. enc.	3\$000
Liuis (Eim.). Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas. Versão de Abrianches Gallo. 1 v. enc.	3\$000
Macezo (J. M.). Um Noivo a duas Noivas, romance. 3 v. enc.	8\$000
— A nanoradeira, romance. 3 v. enc.	8\$000
— As Mulheres de Alentilha, romance historico. 2 v. enc.	5\$000
— A Luneta Magica, romance. 2 v. enc.	5\$000
— A Moreninha. 1 v. com estampas, enc.	8\$000
— Culto do Dever. 1 v. enc.	3\$000
— Memorias do Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc.	5\$000
— O Moço Loiro. 2 v. enc.	5\$000
— Os Deus Amores. 2 v. enc.	5\$000
— Nina. Romance. 2 v. in-8º enc.	5\$000
— Romances da semana. 1 v. enc.	3\$000
— Rosa. 2 v. enc.	5\$000
Albérico Secchi. O Dia de São Nunca, romance, versão de Salvador de Mendonça. 1 vol. enc.	3\$000
Machado de Assis. Resurreição. 1 v. enc.	3\$000
— Histórias da Meia-noite. 1 v. enc.	3\$000
— Chrysalidas, poesias. 1 v. enc.	3\$000
Pereira da Silva. Asposia, romance. 1 v. enc.	3\$000
— Jeronymo Corte Real. 1 v. enc.	3\$000
— Manoel de Moraes. 1 v. enc.	3\$000
Rozendo Maniz. Favos e Travos, 1 v. enc.	3\$000
Teixeira e Souza. Maria ou a Menina roubada, 1 v. enc. ..	2\$500
— O Filho do Pescador, 1 v. enc.	2\$500
Valmont (V.). O Espião Prussiano, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Pruseiana; traduzido por V. Colonna 1 grosso v. enc.	3\$000
Verne (Julio). Viagem ao centro da terra. 1 v. enc.	3\$000
— A Ilha Mysterosa, 1 v. enc.	3\$000
— Viagem ao redor do mundo em 80 dias, 1 v. enc.	3\$000
— Os filhos do capitão Grant, 3 v.:	
— A America do Sul. 1 v. enc.	3\$000
— A Australia. 1 v. enc.	3\$000
— O Oceano Pacifico. 1 v. enc.	3\$000
— A Terra das Pelles. 2 v. enc.	6\$000
— Da Terra a Lua. 1 v. enc.	3\$000
— O Doutor Ox, seguido de: Mestre Zacharias; Uma invernoagem ngs gelos; Um drama nos ares. 1 v. enc.	8\$000
— Ao Redor da Lua. 1 v. enc.	3\$000
— Aventuras de tres Rusos e de tres Inglezes. 1 v. enc. ..	3\$000
— Cinco semanas em Baliao. 1 v. enc.	3\$000
— Uma Cidade Fluctuante. 1 v. enc.	3\$000

6

